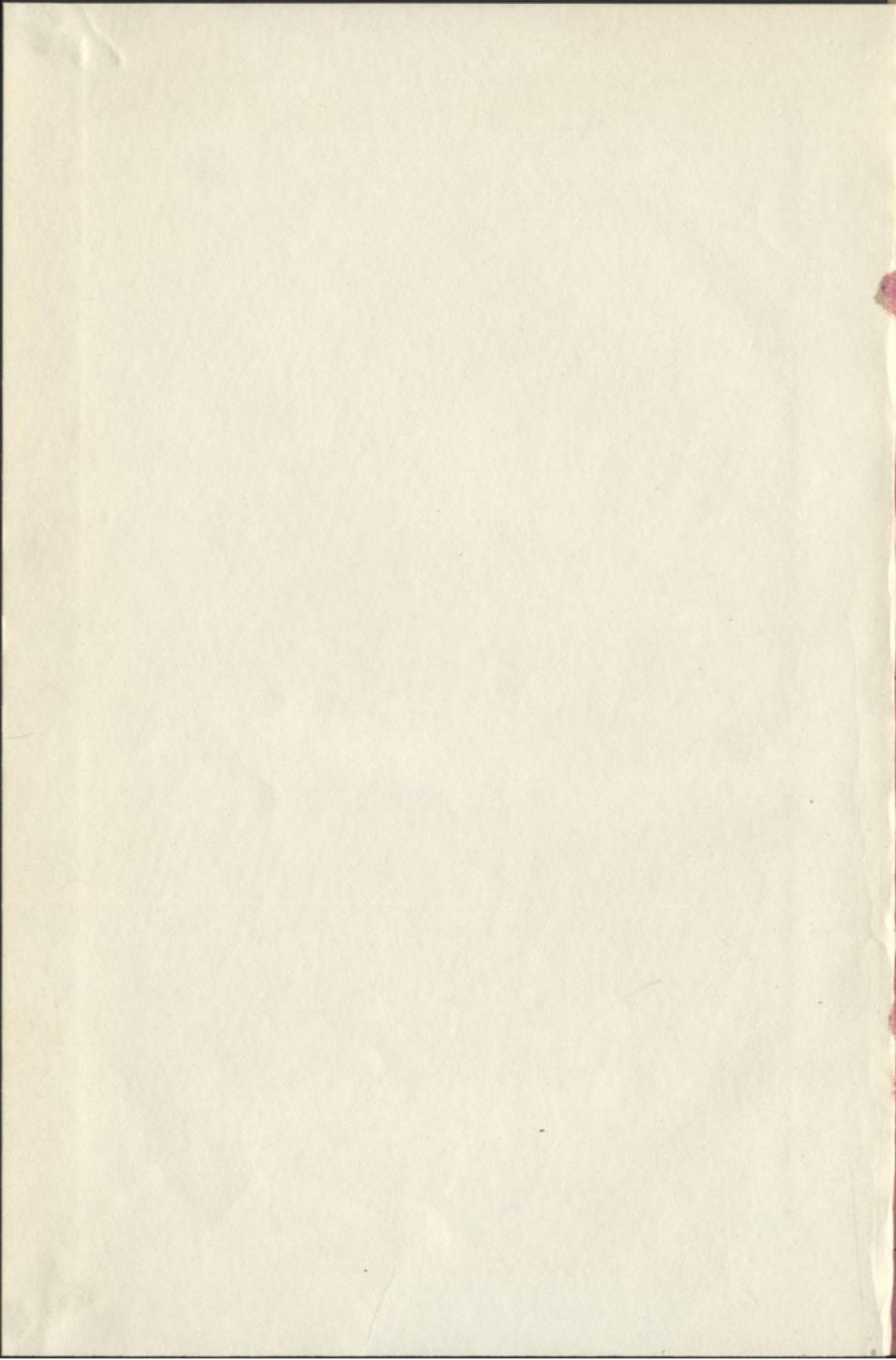


LITTERATURA OCCIDENTAL

SCIENCIAS, LETTRAS E ARTES



10  
9  
15-



25 - 11/11 - 77

# LITTERATURA OCCIDENTAL

## SCIENCIAS, LETTRAS E ARTES

1.ª SERIE—FASCICULO 1.º

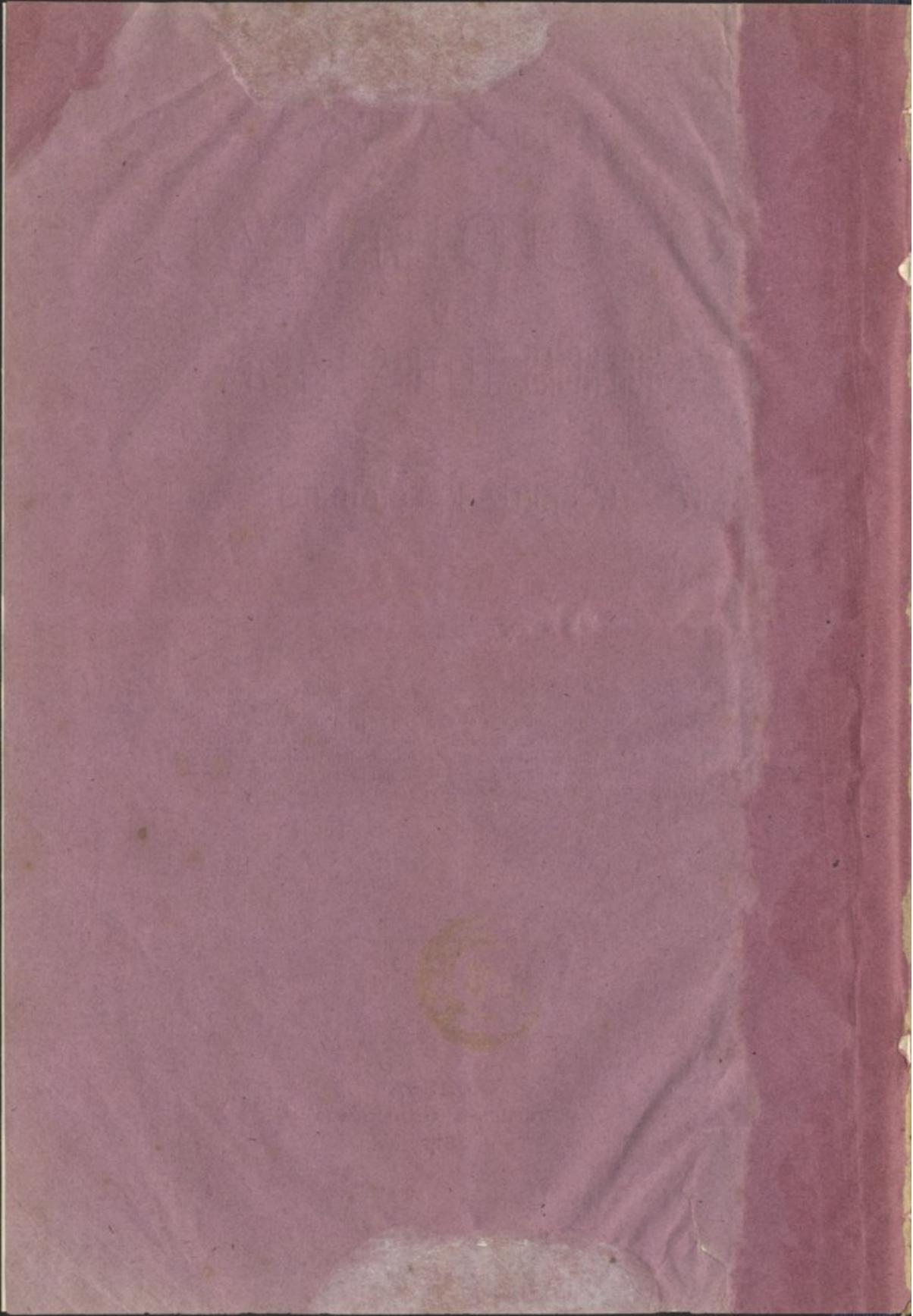
### SUMMARIO

*Introdução.*—*Anarchia d'exame*, Alexandre da Conceição.—*O somnambulo* (poesia), Silva Ramos.—*A evolução do romantismo em Portugal*, Sergio de Castro.—*A uma defunta* (poesia), Coelho de Carvalho.—*Costumes Madrilenos*, de Magalhães Lima (critica), D. Guiomar Torresão.—*Suspeita* (poesia), Nunes da Ponte.—*Folhas de Rosa*, dr. José Frederico Laranjo.—*Desalento* (poesia), A. de Macedo Papança.—*Traços*, Julio Cesar Machado.—*Esphinge* (poesia), Gonçalves Crespo.—*Explorações oceanicas*, Luciano Cordeiro.

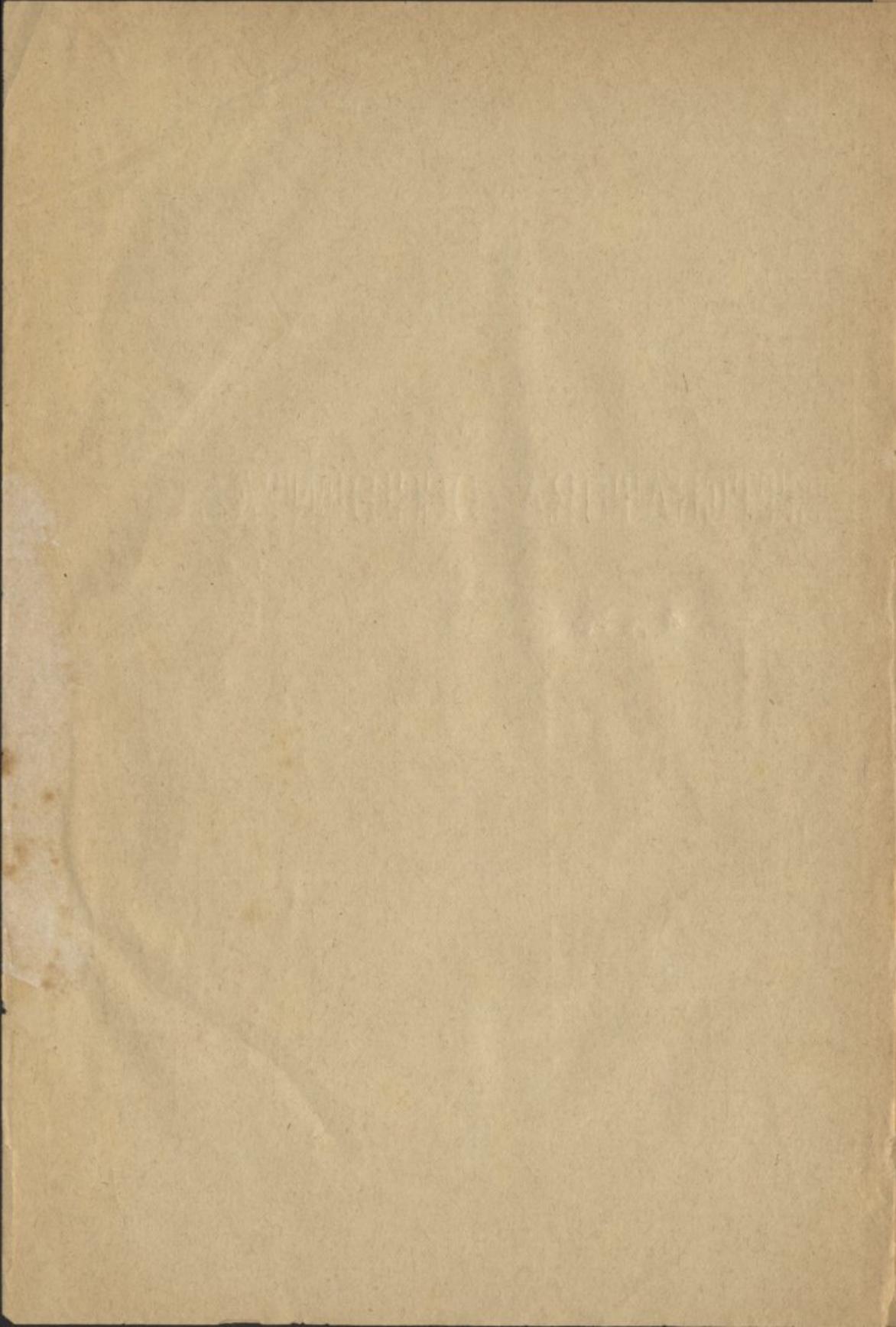


COIMBRA  
IMPRENSA ACADEMICA  
1877

Sala 4  
Gab. B2  
Est. 11  
Tab. 11  
N.º



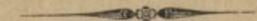
LITTERATURA OCCIDENTAL



# LITTERATURA OCCIDENTAL

**SCIENCIAS, LETTRAS E ARTES**

COLLABORADO POR ESCRIPTORES PORTUGUEZES E HESPANHOES



COIMBRA  
IMPRESA ACADEMICA  
1877

CHERREBATHIA CECILIANA

CHERREBATHIA CECILIANA

CHERREBATHIA CECILIANA

# LITTERATURA OCCIDENTAL

---

## INTRODUCCÃO

O jornalismo portuguez, no ultimo periodo, attingiu o maximo desinvolvimento, mas foi monopolizado para a politica, para a luta de todos os dias, para o jogo das facções. Cada jornal tem a sua egreja, e reverencia o orago da propria freguezia. Batem-se os homens, e a multidão acompanha-os tão só com o interesse do escandalo, mas sem aprendizagem de instituições, sem que lhe resulte um bom criterio, determinado, positivo, para avaliar o facto do presente pela evolução historica que lhe deu origem, não dizemos já com as reconstrucções metaphysicas, de todas as escolas que abrange aquella denominação, mas ao menos com a relatividade que esse facto apresenta, pelo fim a que se destina, pelo que tem em si e quer effectivar na realidade social.

E foi isto desde todo o sempre. Exceptuem o romance, e não encontram no antigo jornalismo portuguez uma feição caracteristica de nenhuma das épocas em que se manifestou.

O favor do publico requesta-se com a vida alheia, com a má lingua de quem só vê senões no proximo seu equal; mas, se tractarem de lhe photographar a sua feição, de lhe escrever a historia, de lhe retratar os costumes, de lhe criticar pelo bom senso o desvairamento das idéas ou das obras praticas—foge, porque teme, e não auxilia; é renitente, é rotineiro. Pede commoções ao theatro, paga por bom preço o logar para presenciar a immoralidade, mas não quer que lhe digam o que tudo aquillo significa. Se é aberração da arte, elle admira a extravagancia, e ri-se. Porque se conhece, applaude.

E só lê o jornalismo que falla de tudo isto.

Vamos contra a corrente, talvez com perigo de perdimento, mas com coragem e commettimento d'uma boa acção. Já fomos precedidos ultimamente por jornalismo de que nos honra a camaradagem, e por isso nos achegamos á sua escola, e nos acostamos ao seu exemplo.

Hoje um jornal litterario e de vulgarisação scientifica não póde tomar por modelo o *Panorama*, ainda com a côr local da litteratura classica, nem o maneirismo doce da mocidade que em Coimbra sacrificava a Apollo sob o patrocínio de Minerva. O *Trovador* retrata o bom tempo d'um anachronismo pastoril, em que se viam paixões d'alma espelhadas na corrente que beija a Lapa dos Poetas. Mas nós, respeitando a boa intelligencia dos collegas de hontem, queremos ir além: somos do nosso tempo, sem *vestir a nudez* que não é de hoje, mas que se perde na lenda genesica, de que o proprio Bergier não sabe o local.

No jornal vemos um sacerdocio, porque lhe consideramos uma missão; e, tão longe vamos, que lhe impomos obrigações. Estas não se amiudam em programma de pompa, porque é provado que mentem sempre estas minudencias.

No meio da litteratura que ahi se retrata, desordenadamente, teremos por guia o *bom senso*. Não phantasiemos idéaes extravagantes, nem fazemos profissão de fé a suppostas escolas.

E dizendo isto, que é claro, que é intelligivel, só pedimos que nos não chamem *eccléticos*.

Agora sobre o titulo:

*Litteratura occidental* não denota immodestia. No occidente estamos nós, e isso bastava, pelo bom desejo de nos collocarmos fóra da imitação servil do que importamos, e que, sendo vida alheia, agarridamos com o burel nacional. D'este contraste resulta muitas vezes o ridiculo, e nós tememos o castigo, que é demasiado para peccados litterarios.

Mas explica-se de mais perto: este jornal receberá collaboração de escriptores de Hespanha, para assim irmanarmos as duas litteraturas, que, sem questões pessoaes, têm andado cada uma por seu lado, sem se conhecerem, quando d'isso tinham obrigação.

D'este modo o titulo é apenas um distinctivo, que tem só o valor de imprimir na nossa escripta o character que lhe é proprio, sem limitarmos á nacionalidade qualquer problema scientifico que houermos de tractar.

## ANARCHIA D'EXAME

A falta de auctoridade moral e scientifica das classes dirigentes sobre as classes dirigidas, que começam apenas agora a sahir do auctoritarismo religioso, para se lançarem, sem direcção nem convicções definidas, na mais desregrada liberdade de exame, está sendo a causa principal do empirismo grosseiro e da instabilidade permanente que domina toda a politica das raças neo-latinas, mas mais particularmente a dos dois povos da peninsula.

É por isso ephemera a duração das instituições e difficil a missão dos governos perante a indisciplina intellectual e a absoluta falta de uniformidade nos principios fundamentaes de crítica, que penetrou no espirito publico e que ahí se constituiu num habito vicioso.

Estamos assoberbados por uma especie de racionalismo individualista, que arvorou o modo de vêr pessoal em supremo arbitro de todas as questões, mesmo as mais arduas da sciencia, e particularmente das sciencias sociaes.

A falta de auctoridade religiosa, que perdeu todo o seu antigo prestigio divino, ou a de uma philosophia dominante, que subordine a maioria dos espiritos ao assenso d'um certo numero de principios fundamentaes, lançou uma perturbação no mundo moderno, caracteristica das grandes épocas de transformação intellectual.

A grande maioria dos espiritos nas raças neo-latinas acha-se por isso naquelle estado mental afflictivo, inquieto e indeciso, que provém da falta de convicções robustas e de principios definidos que nos guiem na apreciação de todos os assumptos; acha-se naquella especie de crepusculo intellectual, fluctuante e vago, que nem é a noite constellada e mysteriosa da fé, cheia de terrores e promessas, nem o dia esplendido da sciencia, cheio de verdades e de consolações.

Todos discutem tudo, e formam d'essa liberdade de exame uma especie de direito constitucional, que não é licito contestar, sob pena de se passar por conservador e reaccionario. Todos se julgam aptos para discutir direito, economia politica, medicina, philosophia, jurisprudencia, engenharia e sobretudo politica.

Não ha difficuldade de assumpto, especialisação de materia, competencia scientifica que possa impôr-se á consideração e ao respeito in-

telligente do *sentimento individual*, da *razão particular*, mesmo a mais desamparada de todos os conhecimentos especiaes e positivos.

As consequencias geraes d'este estado mental, d'esta indisciplina intellectual, são obvias. As hypotheses valem mais do que os factos, as theorias são superiores ás leis. A declamação toma o nome de eloquencia, a rethorica recebe o nome de philosophia, a sciencia é derrotada pelo charlatanismo.

As grandes figuras dominantes, as reputações absorventes são as dos homens de imaginação, as dos lyricos, as dos entusiastas. Assim o publico, pela omnipotencia do voto, arvora os artistas em politicos, os litteratos em estadistas, os poetas em diplomatas, conseguindo com isso o duplo prejuizo de roubar esses talentos ao meio adequado á sua producção intellectual, e de dar á politica a feição aventureira, phantasiosa e lyrica que lhe imprimem essas organizações sentimentaes. Ora, se ha influencia nociva na gestão dos negocios publicos e em geral na resolução de todos os problemas scientificos—e a politica é uma sciencia que pela sua superior complicação demanda o mais subido gráu de reflexão — é precisamente a dos espiritos entusiastas, a das imaginações impressionaveis, impetuosas e ardentes.

Póde dizer-se que todas as grandes decepções da politica moderna provêm do lyrismo democratico, do sentimentalismo humanitario, do fanatismo demagogico não temperado convenientemente pela comprehensão da statica e da dynamica social, pelo conhecimento do homem e das leis do progresso.

Este estado de incerteza e de fluctuação nos espiritos, esta falta de consistencia de opiniões, esta ausencia de principios definidos e de convicções, é uma decadencia ou um progresso, é um estado definitivo ou transitorio? É evidentemente um progresso e um estado transitorio. É uma preparação necessaria á implantação e adopção d'uma philosophia superior, que anda já em muitos espiritos e que ha de propagar-se ao maior numero, sejam quaes fôr os obstaculos que a velha metaphysica e os antigos vicios das instituições e da educação pública possam oppor-lhe. É uma questão de tempo, e póde prever-se com aproximação a época do assentimento do maior numero aos principios geraes d'essa philosophia, a philosophia positiva.

Mas o homem precisa d'uma philosophia?

Precisa, e não vive mesmo sem ella. Todo o espirito tem uma concepção superior da vida e do universo, quer esta lhe seja dada pela

religião, quer pela metaphysica, quer pela sciencia. É neste sentido que o velho principio de que não ha atheus é profundamente verdadeiro; quer dizer, não ha espiritos sem um principio superior de critica, sem uma concepção qualquer, por mais vaga que seja, do universo. É uma necessidade tão fatal e indeclinavel para o espirito, como a alimentação para a vida organica. A lethargia num e noutro caso é um estado pathologico, não é um estado normal.

No espirito público em França, e principalmente na politica d'aquelle paiz, é já manifesta a salutar influencia da philosophia positiva, e tudo annuncia que essa influencia cresce quotidianamente numa proporção que está assombrando de terror o velho auctoritarismo theologico. Este, pela boca de um dos seus mais auctorizados representantes, declarou com effeito que a philosophia positiva estava sendo o grande perigo social do mundo moderno. Piedosa obcecação, que confunde os interesses particulares da theologia com os interesses geraes da sociedade. É confundir na sua acção dynamica as duas manifestações contrarias da electricidade, pelo facto de terem o mesmo signal. Clamores respeitaveis, porque são talvez sinceros. Mas a sociedade não se perde, apezar da theologia. Ha muito tempo que ella cumpriu a sua missão historica, e hoje o melhor serviço que póde prestar á sociedade e a si propria é fazer confissão das suas passadas culpas e morrer tranquillamente, sem os esgares de possessa, que a tornam ridicula.

Como todas as grandes concepções do espirito humano, tem ella um passado cheio de glorias e de triumphos. Foi a primeira educadora da humanidade. Essa gloriosa missão terminou ha muito. A criança fez-se homem, e é offensivo da dignidade d'este querer tractal-o eternamente como criança. O advento da philosophia positiva não é um perigo, é uma evolução fatal e necessaria do espirito humano na sua ascensão constante para o bem e para a verdade. A lei dos *tres estados*, de A. Comte, é uma das grandes idéas d'este seculo e uma das primeiras verdades da sociologia.

Á infancia da humanidade corresponde a theologia, á adolescencia a metaphysica, á virilidade o positivismo. É uma lei, não é uma theoria: a lei da evolução do espirito humano.

## O SOMNAMBULO

(DE ALFRED DE VIGNY)

«Esposo, ergues-te já? Da aurora rompe o astro?  
 Não vês que brilha a luz no globo de alabastro  
 Em todo o seu fulgor, suspensa e mysteriosa?  
 O ceu é negro ainda e a noite tenebrosa;  
 Tres horas a clepsydra ainda não correu.  
 Dorme junto de Nera; oh! vem, amigo meu,  
 Reclina-te em meu seio.» Elle, porém, tremente,  
 Desce do leito de oiro e de marfim luzente,  
 E vai pé ante pé, a lampada rebusca,  
 Com a mão transparente o seu fulgor offusca:  
 O corpo branco e nú; caminha a passo brando,  
 E sem mover o olhar, baixinho, murmurando:

«—Sim, é ella, a prejura!... Interrompei as festas...  
 Aos manes um altar... cypreste em torno ás testas...  
 Abri, abri a tumba, alguém a tumba espera.»  
 Nisto, surge offegante e de joelhos, Nera,  
 A côma desgrenhada, e quasi a rastos: «—Ouve,  
 Amigo; se a algum Deus o despenhar-te aprouve,  
 Em nome da piedade, attenta em mim, não vês?  
 Sou eu, a tua esposa, a humedecer-te os pés:  
 Foges; ao teu clamor a voz se me perdeu.  
 O' Phebo, perdoae-lhe, e vós tambem, Morpheu.»

«—Irei... hei de matar... tenho o punhal bem firme...  
 Não de morrer... Pollião não poderá fugir-me,  
 Nem me resistirá... Elle é tão fraco! e doira  
 Ainda aquella face uma pennugem loira.  
 Veio o amor corôar a pompa que me cega,  
 Quero em sangue nadar... quem me o manto desprega?...»

Ella, porém, lhe volta: «—O' companheiro terno,  
 O' dedicado amante, um dia ao lar materno  
 Teu carro me roubou, e então os nossos rogos  
 Fizeram do hymeneu antecipar os fogos.  
 Pois este santo amor de novo as juras presta  
 Perante o altar de Rhea, e pela antiga Vesta  
 Te affirmo que jámais logrou paixão prejura  
 Dos meus votos de outr'ora aniquillar a alvura.  
 Acredita: jámais Penélope viveu  
 Mais casta do que eu vivo e mais fiel do que eu.  
 E Pollião, quem é elle?» — «Agarro-te os cabellos....  
 Votos, lagrimas, qual!... Sinto-me arder em zêlos...  
 Corinna, vais morrer...» — «Ah! não sou eu... Corinna!...  
 Nunca me teve amor!... O' mãe, era divina  
 A tua ira, e tu, como um Deus vingador,  
 Porque eu te não ouvi, castigas nosso amor.  
 Já não fujo ao punhal... mata-me... assás vivi;  
 Porque fui enganada... e enganada por ti...  
 Sinto o sangue correr... Cruel, os meus adeuses...  
 Fosse-te o somno eterno». — «É Nera, justos deuses!...»

SILVA RAMOS.

## A EVOLUÇÃO DO ROMANTISMO EM PORTUGAL

A PROPOSITO DO ROMANCE DO SR. EÇA DE QUEIROZ

### O CRIME DO PADRE AMARO

Se um dia se escrever a historia da litteratura portugueza nossa contemporanea, no periodo que vem do romantismo ao realismo sem fóros de cidade,—e oxalá que se faça de prompto, aproveitando-se os elementos que por ahí ha dispersos, no livro e no jornal, nas paixões de pretendidas escolas, nas descomponendas archi-classicas e no phrasado amigo do elogio compadresco, céu de glorias para toda a parentella que se achegue a tão boa sombra, — se houver Atlante que sobre-

carregue tão pesado encargo, illuminando tantas contradicções, pondo a limpo de miserias a feição característica da nossa época, o vulto genuinamente portuguez d'Almeida Garrett será o marco milliar do já longo peregrinar, a estatua que se encontra á entrada do templo, dizendo-nos o segredo da nova vida, que elle aprendeu nos enthusiasmos da França, modelando-o pelo sol peninsular, que incita a adormecimentos, a preguiças, a tedios devoradores d'um quietismo fradesco e bem gozado.

No entanto elle trazia comsigo o escarpello da critica, mas não se deu a affrontas que produzam odios declarados, claros, terminantes; manejava-o insinuante, á maneira d'um veneno subtil, que mata delirantemente, parando a pouco e pouco a circulação, e agradando pelo perfume que se aspira e que o envolve. É aquelle morrer de Djalma, inconsciente, que julga começar na terra um gozo que ha de terminar no céu.

E assim foi. Viu muitos ridiculos, mas não lhes deu batalha campal, não os chamou a campo, não os convidou com programma. Elles lá andam nas *Viagens na minha terra*, nos artigos do *Portuguez*, nas memorias (sic) que prefaciam alguns dramas e comedias, nas poesias soltas da lyrica de João Minimo. Lá está tudo, nos dois grandes capitulos a que se deve attender na litteratura d'um povo: na critica, que acompanha o facto descripto no romance ou na historia, no verso ou no drama, em toda a parte onde entra o mundo, a inspiração e o ideal, e na mesma feição da vida que se retrata, na sua inspiração, no seu ideal, liquidado em todos os moldes onde se podem vasar, para ensino e para lição, ou sejam dados pelo horror ou pelo bello, os dois limites em que se debate toda a realidade contingente, circumstancial.

Da litteratura nacional, propriamente, nada se encontra além, depois de Garrett, que venha para origem ou para explicação d'esse movimento disforme que ahi se tem retratado.

A memoria dos feitos do mar e da guerra só deixou rastro na epopéa, só ahi se espraizou, e todos os auctores foram em volta do mesmo modelo, com os olhos em Roma e na Grecia, vestindo aos fortes portuguezes as andainas diversas dos heroes de Homero e Virgilio.

Camões romantisa, mas fecha a imaginação num claustro, tyrannisa-a; mas, se a deixa sahir, se lhe dá liberdade, ella lá vai com a febre da mocidade na *ilha dos amores*, com a elegia triste e cadente da paixão de Ignez, que ninguem cantou melhor entre Ferreira e Bo-

cage, e na aventura de Magriço, o heroismo da pura cavallaria de bom senso, que nos dispensa bem de quebrar lanças em questões de Amadis. Dêem de braço Camões e Bernardim, mas conheçam que o fogo se apaga de logo, sem Vestaes que o entrettenham, sem idéaes de patria e amor que o avivem. Cai verdadeiramente o rouxinol de cansaço, e a lenda que passou em tradição é perfeitamente real para nos traduzir hoje aquelle viver apaixonado, que podia não amar infantes, mas que andou perdido certamente nos olhares das mulheres que o inspiravam.

A chamma reavivou-se em Manuel Maria, mas o incendio devorou-o. Elle quasi que nos apparece como Messias no sympathico do vulto, na vida apressada que é toda uma aurora, arrastada pela idéa fixa, preocupada e perdida num idéal antevisto, muito sonhado e pouco conhecido.

Separados por annos todos elles, e o ultimo por seculos, unam-os no mesmo quadro sympathico, dêem-lhe fogo, prestem-lhe a vida da arte, a inspiração do genio, aquelle *quid* que se retrata no olhar, na feição, na particularidade, no que se vê e que não se explica, no que se sente e que se não traduz, no que nos arrebatava e que nos emmudece, e terão o grupo dos unicos que escreveram do sentimento humano, com originalidade e bom senso, com imitadores e com escola, em mais de seis seculos de litteratura.

Roubem-nos para cá a Gil Vicente, tão grande como Molière, mais independente do que elle, parando na arte nacional a influencia esmagadora de Renascença, que não resuscitava o passado para lição, mas para idéal d'uma nova era muito outra; ponham ao lado de Bocage o poeta Tolentino, desacreditado desde todo o sempre por quem não sabe apurar o valor real do meio dos vicios congenitos da natureza fragil e maleavel, e fiquem com a Arcadia, com a Academia do sr. D. João v, com todas as academias dos seculos XVII e XVIII, que isto nos basta, porque só isto possuímos, para a feição comica e amoruda em que se debate toda a romantisação social.

As edições couraçadas terão bom estylo, mas não têm verdade, nem mesmo na historia; e, se Fr. Luiz de Sousa toma a feição do drama de hoje pela vida de então, foi mister desenterrar a perola, trazel-a á luz, mostral-a como exemplo, como modelo, como contraste, como sublimidade que é. Na memoria que acompanha o drama, ainda assim, notem a confissão de sacrificar a Homero e não a Herodoto, e terão explicado porque o facto de outros tempos é todo nosso.

Mas vai longe este dizer por ahi além....

Devem, no entanto, considerar-se estes factos, para bem determinarmos a reforma operada por Almeida Garrett.

Para bem entendermos a escola de hoje importa attender n'a que a antecedeu, pois que ella a trouxe no seu seio, lhe foi mãe, e a deixou infante com todas as liberdades d'um *sui juris*. Por uma abstracção, podemos collocar-nos libertos da velha escola classica, observando só as excepções que se alongaram, e prenderam em elo immediato a cadeia da vida litteraria d'um povo na segunda phase da sua existencia, mas temos de profundar o romantismo, as suas loucuras e devassidões, doenças chronicas e males passageiros, de caprichos e orgulhos, de tradições e preconceitos, se quizermos perceber o romance, o drama e a poesia da moderna escola alcunhada de *realista*.

Os sabios das academias, e nomeadamente os das influenciadas de protecção principesca, nas suas *memorias* resuscitaram o passado e reivindicaram boas glorias; cavaram com merecido galardão na abundante mina das curiosidades historicas, da India e da Africa, da diplomacia e da jurisprudencia, e poupam hoje canceiras, porque andaram no apanho de elementos que trouxeram á luz e déram á publicidade para forrageamento de futuras synopses e dissertações escolares. Mas esqueceram por outro lado a vida que os rodeava, e isto por uma falsa idéa que formavam da sciencia.

Viam-n'a nas locubrações pseudo-historicas, envolvida na estameinha fradesca, e tinham d'ella uma idéa triste, desconsoladora, de incutir frio na alma, gelidez no coração e medo no espirito.

Guindavam-n'a a taes alturas olympicas, que parecia mysterioso o seu apostolado, e julgavam desdoiro que ella entrasse nos costumes, e os photographasse; que se ingerisse na vida, e a explicasse nos seus actos, dando a sua cópia fiel e real.

Nem ainda os que criticavam tiveram forças para se alevantarem do abatimento morbido e atrophiante! Francisco Dias Gomes, respeitado como deve pela licção que parecia ter da litteratura geral do seu tempo, devia obrigar-se ao novo renascimento.

Mas esse mesmo se ficou quieto a forragear na seára alheia, sem grande gloria para si e sem proveito immediato para o estudo do tempo que se lhe seguiu.

Neste meio appareceu Almeida Garrett; por outra, veio elle quando nem já isto existia.

A Arcadia, que pouco déra de original, á excepção de Bocage, Antonio Diniz e Quita, licenciára os pastores. Os que não estavam entregues ao trabalho isolado, desajudado de interesses seguros e de principios philologicos, de traducções latinas e francezas, deitavam de longe em longe um soneto, no anniversario que contentava o estomago e aligeirava em fartura a vida mal passada, nem sempre fechado elle com a chave doirada, consoante exigia a arte bem entendida dos horacianos da época.

A nova *ala dos namorados* andava pelos *outeiros*, em procura de amores, paixões sacrilegas, claustraes, glorias e *doces de mão de freira* enfeitados com settas significativas e eloquentes de requiebro mal antevistos por entre o gradeado de grossura e dureza a medir competencias com a tyrannia e prosapias de certos paes solarengos: sonetos em abundancia, para festejar aquella dynastia bragantina da época, que teve em D. João VI e sua real mãe a feição mais burgueza de que rezam as suas chronicas.

O pateo da Universidade tinha a solemnidade de alguns moços que sacrificavam ás musas guiados pelo padre mestre Filinto, de somenos merecimento que Tolentino, embora mais louvado pela seriedade da ode bem composta e á vontade nos preceitos da arte.

Erguia a mocidade a voz na presença olympica dos doutores desbarbados, como era de regra geral nos sacerdotes que sacrificavam a Minerva.

A revolução constitucional não foi acompanhada do renascimento das letras nem das artes.

Na França succedeu que a transformação politica influiu na reforma litteraria, e se a carta constitucional do romantismo, o prefacio do *Cromwell*, vem muito depois de 89, podemos no entanto dizer que a Encyclopedia tinha a sua lei esthetica, muito outra, bem diversa da que regulava a escola classica.

Nos pequenos contos de Voltaire e Diderot encontra-se o rastro da luz que depois brilhou com esplendor, que deu de si modelos admiraveis, e que ainda hoje apresenta productos de excellente quilate.

Nós, porém, não podiamos com tamanha faina nem com tão pesada fadiga.

A revolução deu de si, ainda mesmo quando ella andava nos espiritos privilegiados, temerosa e escondida, um publicista distincto, de medir forças com os que o são mais: Silvestre Pinheiro Ferreira; mas

na traducção dos costumes na fórma do romance ou da poesia nada apresentou.

Vêm a pêllo alguns versistas, sem ideal nem escola: más linguas como José Agostinho e Pato Moniz, descompondo-se em redondilha maior, que recebia o segundo baptismo nacional d'um sacerdote da côrte dos ceus e da ribatejana Villa Franca de Xira.

A decadencia é profunda, e pode medir-se pela distancia que vai do merecimento do *Hyssope* ao dos *Burros*.

Nesta transição do velho para o novo systema devemos notar um facto que se nos apresenta de verdadeiro alcance, e bem significativo.

A reacção do reinado de D. Maria I ao governo de Pombal concentrára de novo os poderes altos do estado na fidalguia de sangue achegado ao throno, e a revolução liberal, reagindo em contrario, mandou para a politica, furtando-os ao movimento litterario que forçosamente devia chegar até nós, muitos talentos promettedores e conscienciosos.

O exemplo ainda ahi está hoje presente nos factos de cada dia, que offerecem uma conclusão evidente.

As deserções são repetidas, e a litteratura é aprendizagem da politica. Os que além são mestres tornam-se aqui neophytos, e quando se guindam ao septimo ceu da governação publica ou da diplomacia, quasi que desdenham do antigo mester, e olham desprezadores, com maneiras de superioridade, o que tem valia verdadeira.

Isto teve hontem compensação, e a politica auxiliou tambem o renascimento.

A lei era geral; e, se produzira bons effeitos em França, tambem os deu em Portugal: além, diga-se, tanto em politica como em litteratura.

Com as idéas liberaes foram para a emigração homens de trabalho.

Este acto já deixava antever esperanças de bons commettimentos. A actividade, por maior que seja, de bom quilate e ainda de melhor applicação, desaparece no meio do indifferentismo geral.

Quando a vida se nos agita em volta, o nosso silencio attrahe as attenções, e dá-nos o ridiculo. É mister acompanhar o movimento, seguil-o, e humanamente: quer dizer—não em contrario, systematicamente, d'aquelle que os outros seguem, mas sim parallelamente, se não a par, por impossibilidades conhecidas e outras que o não são, ao menos no encalço.

Foi naquelle meio que se encontrou Almeida Garrett, em terra estranha, e com necessidade de ganhar o pão de cada dia. Grande incitamento para o trabalho é a exigencia do estomago, o absolutismo da fome! O monstro devora de continuo, e apparece com exigencias tyrannicas, que não concedem descanso, que não permitem adormecimentos. É a luta da vida na sua feição mais bruta.

Foi ali, e por meios diversos, que elle aprendeu o direito publico. Depois ensinou-o na patria, nos discursos da tribuna, nos relatorios das commissões e do seu ministerio, e nas missões diplomaticas que exerceu com galhardia e bom porte; foi assim que elle se educou no romantismo, que então começava a escrever as suas leis.

Leu a revolução politica e a litteraria, mas não se perdeu nem se transviou. É aqui que se funda o grande valor da sua obra, o cunho nacional da sua reforma.

A Renascença resuscitou todo o passado, mas em Portugal teve a originalidade bem aproveitada em Gil Vicente. Garrett, assim como é o continuador d'este, sem esquecermos Antonio José, na grande obra do theatro portuguez, assim o seguiu tambem em quanto aos novos movimentos que cercaram um e outro.

Não foi cego nem entusiasmado; e, trazendo a nova idéa, nos livros que são filhos d'ella e que têm o nome d'elle, vê-se a vida portugueza, retratam-se os nossos costumes, sente-se o que nos é conhecido, antevê-se a nossa historia, e rimos e choramos sem requiebro nem lamurias hypocritas e fingidas.

Não foi extravagante, e a sua profissão de bom mestre prohibia-lhe por obrigação o exagero. Elle viu toda a nossa sociedade da sua época; e, na romantisação que fez d'ella, ha muito phantasia, mas não podem mostrar-nos aberrações.

Quando depois escreveu as *Viagens na minha terra*, o livro mais original de quantos Portugal tem escripto, parecia esquecer no grande café do Cartaxo aquelle ruidoso vozear dos entusiastas dos *restaurants* do Havre.

É que elle não tivera muito tempo para esses agapes e convivios. Urgia a necessidade, limitava o trabalho, prohibia a vocação do estudo, e tudo isto o absorvia, e o tinha preso a ganhar o pão quotidiano no salario da escripturação da casa Lafitte.

Mais proximos temos nós exemplos na moderna França, que em Portugal os não podemos buscar nestes tempos de calmaria.

O segundo imperio exilou, e no exilio se lhe preparou a quêda. A Belgica imprimia as obras, Luiz Napoleão mandava confiscar os livros de Proudhon; mas, quando o sobrinho do aventureiro corso cahia em Sédan, entrava Victor Hugo em Paris.

Os fructos de hontem, da emigração liberal, foram bem diversos para nós, mas a influencia foi egualmente benefica.

A corrente era estranha, o impulso não era prestado por uma força propria, mas os resultados tomavam feição toda nossa, e engrandeciam-nos nos primeiros momentos.

Almeida Garrett trouxe a lei, e foi revolucionario em tudo: no theatro principalmente, na poesia e até no romance para onde menos o chamava a sua vocação. Mas ahi deixou o *Arco de Sant'Anna*, phantasia verdadeira que apanha em photographia o ridiculo de muitas idéas contemporaneas, e as expõe na *vitrine* da publicação.

(Segue).

SERGIO DE CASTRO.

---

## VERSOS A UMA DEFUNTA

Não te venho prender á candida mortalha  
 As quadras triviaes d'um coração que chora:  
 Que eu bem sei que, ao cahir na tragica batalha,  
 Deus a innocencia envolve em pavilhões d'aurora.

Não te venho contar os lyricos espasmos,  
 O desespero, a dôr da minha alma ferida,  
 Que apagam como o vento os fortes enthusiasmos  
 Da rubra sedição a que se chama—a Vida.

E, como folha sêcca em pallidas alfombras,  
Não me arrasta o tufão dos negros desenganos;  
Nem vejo desfilar agora, como sombras,  
Os dias todos sol dos meus vinte e dois annos.

Tua lembrança!.... sempre eu hei de conserval-a,  
Em intimo sacrario, e virgem sempre, e nova,  
Ao som d'essas canções, com que o oceano embala  
Em notas de tristeza a tua estreita cova.

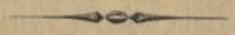
Á tarde, olhando o mar, o nosso velho amigo,  
Presinto o prepassar do teu vestido branco;  
E ouço na sua voz, como a fallar comigo,  
O teu coração ingenuo, e, como o d'elle, franco!

Então, ao recordar a nossa alegre infancia,  
E os sonhos bons do amor da nossa mocidade,  
Exalla a flor da morte a mystica fragrancia,  
E em astros se desfia o pranto da saudade.

E, se a arena da vida a nossos pés se estende,  
Por entre o bem e o mal, as lutas e os martyrios,  
Eu sinto que em meu seio o teu amor desprende  
Um oceano de força, ó casta irmã dos lyrios!

O amor! o templo onde eu me refugio e occulto,  
Entre as pombas da fé e as timidas esperanças,  
Sacrario onde eu elevo o mysterioso culto  
Das almas virginaes, dos bons e das creanças.

COELHO DE CARVALHO.



## COSTUMES MADRILENOS

## NOTAS DE UM VIAJANTE

DE

MAGALHÃES LIMA

Savigny encontrou uma noite George Sand na Porte Saint Martin. Sósinha no seu camarote, a célebre romancista assistia á representação de uma peça detestavel.

Savigny, admirado, perguntou á auctora do *Marquis de Villemer* como podia ella supportar a exhibição de uma obra de tão secundaria importancia.

Então a espirituosa mulher respondeu de prompto:

«Nunca me aborreci no theatro. Se a peça é boa, acompanho-a, se é má, refaço-a.»

É isto o que até certo ponto se póde dizer em relação aos livros de viagens.

Se são bons, ou nos parecem, acompanhamol-os, jornadeamos com o auctor, identificamo-nos com as suas impressões, com a sua critica; applaudimos a indispensavel noção de bom senso pratico que haja no seu raciocinio ou enlevamo-nos com as idealidades da sua fantasia; voamos confundidos em espirito até ás cumiadas alpinas onde a neve recorta flores e estrellas de prata; subimos até ás agulhas de granito das cathedraes de marmore que se perdem nas nuvens; pairamos sobre as gothicas abobadas dos templos catholicos, perfumadas pela maviosa poesia do christianismo, ou descemos passo a passo as sinuosas veredas das campinas suissas; transpomos curiosos a porta dos museus, paramos extasiados em frente das télas onde palpita, eternamente visivel, a alma do genio: e assim vamos percorrendo successivamente as grandiosas paginas immortaes, escriptas em bronze, oiro e marmore do livro das nações,—os seus monumentos e joias artisticas e os seus gloriosos pergaminhos de civilização, comprehendemos, emfim, o axioma do Cosmopolita: *L'univers est une espèce de livre dont on n'a lu que la première page quand on n'a vu que son pays*, mercê do talento descriptivo do nosso cicerone ou da poderosa e irresistivel sympathia de affinidades que affeioou á sua a nossa maneira de ver e julgar.

Se pelo contrario o livro é mau, ou como tal se nos afigura, refazemol-o.

A téla collectiva e uniforme não póde deixar de subsistir: — paiz, povo ou costumes que retrata.

Porém, a nossa liberrima fantasia sobredoira os vultos, altera as tintas, rarefaz as sombras, suavisa os longes e empresta aos horisontes a suave transparencia que não tinham: applica, emfim, ao plano geral a analyse objectiva de uma optica particular.

A litteratura de viagens é vastissima e complexa.

Desde Byron até Dumas pae, desde Garrett até ao mais obscuro dos auctores portuguezes, raro é aquelle que de bordão em punho e mala a tiracollo não tenha sacrificado no altar das viagens e obedecido á seductora tentação de contar o que viu e ouviu, tão espirituosamente criticada por Julio Sandeau no prologo da sua deliciosa narrativa: *Concerto para os pobres*.

Escreptores ha que limitam o seu plano ao desambicioso processo da photographia, como Luciano Cordeiro; outros, como Thomaz Ribeiro, bordam o thema com rendilhados labores românticos; outros, servindo-se do colorido quente e vigoroso de Rubens e Ticiano, conseguem algumas vezes, como o visconde de Benalcanfor, que a cópia pareça o quadro e este a cópia; outros, finalmente, assimilam, contemplando, e reproduzem depois não o que propriamente viram e admiraram, porém, sim, a philosophia intuitiva das cousas que só se manifesta a quem tente profundar-lhe os inextricaveis arcanos e pedir á critica definida, ao estudo positivo e sério, divorciado do eclectismo, a conclusão logica e elucidativa.

De todas as chronicas de viagens são estas as menos vulgares, por isso que são as mais difficeis. Para escrevel-as não bastam o poeta e o prosador de periodos sonoros; requérem um erudito.

O novo livro de Magalhães Lima, *Costumes Madrilenos*, dedicado a D. Benigno Joaquim Martinez, sympathico jornalista hespanhol que mais parece compatriota nosso, tão acrisolados extremos lhe deve Portugal, tão affectuosamente lhe querem os portuguezes, não pertence no rigor da palavra a nenhuma d'essas quatro maneiras, com quanto participe genericamente de todas ellas.

Magalhães Lima não photographou, não romantizou, não coloriu nem estudou philosophicamente Madrid: elle bem o sabe!

Passeiou apenas pelas *calles* da Villa Coronada a sua jovial e des-

preocupada alegria de *touriste*; e á medida que lhe desfilavam deante dos olhos, através da espiral de fumo azulado do seu charuto, os homens ou as cousas, os monumentos, os museus, os theatros, os pequenos ridiculos ou as grandes virtudes do povo hespanhol—o mais pitoresco e original povo do mundo!—o auctor da *Senhora Viscondessa*, sem deixar de rir, assestava-lhes a lente do implacavel e impertinente *lorgnon* de madame de Girardin, e desenhava rapidamente na carteira sucessivos perfis, maliciosos e grotescos como um traço de Cham.

Taes são os capitulos do livro intitutados: *A lenda do bandido*, *Templos e religião*, *O salero*, *O Prado e o Retiro*, etc.

Em alguns, como: *A politica*, *Historia inedita*, *Homens illustres*, etc., desaparece o *boulevardier* e substitue-se pelo pensador, sóbrio e eloquente, que analysa e expõe com despretençiosa elegancia.

Em resumo: o novo livro de Magalhães Lima, radiante de vivacidade e bom humor, breve e variado, lê-se de um folego.

Raro segredo é esse! Cabe ao auctor a legitima ufanía de haver conseguido descobri-lo.

GUIOMAR TORRESÃO.

---

### A SUSPEITA

Tinha o mesmo sorrir, a mesma graça  
 Que esmalta o labio da innocencia pura  
 A suavissima virgem, que a desgraça  
 Levou um dia á enchovia escura.

Era a alegre hortelã, a flor da praça;  
 Pomba de neve que aninhava a alvura  
 Quando a luz da manhã furtiva, escassa,  
 Vinha beijar-lhe a setinosa alvura.

Hoje tudo maldiz á bocca cheia  
A vil suspeita que feria tanto  
A branca pomba que alegrava a aldeia.

Mas ella já não traz o mesmo encanto,  
O mesmo riso que o pudor ateia:  
A flor da praça estiolou-a o pranto!

NUNES DA PONTE.

---

## FOLHAS DE ROSA

A JOAQUIM CURADO D'OLIVEIRA, *parochó em Monforte do Alemtejo*.—No dia em que me retirava do seminário de Portalegre, ha bem dez annos, escrevi na parede do meu quarto alguns versos que significavam o desejo de que o fôsse habitar quem se prezasse de meu amigo. Quando acabava de fechar a porta vinhas tu pedir-me a chave; advinharas-me o pensamento, como já acontecera muitas vezes numa doença em que me fôras constante enfermeiro.

Lembro-me com saudade d'esses bons tempos que ahi passámos. O nosso seminário não tinha uma tampa de ferro que nos suffocasse as alegrias da mocidade. Não era uma estufa em que se abafasse, vivia-se; e, vivendo todos a vida do dever, vivia tambem cada um a que lhe era propria e sympathica; a imaginação desenvolvia-se-nos risonha, e a vontade arranjava traças de a seguir sem ir parar á cadeia, aquella boa cadeia, que ficava ao pé do meu quarto, e da qual, julgo eu, se originou a idéa moderna de se regenerar, em vez de se castigar o criminoso.

E como não ter saudades?

Estava eu de semana, quer dizer, tinha eu de ir acordar os outros, batendo-lhes á porta, e dizendo—*benedicamus Domino*; tinha de ler ao jantar em quanto os outros comiam; tinha de tocar o sino chamando para o estudo; tinha de vigiar se as luzes estavam todas apagadas ás

dez horas da noite—e tomava o caso a sério: receiando não acordar ás seis da manhã, deito-me sobre a cama, e á meia noite eis-me a repicar alvoradas e a gritar o—*benedicamus*—á porta dos companheiros. O *Deo gratias* que devia responder á phrase foi um brado: — É meia noite!—aureolado de pragas taes, que julguei que o Alemtejo se mudára para o Algarve.

Depois, quasi d' hora a hora, houve repiques d'alvorada, e pragas; inconveniente de não ter relógio e de não saber ler nas estrellas. O adagio—Nem por muito madrugar amanhece mais cedo—corrigiu-me no dia seguinte dos desvarios do primeiro.

E a cobra? Estava de semana o Sampaio, intelligente, formoso e adamado, mas tímido; o Dyonisio affeição um ourelo em cobra, atira-o para o corredor, e fal-o caracolar do quarto com um fio de retroz que o frouxo diluculo não deixava ver. O pobre moço atira um grito, e abrem-se portas, e partem-se bengalas em cima do monstro que se retira rapido. Uns ouviram-lhe os sibilos, outros apararam-lhe as vergastadas, outros tiveram-n'o enrolado ao pescoço. Chamam-se os criados, desfazem-se camas, abrem-se gavetas, despejam-se bahús, etc.

E a aula de comer e de fazer caretas?

Deixei Portalegre por Coimbra: ha aqui um lyceu, um seminario, cinco faculdades, vinte collegios, dez mil estudantes, mas nunca encontrei aulas tam bem dirigidas e de tão solida instrucção como aquellas duas do Dores e do Miguens Alfaia.

O Dores era um rapaz que movia as orelhas; um dia que um professor fallou da immobildade d'este orgão, elle refutou-o sem dizer nada, movendo-o com tal presteza e seriedade que desafiou as gargalhadas. Pois o Dores inventou aquellas duas aulas. Recebeu por isso o titulo de—divino mestre.

A aula de comer tinha prelecções theoricas e prácticas; a theoria era comer muito e com rapidez; o jantar estava dividido em estações, a da sopa, etc.; quem não dava boas lições levava canelões e puxões d'orelhas; os *ursos* d'aquellas escolas tinham veneras de cortiça, cortezias militares, e quando se fallava nelles tinha de se exclamar — Oh! Conta-se que a bulla da Santa Crusada gastára naquelle anno mais um conto de réis por causa da aula, e que ao Dores fôra dado um emprego para deixar o seminario em paz. Parece que houvera o projecto de o comer desde o telhado até aos alicerces, incluindo o ferro das varandas e o granito dos portaes.

A aula de caretas era inoffensiva; no salão, ás horas de recreio, reuniam-se os discipulos em duas filas; ao cimo e em meio estava o divino mestre com o substituto á esquerda; elle, o *divino*, movia as orelhas; o outro, o substituto, percorria cada discipulo dizendo-lhe—imite. Ninguem imitava, e por fim diziam todos em tom cavo e solemne — inimitavel.—Era o começo invariavel da aula; depois o substituto, especie de Protheu, imitava todo o mundo, mudando de feições, de estatura, de côr, de voz, de fato.

O espirito d'este nosso companheiro rematava porém em bico de lanceta; quasi todos andavam picados e *politicos* com elle. Isto de politica é tão ruim cousa que a inimidade significa-se por essa palavra que vai em gripho: não te mettas pois em politica, excepto a meu favor.

Recebi o teu retrato. Estás velho, o celibato tem-te feito mal; eu, apezar de aturar meninos e de lhe repetir ha um seculo o que é logica; d'ensinar poetica por um livro que tem uns 3:000 annos (o que vai do tempo do velho Aristoteles até hoje); de estudar Lobão, Corrêa Telles, Ferreira Borges, homens que comeram sempre pão sêcco; apezar de me embarcar nos barcos de flôr de magnolia de Platão; de me balouçar como um funambulo nas redes de cabrestantes e de teias d'aranha de Scheelling e d'Hegel; de conviver com A. Comte, que esteve doudo; com Littré que é um maçaco mais respeitado que muitos sanctos da tua igreja; com Proudhon, que diz e desdiz; com Saint-Simon, que queria casar com Stäel para vêr o que d'alli sahia; com Fourier, um caixeiro que tinha mais imaginação que Valmiki, Homero e Ariosto junctos, e que alojava na cabeça enorme um mundo immenso de verdades e de tolices; apezar de tudo isto e de traduzir theses de portuguez para latim, tenho mais côr de mocidade do que tu. Deus traga um papa que vos dê familia, rapazes.

Tenho fallado as estopinhas. Dedico-te essas — *Folhas de Rosa*—; são recordações da mocidade d'um nosso amigo commum, por cima das quaes eu passo algum estylo, e a que conservei o *eu* gracioso das confidencias. Adeus. Vem visitar-me que preciso puxar-te as orelhas. Ensina o povo a ser bom e a ser feliz. Compra e estuda os livros de Schulze-Dilrth, apostalisa as sociedades d'instrucção popular, que são um meio para que elle se associe em tudo o que lhe fôr util; e, se algum espirito timorato te disser que innovas, que erras, responde: Eu olho para o ceu e para o futuro; para traz só tenho que olhar para ver o

Christo; mas assim como o sol se torna mais luminoso e mais vivo á proporção que augmentam as camadas da atmospherá que o reflectem, assim a imagem de Jesus se torna mais nitida e brilhante através das camadas de crystal dos seculos.

Coimbra, 15 de março  
de 1877.

Teu do coração

*José Frederico Laranjo.*

Nas folhas da carteira d'um amigo encontrei algumas que sendo de papel, se chamavam—*Folhas de Rosa*. Li, tinham viçado havia annos, mas não se lhes fôra o perfume.

—Dá-me a carteira.

—Para que?

—Por causa das *Folhas de Rosa*; fazia um romancinho.

—Seja.

Ahi vão, pois.

Leitora, estas *Folhas de Rosa* cahiram das mãos d'uma mulher, menina e moça e casada, sobre a cabeça d'um joven, de quem fôra o primeiro amor. Soffregos de perfumes, os anneis do cabello prenderam-n'os; elle castigou-os, desgrenhando-os, e soltando ao vento as folhas que pretendiam reter. Se algumas lhe forem ás mãos, em se encontrando á beira d'um arroio ou d'um rio, lance-as n'agua; pensamentos e desejos que não sejam puros—a vasa do coração—embarque-os nellas, e envie-os nesses barquinhos ao mar do esquecimento.

## I

Eu tinha treze annos e exame de instrucção primaria e de latini-dade; aprendera o que vai do *a b c* até á medição d'um hexametro virgiliano e á analyse d'uma arenga altiva e esculptural de Tito Livio: o círculo em que se estreitavam os parques haveres scientificos da minha villa, percorrera-o. Era necessario voltar costas ao berço, á casa em que as pessoas são coisas com que brincamos, os moveis

pessoas que fallam comosco, em que tudo é claro e risonho, para de-  
mandar as praias incertas e nevoentas do futuro.

A minha infancia! deixae-me volver os olhos, e despedir-me d'ella:  
a quem sai de Sodoma, concebe-se que os anjos lhe vedem olhar para  
traz—mas quem prohibiria um adeus, um adeus voltando o rosto, um  
adeus acenando o lenço aos que deixam o paraizo?

Nos primeiros annos a consciencia do homem não está na alma,  
mas no rosto; é o rosto da creança que sabe da existencia e se delicia  
com ella; o sentimento envolve-o, como uma rodoma, cinge-se-lhe ao  
corpo, como uma atmospherá, mas, atravessando-a todas as gottas de  
chuva e todos os raios de sol, não recolhe umas, nem doira com os  
outros o livro da vida; como tudo se passa á superficie, tudo o vento  
leva. Depois a memoria começa a enthesoirar os fios d'ouro com que  
nos enredêa a phantasia; mas do mesmo modo que os pyrilampos, não  
ha memorias que só brilham e são bellas na escuridade? Que impor-  
tam ao leitor os primeiros annos d'alguem?

Todavia são o eden de cada homem. Se houvesse saudades com  
perfume deviam-se chamar *saudades da infancia*.

## II

O mez de setembro ia-se acabando; a 4 d'outubro, no dia de S.  
Francisco, devia eu estar no seminario da cidade vizinha, vestido  
numa batina ecclesiastica—um botão d'homem amortalhado.

A familia que me substituiu a minha, lidava em me preparar a  
roupa; o bahú ia-se opulentando todos os dias, uma arquinha de páu  
destinada para fructa e golodices tinha o mesmo destino; cada hora  
lembrava ao amor d'uma senhora, de quem minha mãe fôra creada e  
amiga, e que me não deixava sentir a sua falta, alguma miudeza que  
se esquecera. Eu assistia a tudo isto sereno e tranquillo; ia, triste ou  
alegre? Impassivel. Ouvia a senhora que me servia de mãe contar a  
um alumno de seminario, como se pretendesse erigil-os em lei, quaes  
eram os meus costumes e gostos; informar-se das mais pequeninas coisas  
e suffocar-me em disvelos.

—Olha, dizia-me ella, no bahú lá vai um agulheiro, um cartão de  
alfinetes, linhas, retroz, um dedal; se alguma vez te cair algum botão  
ou uma marca da camisa...; escreve muitas vezes, sim? Nas quartas

feiras hei de te mandar fructa e bolos. Tu não has de ter saudades de nós? Sê sempre bom; se tu fôsses máu, nós eramos infelizes.

Tudo isto, que hoje me parece formosissimo e me enleva, via-o e ouvia-o então quasi indifferente o estúpido do meu sentimento.

Chegou o dia da partida; nenhum baile, como no Jocelyn, na noite da vespera, nenhuma donzellas que me desejassem, e se dissessem em segredo, e apontando-me:

Lui jeune et beau, Dieu? pourrait on le croire?  
Préfère à notre amour une soutane noire;  
Le monde lui fait peur! Helas! le pauvre enfant!

Nenhumas que passassem deante de mim e me esmagassem, dizendo: —Não somos nós mais bellas?—Eu era joven de mais; que mulher me quereria entregar o coração? As creanças quebram tudo.

No dia da partida tomei a benção da familia que era minha, porque m'a dera a providencia; responderam-me com abraços e lagrimas, e parti.

Á sombra das azinheiras que orlavam a estrada, lembrou-me o barrete e a batina, e disse commigo — Eu tinha vontade de brincar, mas é necessario ser sério.

(Segue).

JOSÉ FREDERICO LARANJO.

DESALENTOS DE UM ROMANTICO

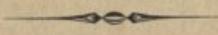
Nas limpidas regiões da tua fantasia  
Ouve-se o canto ideal das aves gloriosas,  
Expandem-se os vergeis em borbotões de rosas,  
Scintillam os crystaes repletos de ambrosia.

Ao longe ergue-se o sol em convulsões de luz,  
Ha musicas no ar, freneticas, extranhas;  
Mas lá no fundo escuro, e triste das montanhas,  
Negra como um remorso, ergue-se a minha cruz.

É lá que eu vou morrer por ti, por ti que tens  
Um iman que me attrahe, um forte magnetismo;  
É lá que eu vou morrer, á beira d'esse abysmo,  
Crivado de irrisões, coberto de desdens.

Mas bemdirei a morte e as fundas ironias,  
Se acaso, ao exhalar os ultimos alentos,  
Ouvir da tua voz as frescas harmonias,  
Passando na corrente electrica dos ventos.

A. DE MACEDO PAPANÇA.



### TRAÇOS

Galeazzo Fontana viu de perto a gloria, mas nunca viu, talvez, de perto, a alegria. Oppunha-se a isso o seu temperamento.

Havia na physionomia d'este homem, moço ainda, uma melancolia penosa e um não sei quê doentio, sombrio, cançado...

Tinha no rosto, não os stigmas das paixões revoltas, mas a claridade pallida, e a fugir, da inspiração superior e da fria tristeza do lutador exaustos.

Quando elle tocava no theatro, o seu famoso sólo da *Lucia* por exemplo, o publico que o escutava como os filhos de Jubal deveriam escutar o velho patriarcha, no dizer da Biblia — «Jubal é o pae dos que tocam harpa e cythara!» — gostava de o ouvir e ao mesmo tempo de o ver: como o seu lugar era a um canto da orchestra, as senhoras que estavam em camarotes d'aquelle lado debruçavam-se para acompanhar com a vista o solista...

Esta realisação do ideal, é rara; quasi sempre se perde o encanto da musica com o olhar-se para quem está tocando, ao passo que a vibração da sua harpa, que conhecia o caminho para chegar ás almas, esclarecia-se, porque assim digamos, de uma luz mais viva com o verem-se as mãos do artista...

Eram sêccas, nervosas, extremamente palidas, as mãos d'elle: dedos longos, um pouco contorcidos, arqueados, parecendo animarem-se ou soffrerem conforme a idéa musical que tiravam do instrumento.

Havia na execução de Galeazzo Fontana uma intensidade de dôr, uma inquietação ardente e febril, que fazia lembrar a tristeza de Lara, de René, ou de Eurico, na poesia; como que a expressão de uma alma ferida.

Porque? de quê? Eu lhes digo. Fontana principiára muito cedo a sua vida de artista. De uma ocasião, ao voltarmos de Sacavem, onde elle tinha um filhinho a tomar ares, Galeazzo entreteve-se em recordar alguns pontos do começo da sua carreira. De ordinario elle nunca falava nisso. Mas vinhamos num *char-à-bancs*, a sua familia, a familia Podestá, e eu; o *char-à-bancs* era um pouco tropego, convinha esquecer o caminho e encher o tempo, cada um contava alguma cousa num tom de voz mais alto para se ouvir por entre a bulha do carro, o que não seria facil se viessemos todos conversando. Então elle contou os primeiros passos da sua carreira, os esforços, a abnegação, as sujeições, a lida, a lucta: e tudo isso, quando se dá nos primeiros annos da vida, deixa para sempre uma melancholia, que nenhuma consolações podem mais tarde dissipar...

Depois, trabalhava muito, trabalhava sempre. Em Portugal a estrada para a fortuna é difficil, é preciso tomar á direita, depois á esquerda, depois á... É preciso tomar para todos os lados! É o que elle fazia; dava lições, tocava na orchestra, negociava em curiosidades antigas, moveis, louças, tinha dois estancos, um armazem de pianos...

E toda essa lida para assim se finar inesperadamente e deixar-nos ver, no espectáculo do seu destino, que triste que é a alliança da mocidade, do talento, e da morte!...

JULIO CESAR MACHADO.

---

### ESPHINGE (1)

Que me queres, EspHINGE? O que procuras? Diz-m'ol!  
 Se do poeta o segredo intentas devassar,  
 Desce dos annos meus ao tenebroso abysmo,  
 Verás o Amor aos vinte, e aos sessenta o Pezar.

(1) Em um dos bailes nas Tulherias, no tempo do segundo imperio, a condessa P., uma das mais elegantes e espirituosas senhoras do seu tempo, pediu a Alexandre Dumas, pae, que lhe escrevesse uns versos nas varetas d'um leque, em cuja seda destacava uma EspHINGE. O auctor do *Monte-Christo* accedeu ao gracioso pedido, e até mesmo escreveu tres formosissimas quadras, a que Gonçalves Crespo, ao que nos parece, soube dar o relevo e a tristeza que tinham no original.

Sim, Pezar, não de haver lançado aos quatro ventos  
 Com prodiga loucura o verbo triumphante,  
 A ambição, o dinheiro, os risos e os tormentos  
 E as auroras d'abril que passam num instante;

Mas Pezar de sentir dentro em meu peito, agora,  
 Como acceso vulcão em gellos sepultado,  
 Do juvenil desejo a chamma que devora,  
 E de não podêr mais, amando, ser amado.

GONÇALVES CRESPO.

## EXPLORAÇÕES OCEANICAS

(Fragmento d'um discurso lido na sociedade de geographia de Lisboa)

Sómente no anno que terminou ha pouco, vêde vós que tres colossaes emprehndimentos, entre tantos encetados, espantam o mundo pela sua grandiosa conclusão: a travessia da Africa por Cameron, a expedição ao pólo sob o commando de Nares e a exploração oceanica do *Challenger*.

Verdadeiro e vasto laboratorio fluctuante destinado ao estudo da geographia, da physica, da botanica, da zoologia, da thermodynamia das aguas;—levando a seu bordo Maclear, Wyville Thompson, Suhm, Murray, Mosley, Buchanan: uma academia — a grande corveta britanica faz um curso egual a tres vezes a volta do mundo.

Realisam-se 387 sondagens de grande profundidade, sendo a maior de 7:770 metros, 90 milhas ao N. de S. Thomaz das Bermudas; fazem-se 234 dragagens, das quaes 110 productivas; devassa-se a distribuição das temperaturas oceanicas no Atlantico e no Pacifico; estuda-se detida e comparadamente a densometria das aguas; surprehende-se o mysterio da vida animal a 5:000 metros, e põe-se a chymica em communicacão com os gêlos fluctuantes do antartico.

Tres annos e cinco mezes dura esta exploração do Immenso.

Não menos intelligente e extraordinariamente organizada, volve do pólo boreal a expedição do *Alert* e do *Discovery* trazendo-nos egualmente uma notavel opulencia de novos estudos e observações.

É longa a série gloriosa d'estas tentativas de rasgar um novo campo á sciencia e um novo caminho á navegação através o mysterioso mar paleocrystico como lhe chama Nares; — é longa e antiga a serie que poderemos dizer que abre nos seculos XV e XVI com os nomes dos nossos intrepidos Cortereaes, e na historia moderna na qual tem logar tão distincto o celebre dr. Petermann, que temos a honra de contar na lista dos nossos socios correspondentes.

Conseguindo attingir a latitude  $82^{\circ},27'$ , a nova expedição ingleza lança os seus trenós até  $83^{\circ},20'$   $26''$ , 630 milhas além, em 84 dias de viagem horrivel, sob uma temperatura de  $45^{\circ}$  abaixo de zero, lutando com o escorbuto, com a congelação dos membros e com o desanimo.

Dizimada e extenuada, volve á patria com a convicção de ter feito o mais que era humanamente possivel para impôr á sciencia a impraticabilidade de romper mais longe.

«Se fôra muito para desejar, diz Sir Rutherford Alcock, que se attingisse o pólo norte, não é menos vantajoso demonstrar a impossibilidade d'uma tal tentativa, fechando assim a lista das decepções que nos hão custado tantas existencias humanas e causado tão pungentes inquietações ha tantos annos».

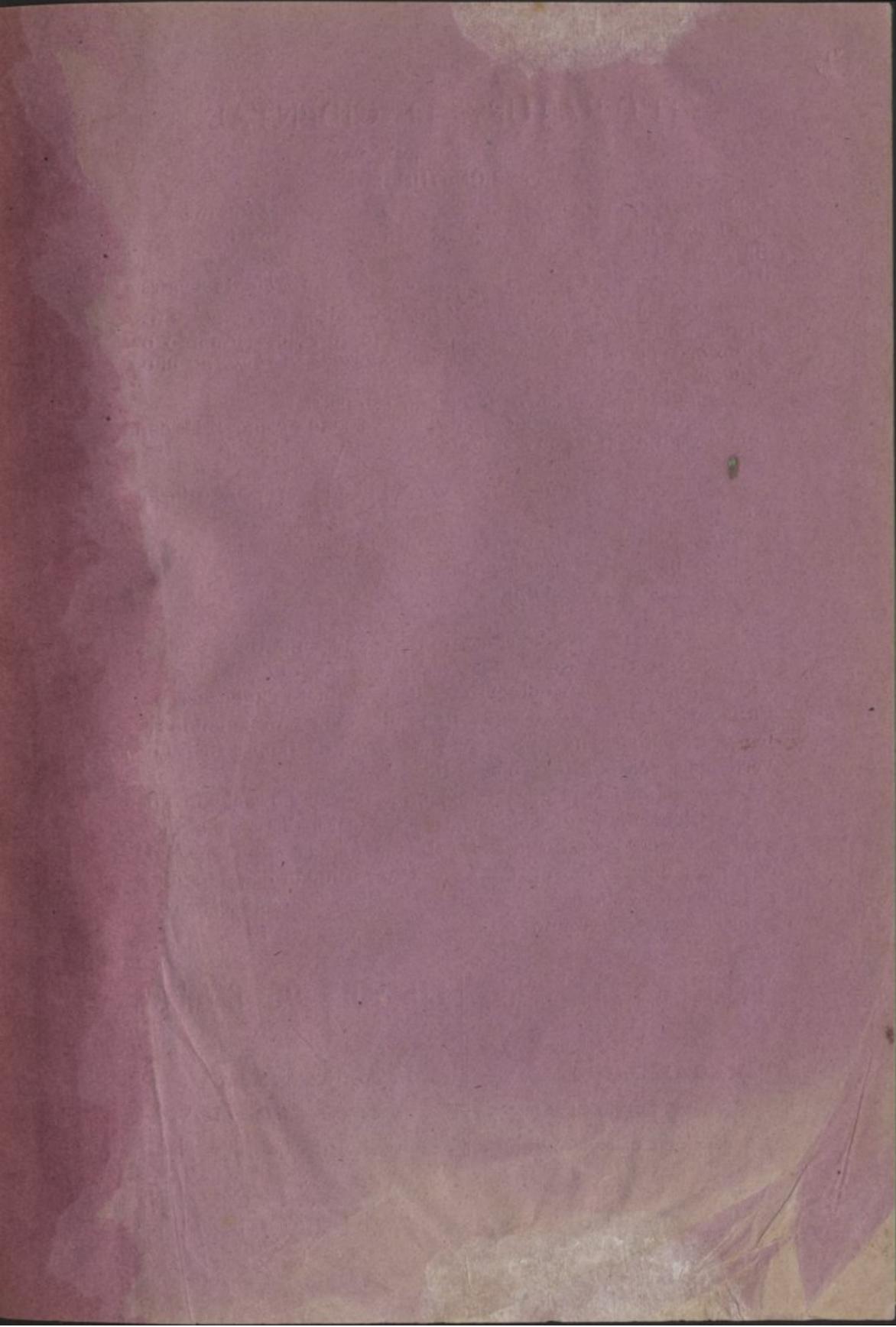
Não se dá, porém, por convencida a sciencia, e logo se lhe põe ao serviço a mais entusiastica ousadia.

A expedição passou apenas um inverno nas regiões boreaes e os seus trenós, tanto não attingiram o zero da vida animal, que adiante d'elles continuava a pista fresca d'um lobo;—que os naturalistas descobriram peixes em  $82^{\circ},40'$ ;—e que o capitão Markham, sondando o gêlo, encontrou crustaceos de duas especies distinctas que passavam sem visivel novidade na sua rudimentar saude.

Pois não irá mais longe do que o lobo e o crustaceo o homem com todos os espantosos recursos da sua sciencia?

Não poderá esta fornecer-lhe uma luz e um calor, por assim dizer portateis;—isemptal-o do escorbuto;—substituir o trabalho da enchada pela força da dynamite;—traçar-lhe novas direcções?

O que é certo, é que sabemos já que não ha de terminar este anno sem que novas expedições se abalancem á campanha asperissima do pólo.



# LITTERATURA OCCIDENTAL

## ASSIGNATURA:

COIMBRA, serie de 6 n. <sup>as</sup> . . . . .	1\$200 reis
PROVINCIAS » » . . . . .	1\$240 »
HESPANHA » » . . . . .	7 pesetas
BRAZIL » » . . . . .	1\$500 rs. fortes

A assignatura é paga adiantadamente. Deve ser enviada a sua importância em vales do correio, deduzido o premio, e só em estampilhas das localidades onde se não passem vales.

Redacção—R. DE J. A. D'AGUIAR, COIMBRA.

Acceitam-se correspondentes em todas as localidades, com a commissão convencionada.

A Empreza pede o auxilio do publico, conscia de que o merece.

Para cada serie de 6 n.<sup>as</sup> distribuirá uma capa de cartão, acompanhada de um indice.

Annunciam-se as publicações recebidas.

A *Litteratura Occidental* propõe-se á vulgarisação das sciencias, sem o character faccioso de escolas, que nos despejos de linguagem se acolhem no ultimo reducto da discussão. Publicará artigos de todos os que nella quizerem collaborar, logo que satisfaçam a preceitos litterarios de bom senso, de verdadeira sciencia e de boa-critica.

Abre as suas columnas, mas lembra o dizer de Boileau. No entanto tem a sua fé scientifica, o seu ideal artistico, mas entende que a resolução d'um problema não consiste em lhe examinar uma só das suas faces.—Quer a união das duas litteraturas, de Portugal e Hespanha, fazendo todos os esforços para conseguir este fim.

---

---

**COSTUMES MADRILLENOS**

POR

**MAGALHÃES LIMA**

**PREÇO—500 REIS**

Á venda em todas as livrarias.

---

---

**COMEDIA DO CAMPO**

POR

**Bento Moreno**

**PREÇO—500 REIS**

Á venda em todas as livrarias.

24 de julho 1877

# LITTERATURA

# OCCIDENTAL

## SCIENCIAS, LETTRAS E ARTES

1.ª SERIE—NUMERO 2.º

---

### SUMMARIO

*Politica positiva*, Vicente Pinheiro.—*Lembrança* (poesia), D. Amelia Janny.—*Folhas de rosa* (romance em continuação), dr. José Frederico Laranjo.—*A' sombra da tilia* (poesia), Silva Ramos.—*Fernan Caballero*, José Simões Dias.—*O autographo* (poesia), Gonçalves Crespo.—*O sermão dos pequeninos*, Alberto Braga.—*Indiscrição* (poesia), Antonio Vasco de Mello.—*Julio Cesar Machado*, Magalhães Lima.—*Retrato*, Antonio Vianna.—*Litteratura dissolvente*, Augusto da Fonseca.—*Confidencia posthuma* (poesia), José Castello-Branco.—*Poetas e prosadores academicos*, Sergio de Castro.

---

COIMBRA

IMPRENSA ACADEMICA

1877

Sala  
Gab. .  
Est.  
Tab.  
N.º



## POLITICA POSITIVA

Desde que a metaphisica fez a revolução na religião, substituindo os dogmas pelos principios absolutos, aniquilando a theologia, o livre exame libertou os espiritos. Operada esta transformação, as sciencias naturaes foram pouco a pouco constituindo-se.

O chanceller Bacon, no seculo XVI, descreveu com precisão o methodo experimental. *Não ha conhecimento verdadeiro que não seja tirado da experiencia*, disse o philosopho inglez.

A lei da *gravitação*, induzida por Newton das leis dos movimentos dos planetas formuladas por Kepler, demonstrada mais tarde por Cavendish, constituiu a *astronomia*, e marcou uma nova época no progresso das sciencias.

Comte, estudando o methodo experimental, e vendo que elle tinha impulsionado as sciencias naturaes, descobre a *evolução positiva* do saber pela relação de complicação e de dependencia crescente entre a *mathematica*, a *astronomia*, a *phisica*, a *chimica*, a *biologia*; e, applicando este methodo ás questões chamadas philosophicas e á historia, com a substituição—na investigação das cousas—do *porque* no modo *como*, funda a *sociologia*. E assim estabelece a hierarchia scientifica das seis sciencias fundamentaes, a que chama *abstractas*.

Organisada a philosophia positiva pela demonstração da *lei dos tres estados*, a *nova fé* fica assente. Pois que o methodo experimental, applicando-se a todas as ordens de phenomenos que se dão no mundo, dá precisamente a sua comprehensão geral, dispensando o auxilio de *qualquer absoluto*, quer da ordem theologica, quer da ordem metaphisica. E quando esta *nova fé* se tiver generalisado, pela diffusão da sciencia, a humanidade terá de vez saído do periodo da anarchia intellectual em que hoje se encontra, e entrará definitivamente na sua terceira phase.

Eis a grande obra de Augusto Comte. Mas as suas especulações foram mais longe. Herdámos mais do philosopho: a sua *politica* e a sua *religião*.

Estas ultimas obras foram, porém, concebidas depois das suas tres célebres crises mentaes, que lhe deixaram no espirito o deleterio estado d'um mystico subjectivismo. Não é nosso proposito criticar essas obras; apenas, referindo-nos á politica, diremos de passagem que, se-

N.º 2



guindo Littré, entendemos, ainda assim, haver muito a aproveitar nellas, ao contrario dos *Laffitistas* e mais recentemente de André Poëy—um americano de muito enthusiasmo e de muito talento—que as acceitam completamente.

Basear a *politica positiva* na historia, estudando a direcção para onde se deve fazer derivar e convergir as forças naturaes, tal é o problema d'esta sciencia de governo, parte concreta e integrante da *sociologia*, que não temos a pretensão de tratar, mas que desejamos indicar.

Ora, não obstante a opinião citada do nobre continuador de Comte, não perfilhamos aquella politica por elle defendida com energia no *Nationel* de 1 de outubro de 1849, cujos caracteres principaes são os da politica de Comte á parte a *sociocracia*—hereditariedade do saber no poder substituindo a do nascimento, pela livre escolha do successor feita a bel prazer dos governantes. Em quatro pontos principaes assentou, então, Littré a unica politica capaz de dar á França o socego de que ella carecia, e sobre que devia basear-se a revisão da constituição de 48:

Plena liberdade de exposição e de discussão.

Preponderancia contínua do poder central.

Limitação do parlamento ao exame e votação do *budget*.

Poder executivo, com faculdade legislativa, entregue por eleição do povo de Pariz a eminentes proletarios, a fim de que a generalidade de vistas e a generosidade de sentimentos encontrassem órgãos mais dignos do que tinham sido as classes superiores.

Com este systema duas cousas se queria evitar: a discussão apaixonada e perigosa do poder parlamentar, constatando a sua impotencia e o seu descredito, e a repressão das phantasias e delirios da *metaphisica* revolucionaria, pela constituição d'um forte e intelligente poder central.

Para limitar este poder estabelecia-se uma ampla liberdade de imprensa, tal, que não parasse entre o denominado e conhecidissimo—muro da vida privada, por isso que é justamente na familia que o homem pode dar da sua honestidade as mais seguras provas.

A eleição dos membros do governo, conferida unicamente ao povo de Pariz, era a consequencia logica da idéa de centralisação—preponderancia resultante da concentração de todas as forças vitaes da nação na capital.

Não nos parece, por mais transitorio e revolucionario que seja o periodo anarchico em que a humanidade se encontre, ser possivel organisar uma tal politica, seguramente falsa e contraria a direitos e habitos já adquiridos e sancionados. Positivistas, o nosso desejo é que a politica vá preparando, mansamente, o povo a poder um dia aceitar fórmãs definitivas: fórmãs que a logica dos tempos ha de trazer, porque ellas são o organismo, a structura das sociedades adultas.

Os estudos successivos, os conhecimentos que dia a dia nos fôr dando a *biologia*, a justa applicação do methodo da *filiação historica*, introduzindo a *observação* e a *experiencia* no descobrimento das *leis sociaes*, hão de determinar para sempre esta sciencia, cujos fundamentos foram, em verdade, bellamente lançados pelo genio coordenador de Augusto Comte. E a complexidade dos phenomenos sociaes, de tão difficullosa comprehensão, ha de, pouco a pouco, simplificar-se, deixando apreciar a oscillação dos estados oppostos que originam as forças em luta no mundo material, as idéas, os sentimentos que se combatem em cada creatura humana, e que jámais deixam produzir um estado medio de equilibrio, criando tendencias contradictorias.

A politica, portanto, não póde inspirar-se na methaphisica subversiva dos revolucionarios, sem o menor character de unidade, como não póde ser accentuadamente centralisadora. Se a centralisação *sucedeu naturalmente, por direito de herança aos poderes fraccionados do feudalismo*, tambem a descentralisação teve igual direito em succeder ás corrupções do poder central. E recommenda-se pela força que tem de dar vitalidade aos poderes locaes, cujo engrandecimento exige a moderna civilisação. Littré que deduz o titulo da centralisação—*Fragments de Philosophie Positive*—do *son acte de naissance*, recentemente num dos ultimos numeros da *Revue*, num artigo sobre educação, chama ao suffragio universal o grande defensor da França contra o partido clerical; o que é certamente uma tendencia para a descentralisação, pois que o suffragio universal faz intervir a todos no governo. O que é bem longe de considerar a *soberania nacional* uma simples hypothese inverificavel na *politica*, como, por exemplo, as hypotheses, da *enercia* na *mecanica*, do *ether* na *astronomia*, do *dualismo* na *chimica*, a que nos leva a politica comteana. No artigo referido assignala este sabio os topicos principaes da politica franceza, a seguir por muito tempo: reorganisação das finanças, do exercito e da educação.

O facto é este—Estamos num periodo de transição. As sociedades

ha muito deixaram de ser dominadas pela auctoridade espiritual, e a metaphisica esforça-se impotentemente por determinar a resolução da *questão social*. Bom seria que esta luta durasse o menos tempo possível, visto que a metaphisica, como escola negativa e anarchica, cumpriu o seu fim. Este bem deve-o dar a *unidade da educação scientifica*, generalisada a todos, homens e mulheres, segundo o plano positivista no caminho de criar a unidade dos espiritos no saber e na moral.

Organisada d'esta maneira a instrucção, e mantendo, com regidez, a moralidade nas eminencias do poder, podemos chegar ao aperfeiçoamento social da formula de *Spencer*, e mesmo de *Mill*: governo limitado quanto possa ser, liberdade ampliada quanto egualmente possa ser.

Que a questão de instrucção e educação é uma necessidade imperiosa, comprovam-o todos os trabalhos e a agitação que na França levanta neste momento a questão do ensino.

Para nós, comtistas, as theorias biologicas são applicaveis aos phenomenos da psychologia e da sociologia. Assim, Littré applica, pela similhaça, a theoria da embryogenia de Robin á embryogenia mental, a qual, auxiliando-a da concepção presistente e de novos materiaes fornecidos pela experiencia e pela reflexão, fórma uma nova ordem de concepções, e assim successivamente até formar as mais complicadas urdiduras das nossas opiniões e dos nossos costumes. Assim, nós, generalizando esta mesma theoria á vida politica dos povos, entendemos que a nutrição é a unica força geradora da vida d'um povo, e capaz de produzir a reproducção, que é a continuidade d'essa mesma vida. Ora a nutrição dos povos é o grande alimento da instrucção, unico poder que os fará existir e reproduzir no desenvolvimento constante da evolução.

VICENTE PINHEIRO.



## LEMBRANÇA

*(No album do exm.º sr. dr. José Cabral Teixeira Coelho)*

Pois que te chama o lar e o maternal carinho,  
E tudo o que seduz tua alma, sonhador,  
Que volves a sorrir ao teu alpestre ninho,  
Onde te aguarda um céu d'afagos e d'amor;

Que deixas a saudade a todos que souberam  
Libar o doce mel do teu sentir profundo,  
—Alma sublime, idéal, que os anjos desprenderam  
Num extasis talvez, atravessando o mundo;

Que tens a timidez da pomba graciosa,  
E o genio que traduz as grandes concepções,  
Que tens no dôce olhar, na fronte magestosa,  
A nuvem do soffrer e o fogo dos vulcões:

Espírito gentil, romeiro austero e crente,  
Fagueiro sonhador, das muzas predilecto,  
Se te não sei louvar num cantico vehemente,  
Ha de cantar-te sempre a voz do meu affecto.

AMELIA JANNY.



## FOLHAS DE ROSA

## III

A cidade de Portalegre embosca as suas casas alvas e muitas vezes elegantes em laranjaes e jardins, que as intermeiam, refrescam e perfumam. Vêde-as de longe, e não são casas, mas ninhos pendurados nas ramarias em horas de dedicação e de amor; um quasi semicirculo de collinas com dupla formosura, a da vegetação e a das fórmas, cinge-se por um dos lados á frente da cidade: lembra um d'aquelles diademas que nos retratos d'algumas rainhas se lhes alteia na testa, e corre depois occultando-se por de baixo do diadema natural dos cabellos. A um outro lado ergue-se uma pyramide aguçada em rochas, faciando e mudando o rumo da serra, que vai abaixando o dorso á proporção que da cidade se affasta para o norte. Para o sul, vastos horisontes, campos em que se perde a vista, céu em que, esvaecendo-se, se engolfa e mergulha a imaginação.

Enrolae á cintura da risonha cidade um braço de mar, e tendes Coryntho; homens e mulheres, estas mórmente, são de lá: o sol, sem que ás vezes lhes tisne as faces de leve, lança-lhes fogo no coração; os olhos assestam-n'os á maravilha, combatem e caçam com elles. Ao cair da noite, se passaes pela rua, vêdes que as janellas se vão abrindo, ouvís uma corrente de requebros, que têm dupla nascente e dupla fôz, os labios e o coração d'um homem e d'uma mulher namorados. A toda a hora ouvís musica, melodias de flauta, lamentos de rebecas, suspiros de violas, alegrias de pianos.... Conta-se de gente que vivia do cheiro das flores: Portalegre vive de musicas; a horas mortas, se tudo dorme, haverá ainda quem as sôe. O arvoredo e as aguas, de tanto ouvir-as, sabem-n'as e repetem-n'as.

Mas eu tinha treze annos, que me importava a cidade a embalar-se em prazeres?

## IV

A casa em que introduzo o leitor, e em que me hospedaram antes d'entrar para o seminario, é humilde, mas pittorescamente situada; vê-se d'umas janellas a serra em pyramide que já conhecemos, elegante pelas fórmas, alegre pela vegetação. Uma ermida da Senhora da Penha suspende-se a meio da pyramide, tornando-a mais poetica pela poesia das recordações que trazem ao coração os jubilos que ali se expandem em torno do templo, no tempo da Paschoa.

Influencia talvez de não se espalhar a população em milhares d'aldeias, mas concentrar-se nas villas e cidades, o povo do Alemtejo não sabe, como o Minho e o Douro e ainda a Estremadura e a Beira, divertir-se durante uma estação quasi inteira, andando de romaria em romaria, formando bailes na estrada á sombra d'uma arvore, nas praças ao abrigo d'uma cathedral, enlaçando o som da guitarra ao das cantigas populares, envoltas em melopêas tambem populares. Aristocrata, o Alemtejo tem os seus bailes nas casas, e repete nas mais pobres as danças dos salões. Outras influencias o fizeram altivo, triste e indolente; mas, nos dias de mais expansão, os seus jubilos oscillam, ainda com alguma seriedade, em torno de uma igreja rural. Alpalhão tem a Senhora da Redonda; Aviz a Senhora Mãe dos Homens; Niza a Senhora da Graça; Castello de Vide a Senhora da Luz; Portalegre a Senhora da Penha. É por isso que a ermida, que se avista da casa em que estamos agora, nos detém um pouco. Ao lado esquerdo da frontaria d'esta ermida prolongam-se soutos. Parece uma fita verde que vai, como um traço de futura e util amizade, ligar Portalegre com Castello de Vide.

Das outras janellas da casa, que dão para um terreno plantado de oliveiras e ás vezes semeado de pão, vêem-se as collinas que comparáos com um diadema. Encontram-se num ponto, e quasi no coto-velo que fazem encosta-se um convento de frades de Santo Antonio. O convento tinha então uma fabrica de pannos. Opulenta d'arvoredo e d'auas, a cêrca fazia-se formosa do que a fazia rica. Abaixo estendiam-se laranjaes, cujos quinteiros vendiam morangos em pequenos cabaze. A cêrca do convento lembrava-me cada vez que a via o conto do—*Pasaro que falla, a arvore que canta e a agua amarella.*

O leitor pergunta provavelmente que conto é este. Pode ser que eu lh'o conte lá para diante, mas agora imagine-o só: é um conto d'alvoradas que riem, alegre como uma noiva cuja familia não chora, rescendendo a essencia de rosas da Turquia ou da Persia.

Podia ainda tornar mais bella a casa em que estamos se continuasse a dizer-lhe que, a pouca distancia, se encontra um dos mais bonitos passeios de Portalegre — o Senhor do Bom Fim. É uma egreja aristocrata, linda, com as suas duas torres e os seus arrendados de cantaria, precedida de casas confortaveis, antigas hospedarias para os romeiros, e annunciada, como uma dama de tom, por uma cruz de marmore. Os chorões fazem sombra á cruz, como que receiando para ella os ardores do sol. Defronta a egreja um palacete, que tem ao lado um jardim; os sycomoros deixam cair de lá sobre a estrada as suas flores roxo-azues, e as rosas de musgo e as camelias debruçam-se da parede saudando quem passa. No ponto da estrada em que terminam o palacete e a egreja, ha nogueiras que fazem abobada com a rama, e um regato que, com o murmurio em harmonias perennes, serve como de d'orgão á egreja.

Mas o leitor diz agora: — No meio de todas estas romarias a casa nem se vê.—Eu já disse ao leitor que a casa era humilde; quiz-lhe provar o que accrescentára—que era pittorescamente situada.

## V

É claro que a casa estava habitada. Eu apresento a familia ao leitor, ou antes á leitora; porque estas bugigangas escrevo eu para me desfadar de muito estudo impertinente, secco, oppressivo para a imaginação, e tambem para ter alguma cousa que dedicar ao meu amigo de Monforte: escrevo-as eu, e leiam-n'as as senhoras.

A minha imaginação!... Pobre rapariga, que fazias versos nouto tempo! A's vezes falta-te o ar, não é assim? Pois bem, d'esta vez çitarás a cabeça fóra da janella, é, como a Rosinha do *Barbeiro de Sevilha*, fallarás ao publico, este conde Almaviva que não morre. Não te zangues, Comte: tu endouceceste por pensares de mais e rires de menos; e se não fosses ao theatro ouvir Rossini, Mozart e Meyerbeer tornas-te peor; e por fim a imaginação comprimida irrompeu-te num Geiser vio-

lento. Parecias a Islandia, quando dizias á santa da tua mulher que adoravas mademoiselle Clotilde Devaux.

Mas a familia?

A familia, leitora, compunha-se das seguintes pessoas: pae, mãe, quatrô filhos e uma filha. O pae alquebravam-n'o já um pouco a velhice e a doença. A mãe mais parecia filha do que esposa d'este homem; deveria ter sido uma formosura e era ainda bella. Dos filhos havia um bonito, rosado, posto que trigueiro, o moreno do pae e as rosas das faces da mãe, o qual estava ainda no berço. Como a criança do berço, a filha era um pouco trigueira e rosada, com os olhos pretos, vivissimos e todavia suaves. Tinha dez annos, brincava com as bonecas. Quando eu entrei voltou a cabeça, que retirou outra vez com ar de quem diz—Não vale a pena.

Eu era conhecido já da familia; receberam-me como se fosse da casa.

—Venha-me aqui para o lume, disse-me o velho; tem muito tempo de ir para o seminario ao anoutecer.

Cheguei uma cadeira, e sentei-me.

—Então o menino já sabe francez?

«—Alguma cousa.

—Quem lhe ensinou?

«—Quando eu brincava com egrejinhas queria prégar sermões: havia lá uns sermões francezes em casa, e com o dictionario aprendi a traduzil-os, mas não sei lêr.

—Pois olhe: eu estive na França, ou antes, andei por lá. Sempre lhe digo que a França vale mais que Portugal; e aquelle tempo, apesar de ser de guerra civil, de se andar fugido, de haver pouco dinheiro, sempre valia mais do que este. Agora estou para aqui arrumado, quasi como um traste inutil. Dizem os medicos que tenho uma gastralgia; bonita palavra, mas ruim cousa. O menino sabe o que é uma gastralgia? Eu sei tambem alguma cousa de francez. *Du pain*—pão. *Du fromage*—queijo. *Un couteau*—uma faca. *Une fourchette*—um garfo. *Du vin*—vinho. *Un cheval*—um cavallo. O menino gosta de lêr alto?

«—Gosto.

—Ó Emilia, bradou o bom homem, chamando pela mulher, dá cá esse livro que ahí está para este sr. lêr.

A mulher entregou-me um livro. Abri; eram as comedias do Antonio José, comedias que agradaram ao nosso povo, e que penetraram

até ás suas ultimas camadas. Li; as graças e agudezas de Esopo deliciavam o bom velho, que umas vezes ria, outras admirava o ingenho do comico personagem. Eu não tinha ainda o espirito affeito ás delicadas elegancias, ás atticas bellezas da litteratura da França, e ria tambem.

—Ora agora, disse elle, interrompendo-me—ha de ouvir lêr a minha Maria, e dizer-me que tal a acha na leitura. Isto das mestras d'agora tanto ensinam hoje como ámanhã. No meu tempo pagava-se um pão por semana, e aprendia-se; hoje não querem senão dinheiro, e as raparigas estão sempre na mesma.

No logar onde estava brincando, a filha, ouvindo a idéa do pae, sacudira logo os hombros, como uma ave que se espaneja tentando lançar fóra de si a agua, que lhe derramara no dorso a tempestade, e que a incomodava com o peso. O pae viu o gesto, e bradou—Ó Emilia, traze-me cá essa rapariga pelas orelhas. A pequena levantou-se, e, fazendo com as mãos escudo ás orelhas, apresentou-se submissa ao pae. Eu dei-lhe o livro, e pela voz d'ella, infantil e meiga, passavam como que aligeirando-se os trocadilhos e agudezas do espirito folgasão do auctor.

A leitora era intelligente mas incerta, e trémula de quando em quando, como o caminhar de quem tem saude e força e animo, mas que pisa um solo ignoto e invio; os olhos levantavam-se-lhe a espaço da folha em que lia para descairem sobre mim num relampagosito de pequena ira, ira que me fazia rir, porque me parecia a ira d'uma mariposa ou d'um rouxinol, se eu não tivesse tomado a sério a batina e o barrete clerical que trazia no bahú.

«A menina lê bem, disse eu ao pae, o livro tem nomes estranhos para ella, e por isso é tímida ás vezes; mas as inflexões de voz com que reune as diversas phrases revelam intelligencia muito clara.

O pae gostou do elogio, a mãe ainda mais; a pequena, que parecia não ter attendido, mostrou-se depois satisfeita, misturando á nossa conversa o seu palrar alegre e suave. A indifferença do primeiro momento tinha-se ido, a irasita da lição de leitura fôra uma nuvem ligeira, que desfizera o sopro, ligeiro tambem, d'um pequeno elogio. Agora ella teria vontade de me convidar para brincar, de me erigir em constructor de casas e moveis para a inanimada familia com que se entretinha, mas o meu aspecto não a animava.

Quando depois li as descripções d'um domingo em Londres, quando

vi a seriedade do protestantismo, religião de idéas que parecem hastes de ferro enterradas numa vasta planície de carvão de pedra, lembrei-me da minha seriedade d'aquelle dia, e ri-me d'ella quasi que tendo-lhe odio.

Veio a tarde, e foi necessario ir para o seminario. Quando, saindo, descia as escadas, a pequena Maria perguntava á mãe:—Então elle ha de ser padre?

—Ha de.

—Mas é tão pequenino!

(Segue).

J. FREDERICO LARANJO.

A' SOMBRA DA TILIA

I

Vem, ó fada, o que te assusta?  
Porque ao amor te não dobras?  
Une-te a mim, como as cobras  
Ao tronco da arvore adusta.

Vem correndo; o que te impede  
Que neste incendio me valhas?  
Deixa prender-te nas malhas  
Da minha setinea rêde.

Sei que tenho uns ares broncos,  
E a minha apparencia é tosca:  
Tambem a hera se enrosca  
Pela cortiça dos troncos.

II

Olha o lago que se encrespa,  
Olha a riba que se enxarca,  
Vem comigo: a minha barca  
É ligeira como a vespa.

Vês como riem os calamos?  
Voguemos, pois, e tu rema,  
Que á sombra d'aquelles alamos  
Hei de lêr-te o meu poema.

Has de escutal-o, hei de lêr-t'o  
Involvido em tranças negras,  
Emquanto se ouve o concerto  
Das canoras toutinegras.

Depois nem já eu te vejo....  
Unimos as nossas bôccas,  
Eu dou-te um beijo... e tu trocas  
Em mil caricias um beijo.

### III

Que ainda uma vez te cinja  
Ao meu collo, ó minha garça,  
Antes que a aurora retinja  
Os verdes ramos da sarça.

Primeiro que a manhã rompa  
Dos meus braços te desata,  
Que já sôa ao longe a trompa  
Dos caçadores da matta.

Um beijo mais, e partamos,  
Ó pomba, não adormeças;  
Já andam saltando os gamos  
Em torno ás nossa cabeças.

Depois das trevas nocturnas  
Brilha o verde da esmeralda;  
E vão entreabrindo as urnas  
Os roxos lyrios da espalda.

## IV

Voltemos, filha, voltemos  
A beber as auras novas;  
Pega de novo nos remos,  
Que eu vou soltando umas trovas:

«Volve aos meus braços, ondina,  
Vem ó doce irmã das algas;  
Por sobre o meu hombro inclina  
As tuas fórmas fidalgas.

Nimphas do lago, eu vos rogo:  
Dae-m'a de novo, trazei-m'a;  
Que eu quero morrer no fogo  
D'aquelle olhar que me queima.»

SILVA RAMOS.

  
FERNAN CABALLERO

Infelizmente para as letras de Hespanha, já hoje pertence inteiro á posteridade o nome glorioso de Cecilia Bohl, fallecida na primavera d'este anno. Tinha 76 annos completos. Nasceu em Cadix (patria de Castelar), onde seu pae, homem de engenho e fino commerciante de Hamburgo, viera estabelecer-se havia muito, e onde exercera o cargo de consul da sua cidade natal. Era filha da ultima esposa de seu pae. Casou em verdes annos com o marquez de Arco-Hermoso, do qual enviuvou cedo, ligando-se, pouco depois, em segundas nupcias a D. Antonio Arrose, consul de Hespanha na Austria, do qual estava viuva ha muito.

Cecilia Bohl, que se escondia sob o pseudonymo de Fernan Caballero, era sufficientemente versada no latim, e das linguas vivas fallava e escrevia com facilidade o francez, o italiano e o allemão.

Escriptora de variados conhecimentos litterarios e scientificos, tem o seu principal titulo de gloria nos romances que deixou, dos quaes muitos andam traduzidos em francez, italiano, allemão e inglez. Os romances de Fernan Caballero são geralmente pequenos quadros de costumes andaluzes, artisticamente desenhados sob a inspiração de um sentimento delicado, risonho e suavemente christão.

O mesmo sentimento inspirou Antonio de Trueba na descripção dos formosos quadros byscainhos, tão parecidos com os quadros andaluzes de Caballero.

Ambos seguem a mesma escóla descriptiva, possuem iguaes faculdades de observação, commungam identicas theorias sociaes, têm igual intolerancia politica, o mesmo horror ás idéas novas; e, para maior identidade, até os proprios defeitos litterarios lhes são communs!

Intolerantes, como o *Syllabus*, no dizer da *Politica* de Madrid, o seu idéal é o passado; por isso Trueba e Caballero se refugiam nas tradições, e, como se a arte fosse um libello, as suas obras fazem propaganda de tudo o que é velho contra tudo o que é novo. D'aqui o isolamento a que Cecilia se condemnára voluntariamente: como que fugia do seu seculo, mormente nos ultimos annos.

Entretanto o seu dizer correcto, a facilidade da phrase encantadora, o espirito de observação, a delicadeza do seu gracioso talento deram-lhe um logar de honra entre os escriptores originaes do seu tempo. Merimée chamou-lhe Sterne hespanhol, Hubbart appellidou-a o Chateaubriand feminino, mystico, apaixonado e trabalhador.

Ainda que o seu character de propagandista por vezes a obrigasse a sacrificar a verdade no altar da paixão, roubando aos quadros a luz precisa e a fidelidade indispensavel, comtudo mal se poderia conquistar, sem grandes dotes solidamente affirmados em trabalhos de arte, o renome de Fernan Caballero.

As suas primeiras obras, escriptas muito tempo antes de serem publicadas, vieram a publico sob o valioso patriotismo de Saavedra (duque de Rivas), Eugenio Ochoa, Hartzembusch, Cavanilles e outros nomes igualmente gloriosos, nacionaes e estrangeiros.

A *Familia Alvareda*, precioso romance de Cecilia, mereceu-lhe altos elogios de Washington Irving. Antoine de Latour, secretario de

Montpensier, e auctor de varios livros sobre coisas de Hespanha, num curioso estudo que fez de Caballero e suas obras até 1858, compara a romancista de Cadix a Walter Scott no vigoroso desenho das tradições e costumes passados, no horror ao vicio, no gosto das coisas innocentes (chegando a odiar as touradas, raridade entre hespanhoes). Eu acho, continúa a crítica, aproximando-a de Merimée e Balzac, que a feliz disposição da narrativa, a sobriedade energica dos *detalhes*, a rapida concisão do dialogo, dão ás obras da romancista hespanhola um ar de parentesco com as melhores novellas de Merimée e com os melhores estudos de Balzac, em seus bons tempos.

Latour, cuja crítica indecisa e apaixonada se filia naturalmente na escola de Trueba e Caballero, fallando das engenhosas satyras — *Fr. Gerundio* de Isla, *Gran Tacano* de Quevedo, das pastoraes *Diana e Galatêa* e d'algumas interessantes novellas, chega a antepôr a estes trabalhos os romances de Cecilia Bohl, quadros fieis da vida humana, do mundo e da natureza.

A' parte as exagerações do elogio, é força confessar que a filha do illustrado D. João Nicolau Bohl de Faber, apesar das idéas de que fez propaganda, sacrificando os interesses da arte aos caprichos da politica, apesar das digressões em que pecca, apesar das hesitações perante o clarão das idéas novas, é uma paysagista invejável, bastante fiel nas descrições, vigorosa nos traços, que ella sobredoira com um estylo terno e melancolico. Deixa grande numero de romances, entre os quaes especialisaremos a *Gaviota*, *Clemencia*, *Familia Alvareda*, *La Farisea*, *Elia*, *El ultimo consuelo*, *Cuadros de costumbres*, e *Callar en vida y perdonar en muerte*, romances de que deu formosa edição em Leipzig o editor F. A. Brockhaus.

A *collecção de artigos religiosos e moraes*, publicada em 1863, é um livro perfumado de religião e mysticismo, cheio de candidez e transbordando de fé. Parece escripto por Chateaubriand.

São muito aprasiveis os seus *contos e poesias populares andaluzas*, escolhidas com o fino criterio de uma alma apaixonada pela poesia instinctiva do povo, com quem vivia e no qual se inspirava.

Neste particular Fernan Caballero hombreia com D. Gertrudis Avellaneda, que foi uma das mais brilhantes glorias do parnaso hespanhol, e que deixou em Madrid uma rival consagrada pelo applauso publico—D. Carolina Coronado, hoje a primeira poetisa de Hespanha. A morte, que com pequeno intervallo arrebatou das lides litterarias

Avellaneda e Caballero, deixa tristemente rareada a lista de escriptoras contemporaneas, onde figuram Coronado, Maria del Pilar, Angela Grassi, Concepcion Arenal, Faustina de Melgar e outras.

J. SIMÕES DIAS.

© AUTOGRAPHO

Ah! que misero destino  
O d'esse poeta, coitado!  
Que morreu esfomeado . . . .  
A morte do Tolentino!

Uma vez que mais ferino  
Elle viu seu triste fado,  
Fez a um ricasso mofino  
Um memorial rimado.

Não teve resposta alguma  
O triste poeta, que em summa  
É a sorte dos desherdados.

E aquelles versos um dia  
Comprou-os a Academia  
Por mil e tantos cruzados!

GONÇALVES CRESPO.

## SERMÃO DOS PEQUENINOS

AO

FILHO DO DR. JOSÉ FREDERICO LARANJO

COMO PROVA DE MUITA SYMPATHIA E CONSIDERAÇÃO QUE TENHO POR SEU PAE

*Sinite parvulos venire ad me, et ne prohibueritis  
eos; talium enim est regnum Dei.*

S. MARC. X v. 14.

Estava o sr. reitor sentado no degrau do cruzeiro, e tinha, á volta de si, sete creancinhas: meninas eram cinco, e rapazes dois. A menina mais velha contava onze annos, e a mais nova seis. Os pequenos eram ambos da mesma idade: tinham sete annos.

—Tu, aqui ao pé de mim, Cecilia—principiou o abbade, collocando á sua direita a mais velha. Assim. Ao pé de ti, o João. Aqui, do outro lado, a Margarida, depois o José, a Isabel e a Maria. A Magdalena, que é a mais pequenina, fica sentada nos meus joelhos.

—Vá! Todos com muita attenção. De quem não estiver quieto não sou amigo, e nem lhe dou logo um bonito.

Ora, vamos á historia:

«Era de uma vez uma pobre mulhersinha, viuva de um lavrador. Tinha uma filha, chamada Delfina, que havia de ter a idade ahi da... Isabel, entendem?»

Os ouvintes olharam todos para a Isabel, e a Isabelinha córou, e sorriu-se envergonhada.

Continuou o abbade:

«Quando o lavrador morreu, a pobre da viuva chorou, chorou, chorou a bom chorar, debruçada sobre o marido, exclamando:

—Ai! meu José, que não posso viver sem ti!

As vizinhas estavam á volta d'ella, a animal-a, a dizer-lhe que não se affligisse, que se conformasse com os designios de Deus.

—Olhe—dizia uma—isto é a ordem do mundo! Quem lá vai, lá

vai! Adeus! Que se lhe ha de fazer?!... Todos nós hemos de ir mais cedo ou mais tarde!

—E por isso—vinha outra—de que serve estar vocemecê para ahi a ralar-se, e a mortificar-se, se não remedeia nada?

—Ó creatura, não chore mais, que—valha-me Deus!—com a sua afflicção já não dá vida ao seu homem!

Mas a viuva, inconsolavel, parece que nem ouvia o que as outras lhe diziam.

A filha—coitadita—ainda sem comprehender bem a desgraça da sua orphandade, assim que via a mãe a chorar, chorava; e se a mãe gritava afflicta, desatava ella a chorar tambem.

Chegou a madrinha da pequena, e, abeirando-se da viuva, disse-lhe com as lagrimas nos olhos:

—Ó comadre! não se afflija, que Nosso Senhor tem a alma do seu homem no ceu.

—Ai! que desgraça a minha! exclamava a dorida. E escondia o rosto no seio da amiga, que tentava consolal-a.

Foi esta levando-a a modos, foi-a retirando do lado do morto, e conduziu-a para um outro quarto da casa.

Apenas a mulhersinha saíu, entrou um padre com sobrepeliz, rezou uns latins a meia voz, aspergiu agua-benta sobre o defunto, e saíu.

Chegaram logo depois quatro homens, vestidos de preto, com opas escarlates; e seguravam as azas do caixão para o levar, quando a Delfina, que até então estava muito calladinha encostada á porta do quarto, se atirou aos homens, e principiou a gritar muito alto:

—Ó minha mãe, que levam o páesinho! Ai! máos! deixem o meu rico pae!

A mãe, quando isto ouviu, debateu-se de tal modo nos braços das amigas, que a seguravam, que conseguiu desprender-se. Correu aos gritos da filhinha; mas quando entrou no quarto, já lá não estava nem o marido nem a Delfina.

Chegou-se á porta da casa,—e que havia ella de vêr? A filha, que ia na rua, abraçadinha ás pernas de um dos homens, que levavam o pae, a chorar muito, a bater-lhe, a gritar para dentro do caixão, que ia fechado, pedindo ao pae que viesse em seu soccorro e em soccorro da mãe.

O tal homem, vendo-se impedido de andar, fez um movimento

rapido de pernas, e sacudiu ao chão a pequenita, que ficou estiradinha de costas».

—Máu! disse rancoroso o pequeno João.

—«E depois—continuou o reitor—depois tropeçou no proprio corpo da creança, e, indo a cair, poz-lhe um pé, em cheio, mesmo no meio da cara!»

—Que judeu! —exclamou Cecilia, com os olhos marejados de lagrimas.

—«A pobre menina —proseguiu o abbade — abriu muito os olhos, soltou um ai abafado, como quem vai para chorar com dôr.»

O José sorriu-se ao ver a bôcca, que o reitor fez para imitar a Delfina.

—«Tu ris-te? Tu de que te ris, menino? É de ver a Delfina caída no chão?»

O pequeno não respondeu; baixou os olhos, e principiou a coçar na cabeça.

—Responde, José—insistia o padre.—Foi?

—Não, sr.

—Então?

—Foi da cara que o sr. reitor fez — respondeu trémulo o pequeno.

O abbade regosijou-se, e disse:

—«É que eu já sou muito velho, meus filhos. Sou feio não chorando, que fará se choro! Mas... vamos á historia:

—«Ó Cecilia, tu lembras-te da doida do Arenil? Tu debes lembrar-te. Ella morreu ha... dois annos.

—Lembro, sr. reitor, lembro.

—Pois a doida entra aqui na historia.

—Coitadinha!—exclamou Cecilia. Trazia sempre ao collo uma boneca feita de farrapos, achegava-a muito ao seio, e dizia á gente: *Não acordem a minha filha!*

—Tal e qual! Tu ainda te lembras bem.

—Se até a minha mãe lhe dava sempre a esmolinha!

—Pois dava, dava. Ora... em que ponto iamos nós da historia?

—Estava a menina caidinha no chão—lembrou a Isabel.

—Ah! é verdade! Então lá vai o resto:

«O homem que a pisou ficou muito triste; passado pouco tempo adoeceu, e foi indo de cada vez a peor, a peor, a peor, até que se lembrou Nosso Senhor de chamar a si a alma d'aquelle desgraçado.

- Era tão ruim!
- «Era, era; mas depois que elle fez aquella má acção, ficou muito pezaroso, e até me parece que morreu de afflicção por isso...»
- E a viuva?
- «Espera. Lá vamos. A viuva assim que lhe trouxeram a filha, pegou nella nos braços, e principiou a rir muito, a rir muito...»
- A rir?
- «Sim, a rir; porque ás vezes o riso exprime maior pezar do que as lagrimas, entendem? Pois a rir, recommendava:—*Não acordem a minha filha!*»
- Então era a doida?—perguntou Cecilia.
- Era, Cecilia, era a doida. Topei-a muitas vezes, de noite, perdida por esses montes, a acalentar a filha, cantando:

*Dorme, dorme, minha filha,  
Que o páesinho logo vem.*

- E a menina? a Delfina?—perguntaram os pequenos.
- Pois eu já não disse?
- Não, sr. reitor.
- «A Delfina—concluiu tristemente o abbade—a Delfinha, assim que o homem lhe poz o pé na cara, morreu!
- Ah! morreu!?—exclamaram as creanças a chorar.
- «Ora agora não chorem. E lembrem-se sempre d'esta historia. Quando fôres um homem, José, nunca trates mal as creancinhas, ouviste? Que até Nosso Senhor gostava d'ellas, entendes?»

Bateram no presbyterio as badaladas das *Ave Marias*. O sr. reitor ajoelhou. As creancinhas—a exemplo do abbade—ajoelharam tambem, ergueram as mãos, e rezaram. No fim disse o reitor:

—Vá um Padre Nosso por alma d'aquelle infeliz que pisou a Delfina.

ALBERTO BRAGA.

## INDISCRIPÇÃO

(A Gonçalves Crespo)

Branda cõa-se a luz serena e voluptuosa  
No fôfo camarim de seda cõr de rosa.

Em meio da janella as plantas delicadas  
Debruçam para o chão as hastes recurvadas.

Deslumbram de Cellini argenteadas esculpturas;  
Descançam na parede artisticas gravuras.

Num quadro uma ramada umbrosa de Corot.  
Além vê-se num leque um parque de Watteau.

Naquelle contador (um movel Renascença)  
Ha louças do Japão, e pratos de *fayença*.

Respiram-se no ar perfumes elegantes,  
Aromas de violeta, effluvios penetrantes.

Um formoso animal, um cão felpudo enorme,  
O focinho nas mãos junto a um piano dorme.

Dorme, sonha talvez numa creança linda,  
Que elle salvou no mar ha pouco tempo ainda.

Espalham-se na meza illustrações formosas,  
Albuns de Gavarni, paysagens deliciosas.

Entre os livros se vê um lapis encostado,  
Num album inda aberto, ha pouco abandonado.

No candido papel avulta em traço fino,  
O accentuado perfil d'um rosto masculino.

Uma gentil morena, a trança côr de amora,  
Num commodo sophá distrai-se encantadora.

Abre-se-lhe nas mãos um liyro: as *Miniaturas*.  
Sonha a virgem talvez phantasticas venturas.

Vamos, indiscrição! A pagina o que reza?  
Lê-se no alto—*A noiva*; adivinhei, marqueza.

ANTONIO VASCO DE MELLO.

---

JULIO CESAR MACHADO

O mundo não se olha tão sómente pelo prisma da seriedade pesada, pois que elle é formado de contrastes que provocam por egual a indignação e a gargalhada.

Em tudo se quer riso e bom ar, porque o riso é o supremo idéal da formosura, assim como o ar é a suprema hygiene da vida.

A revolução, que deu em terra com a evolução theologica, parallela do mundo classico, foi a mesma que, determinando-se pelo mundo, iniciou o periodo moderno e positivo do viver sadio, tanto para o passado do corpo, pela escolha dos alimentos, como para a educação da intelligencia.

Os progressos dos povos correm sempre parallelos, mais ou menos, uns aos outros, áparte as influencias de muitas condições apreciadas pela critica moderna, principalmente a partir de Montesquieu e Herder.

Nos factos da existencia nota-se a mesma lei, deduzida de milhares de circumstancias todas ellas apreciaveis. Assim, á ópera comica do theatro—quadro dissolvente á força de vivo—corresponde no desenho a caricatura—photographia que dá ao mesmo tempo o retrato do individuo e os seus usos e costumes—e nas letras a ironia.

A satyra assignala-se nas nações decadentes, porque tambem a therapeutica applica o caustico nas ultimas extremidades, e isto por-

que a satyra, acima de tudo, exprime o verbo da indignação. Um verso do Juvenal, na ultima hora da agonia de Roma, vale mais que um discurso pautado de Cicero no tempo florescente do grande povo.

O mesmo de Rabelais e Alphonse Karr, embora por uma interpretação diversa.

O ter espirito é difficil, porque o proposito em o fazer póde dar-nos um Othelo a representar de Sganarello. Do limite da seriedade póde ir-se á chalaça sabuja, e ahi o dizer equivoco de um *clown* pode fazer rir, mas só o homem de espirito póde obrigar a pensar. E assim, é bem differente da risota e da chalaça ignorante o bom dito, profundo, ironico e verdadeiro.

Dizem que entre o riso e a franqueza existe uma certa analogia. Mas não é tanto assim: a elegancia prefere um botão, calice que ainda envolve todos os perfumes, a uma rosa aberta, urna que já deixou fugir todas as essencias; e como a elegancia, assim é a arte—eterno sorriso dos predestinados.

Ora, com essa grande arma da ironia, ganham-se imperios, e até se conquistam amores. Nesta variedade de poderios se demonstra a sua valia e importancia.

A França deve tudo o que é ao seu espirito, aos seus sorrisos e á sua lingua, porque, da lingua de cada povo, depende tambem o seu progresso e a sua civilisação.

Vêde esta lei na philosophia positiva de Littré, quando se refere á influencia germana no francez, no italiano e no hespanhol no periodo da idade media.

A Hespanha, no seu genio bandoleiro, tem o retrato da sua lingua, que é para todos os enthusiasmos de momento e para as allucinações de cada instante a arma de grandeza ou de destruição.

Pelo idioma e pela doçura da sua linguagem se elevou a Italia para a vida da musica original e para todos os campos das bellas artes. A Allemanha tem a philosophia tanto no romance, como na lingua, como na abstracção.

O nosso indifferentismo e a nossa frouxidão na arte, na politica e na litteratura derivam em parte da nossa lingua, a qual na sua degeneração produziu a indolencia brazileira e o egoismo nacional.

*«Ironia! verdadeira liberdade! E's tu que me tiras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração dos grandes personagens, das mys-*

*tificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo e da admiração de mim mesmo.»*

Nestas palavras de Proudhon está synthetizada a missão da critica moderna. Difficil, porém, tem de ser a execução entre nós de tão alto encargo. Os srs. Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, dois talentos respeitaveis e caracteres nobillissimos, que se serviram d'aquellas palavras do grande homem como norma dos seus escriptos de observação, têm arrastado com pequeninos odios para levar a bom termo o nobre intento de acordar a nossa nacionalidade para uma nova vida e para uma muito outra civilisação. E tanto mais difficil é esta missão quanto é certo que o nosso paiz se encontra no periodo sentimental das velhas nações amortecidas; e ainda ha pouco se demonstrou quanto gostamos de figurar em exterioridades mais ou menos ridiculas.

Aproveitar esse comico, satyralisal-o, pô-lo em scena, mostral-o no seu meio, na sua pequenice é missão litteraria.

É o protesto de ironia de um observador, que apanha as feições burlescas dos muitos ridiculos que vão passando.

É esta a feição particular e original de um escriptor que nos honra e nobilita no campo em que é unico: Julio Cesar Machado, vulto sympathico, que tem visto muito mundo, conhecendo-o pela vida artistica, que é onde elle se traduz com mais realidade.

Goza elle em Portugal d'uma popularidade merecida. O seu nome presta-se para as valentias mavorticas e para o sorriso feminino, todo delicadezas de encanto. As mulheres chamam-lhe *Machadinho*, os militares *Cesar*, e elle, que já notou que Almeida Garrett fizera num discurso o publicismo de todos os publicistas encartados, seria capaz de escrever as *Mulheres* de Karr e os *Commentarios* de Augusto.

Ha uma denominação geral porque é conhecido na linguagem litterata dos collegas: o *nosso Julio Janin*, ou ainda —o *Julio Janin portuguez*. E nelle existe na verdade algum tanto de francez puro, desde o rosto risonho e insinuante até á satyra despreoccupada, jovial, amena.

É um homem isolado, mas que vê tudo, descrevendo os homens e as cousas com a naturalidade de quem lhes é conhecido de perto. Tem lá um systemo de vida todo seu, como o seu estylo e a sua graça, que é sempre original, viva e delicada. Possui a prosa desprerenciosa da espontaneidade sensata, e já Camillo Castello Branco lhe chamou *coação de oiro*, provado nos momentos de dor, que é quando se lhe conhece o valor do seu bom quilate.

Estas organizações são especiaes, e a sua escripta participa do seu organismo.

Foi assim que elle se mostrou desde logo, naquelles temores febris da primeira publicação. Foi a *Calça de listra* a sua estreia, e a creança de 14 annos, que já antes havia recebido a offerta de um livro de Lopes de Mendonça, teve o applauso enthusiastico do theatro.

Depois succedeu *Claudio*, obra de mais vulto, e desde então para cá — ha vinte annos! — os seus escriptos encadeiam-se na sympathia publica, sempre com a mesma originalidade, bom senso e elevação.

Na critica, quando tem de dizer mal, cala-se. É esta a sua lei, que já formulou algures. Não é para lutas, é para amores, uns amores suaves, transparentes, todo peninsulares, que vivem ao luar, que se estremecem com as aves e as solidões dos montes. E no meio de tudo uma ironia, um parenthesis, uma anecdota, que elle applica ao caso como qualquer aprendiz de latim applica uma regra na analyse miuda de um periodo de Cicero. E sempre fertil, abundante. Faz criações para Taborda e para Bordallo Pinheiro. Por aqui avaliem a sua individualidade, que se une e casa com os dois maiores talentos do riso portuguez, na scena-comica e na caricatura.

D'elle poderíamos dizer o que Mery escreveu de Alexandre Dumas:

«.... com aquella prodigalidade de espirito, de graça e de encanto que dois mil volumes nunca poderam esgotar e que outros dois mil já mais esgotariam.»

É que Julio Mechado devia ser immortal como os deuses. D'estas individualidades precisa a sociedade, porque a seriedade systematica, denotando muitas vezes hypocrisia, é semsaborona e tediosa.

Os espiritos preocupados e sombrios são quasi sempre atreitos a molestias perigosas. Os homens despreocupados não só vivem mais, como succede em França, onde os litteratos morrem velhos, mas até estão menos sujeitos ás deleterias influencias physicas.

Se immortal para vida não póde ser o nosso folhetinista, ha de sobreviver nas letras patrias, por muitas gerações, assim como á idade se tem conservado sempre moço o seu espirito e a sua sympathica imaginação.

MAGALHÃES LIMA.



RETRATO

Ha um mixto d'azul e de luar  
Nesses olhos de biblica expressão,  
E fazem os seus labios desmaiar  
As mais vermelhas rosas do Japão.

Que immensa gentileza em seu andar,  
Nos dedos de marfim, que perfeição!  
Julgava-me feliz em aquestrar  
Os seus pequenos pés na minha mão.

Na linha idéal do seu perfil antigo  
—Quando ás vezes converso a sós comsigo  
No deslizar feliz de extinctos dias—

Um sorriso prepassa, enregelado,  
Como um diamante negro encastado  
Sobre o collar das minhas alegrias.

ANTONIO VIANNA.

---

LITTERATURA DISSOLVENTE

Caracterisa esta nossa época uma fórmula velha como lei social, a qual, atravessando todo seculo XVIII, parece querer perpetuar-se: a destruição pela negação absoluta. Mas o espirito crítico deve libertar-se d'uma tradição prejudicial á sua aspiração, ambiciosa de um novo idéal. Este não deve ser tão isolado que só se verifique na prática por aquella lei, antes, bem avisado, deve *substituir* em vez de só *destruir*.

O facto está unicamente, no tocante á especialidade do nosso trabalho, em applicar á litteratura os principios da escola positiva; de nada mais se necessita do que estabelecer, no vasto campo da esthetica, a ordem hierarchica nas artes que A. Comte applicou ás sciencias. Está descoberto o methodo, e determinaram-se os principios: imprima-se o movimento regular e harmonico, e chegaremos ao bello verdadeiro. Fontenelle poderá abrir a sua mão cheia de verdades, e ellas serão dirigidas numa applicação util, honesta para a dignidade humana, incitativa para o aperfeiçoamento dos bons costumes.

Na litteratura moderna apparecem symptomas de regeneração, e manifestando-se ha muito, perderam-se na tradição dos primeiros ensaios, na incerteza de suas determinações.

Parallelamente á escola positiva, nas suas applicações mathematicas, manifestou-se o romantismo (1830), mas bem contradictorias eram as duas revoluções, pela simples razão do positivismo derribar a theologia e a methaphisica—duas evoluções —, e este vir apenas substituir a escola classica—evolução unica, com um parenthesis na idade média.

Por isso a evolução romantica encontrou mais preparados os espiritos para o seu enthusiasmo embriagante, emquanto que a philosophia comteana só mais tarde se espalhou, no que damos razão a Guizot contra Littré sem querermos seguir aquelle na intenção da sua asserção. E por egual razão ainda é que hoje, quando se conhece o positivismo, que serve tanto para guiar a intelligencia como para educar o sentimento, não serve o romantismo.

Mas a morte d'este não significa a do idéal: como no organismo material, no mundo intellectual os principios tão sómente estão sujeitos a transformações.

D'aqui nasceu a instituição d'uma escola, que recebeu o baptismo de *realista*; e como em todos os primeiros enthusiasmos, envolveu-se num exclusivismo egoista.

O perdimento era certo quando se caprichava em seguir como regra geral as extravagancias d'uma individualidade qualquer.

Derribou-se um olympo para se construir outro, mas muito baixo e por vezes repugnante.

O mal que se pretendia extirpar revestiu apenas uma exterioridade mais appetitosa e sensualista.

E no meio de tudo isto podem hoje notar-se duas correntes oppos-

tas: por um lado a dedicação dos que trabalham de boa fé, e nella têm a desculpa dos seus desvios; pelo outro a exploração dos que se aproveitam da má educação para destruir de todo, satisfazendo a um novo sentimento egoista.

O escandalo, explorado pelo escandalo, dá apenas uma somma total em que as parcellas se representam por immoralidades.

Seguindo Balzac no seu realismo, e tomando a *maneira* d'aquelle grande mestre, Flaubert, Zola, Droz e outros podem descair no fidalgo romantismo de Charles Bernard, Sand e Musset, mas os seus escriptos têm por vezes uma feição educadora.

Bellot, e os que lhe seguem no rastro, destroem, corrompem. Não dão a photographia, mas uma phisiologia impossivel, uma anatomia dissecada na phantasia.

Não têm observação, porque esta não resulta d'um facto isolado, dado que elle exista; não têm a descripção primorosa, artistica, porque esta requer um fundo de verdade que se não avista. Phryné e Lâis teve o mundo grego, e nem por isso o classicismo tem fóros de escola moderna.

Elles não representam trabalho; reproduzem o que em momentos de tédio lhes sugeriu um facto qualquer que sujeitaram a um molde.

D'ahi vem a heterogeneidade e a incongruencia, que são novos estorvos ao desenvolvimento da razão e da intelligencia.

Desapparece a arte para dar logar ao producto das imaginações enfraquecidas; o romance, que devia ser a manifestação d'aquella na realidade da vida, perde-se em mil concepções com falta de bom senso.

A phantasia não é unicamente uma faculdade creadora, é a idealidade no possivel.

No meio d'esta affirmativa e d'esta negação é que se devia assentar a verdadeira escola.

O caracter d'um homem e a influencia d'um meio limitado não a podem constituir; representam a litteratura dissolvente, com a sua deleteria influencia na arte e no meio social.

AUGUSTO DA FONSECA.



## CONFIDENCIAS POSTHUMAS

Se tu descesses hoje, ó minha dôce amada,  
Da branca luz do dia á triste cova escura,  
Depois do ritual e antes da alvorada,  
Havia d'ir roubar-te á paz da sepultura.

E num suave enleio, em todo o teu frescor,  
Na fragrancia subtil da tua fresca renda,  
Lutára a disputar-te ao verme roedor,  
—O *D. João* da morte, o negro heroe da lenda!

Das ondas do cabello, em tranças ennastrado,  
E de pureza igual ás sêdas estrangeiras,  
Havia de fazer-te um berço delicado  
Para ahi repousar das ultimas canceiras.

Do meu amor então as loucas exigencias,  
—Cruéis vacillações, e sonhos infantis...  
O perfume que exala esse teu mar de essencias  
Dos olhos a chorar, dos labios quando ris:

Ah! tudo te dissera, eu, sem receio ou medo,  
Lembrando as convulsões dos alvos seios teus...  
E prendendo-te a mim, contára-te o segredo  
Do meu occulto amor que adivinhou só Deus!

Da silenciosa morte os tragicos annaes,  
—Fatal transformação d'uns gastos elementos—  
Que Deus ensina a ler na paz dos vegetaes  
E que elle escreve só nos velhos sedimentos:

Quizera-t'os eu lér na casta flôr da rosa  
 D'inebriante aroma e doce efflorescencia:  
 E nessa noite extranha a lua caprichosa  
 Não viria roubar-te á mutua confidencia...

.....  
 .....

Mas teu corpo gentil, se reviver um dia  
 Na branca flôr do lyrio e num frescôr alheio,  
 Ao magico cantar d'alegre cotovia,  
 Eu dormirei ali á sombra do teu seio.

Coimbra.

JOSÉ CASTELLO BRANCO.



### POETAS E PROSADORES ACADEMICOS

O movimento scientifico entre nós, em regra, tem a feição do mercantilismo. É pautado como uma obrigação de officio, e nas escolas onde se professa existe ainda o velho preconceito de que a sciencia é uma cousa mysteriosa, que só deve vir á rua e andar em propaganda quando estiver emancipada com a investidura final do que a quer doutrinar.

Aprendendo-se para adquirir modo de vida, olham-se as letras como um capital a explorar: d'aqui nasce a superficialidade e a imposição magistral. Terminado o curso, o individuo como que se sente proprietario. Põe ponto final no estudo, como quem recebeu uma herança que farte para as suas precisões. E este indifferentismo burguez, resultado certamente da falta de incitamento, sommado com o preconceito escolastico dá a rotina na vida scientifica, litteraria, artistica e industrial da nossa nacionalidade. O paradeiro ultimo é a burocracia, que não

é tão larga que tenha abundancias para a immensa revoada que se lhe achega a pedir grão.

Coimbra vai erguendo-se do adormecimento. Como amostra, os periodicos que se publicam: para a politica de todos os partidos, que debatem a superioridade do seu credo na discussão dos principios e na realidade dos factos; para as sciencias, nas que desejam ir além da sua evolução e nas que pretendem com justiça demonstrar a necessidade do reconhecimento das suas verdades; para a Universidade, na jurisprudencia theorica e pratica; para a mocidade, no campo largo das idéas sadias, das crenças fervorosas, da propaganda da sciencia revolucionaria sem jacobinismo e sem falsos enthusiasmos.

Um santo de que reza o agiologio lusitano, e que, mais pela profundidade da sua lição do que pela canonisação de seculos, chegou até nós, S. Damaso, disse uma verdade em poucas palavras: — *Que ler sem escrever, é dormir.*

Deixamol-a consignada, que tanto vale proferida por um heroe da igreja como por um republico de mais adiantados principios. É uma verdade, e tanto basta. Damol-a como chamamento, e é louvavel a nossa intenção.

Em todos os tempos Coimbra poetou, e os que vinham de longes terras aqui soltavam as ingenuas estrophes das suas saudades, que ainda então o progresso se não incumbira de deslustrar. Ha por ahi muita prova dispersa, e tambem já se combatia pela sciencia, mas timidamente, até que a geração de A. do Quental e Theophilo Braga deixou na academia o incitamento a um estudo novo, de generalisação e de deducção de origens.

Hoje contenta-nos o que vemos. A sciencia moderna tem quem a ensine, quem a aprenda, e quem a professe. Sequestrados até agora do grande movimento, vamos entrar na lide, e a *Litteratura occidental* inscreve o nome de quatro collaboradores academicos, a que se seguirão outros e mais.

A escola de A. Comte, que pretende *donner à la philosophie la méthode positive des sciences, aux sciences l'idée d'ensemble de la philosophie*, que em palavras tão simples encerra tão grande idéa, tomou o maximo desenvolvimento, e a *Evolução*, o *Seculo* e esta folha têm publicado artigos que demonstram o seu aproveitamento. Hoje apparece-nos Vicente Pinheiro, que nas suas obrigações escolares a estudou com intelligencia. A *Litteratura* recebe-o com o enthusiasmo da boa

camaradagem, e satisfaz-se em consignar que o seu nome já representa uma tradição honrosa nas letras portuguezas, vinda de seu pae, o visconde de Pindella, de quem correm impressos alguns trabalhos dramaticos. Esta perpetuidade na vida da intelligencia é o mais honroso de todos os diplomas.

Antonio Vasco de Mello, Antonio Vianna e José Castello Branco, dando a traducção dos seus sentimentos, no verso moderno, que representa a delicadeza d'um quadro familiar, e o amor como se vê e como se sente, despreoccupado de perturbações doentias e liberto de velhas fórmulas, representam a mesma tradição: o primeiro, filho do marquez de Sabugosa, que nos conselhos da corôa e na convivencia de A. Herculano deu prova da sua intelligencia de estadista e de litterato, tem já no *Cenaculo* uns versos de merecimento, que o revelaram bom poeta; o segundo, descendente de José da Silva Carvalho, o revolucionario de 1820, o membro da Regencia que amanhô o terreno da liberdade, escreve epopéas ao amor, primeira manifestação dos elevados sentimentos, como seu avô as escreveu á patria nas refórmias a que ligou o seu nome; o ultimo, sobrinho de Camillo Castello Branco, nome que dispensa adjectivos, é moço e medico, que ama as mulheres, mas que disseca na mesa de marmore, que se embriaga num olhar, mas que sabe anatomia, que lê Lamartine e Musset, mas que estuda Darwin.

Em todos elles se pode ver o aproveitamento do estudo. Não ha aberrações, mas sim a elevação da nova escôla, desprendida da fórma classica, arrastando pela grandeza da estrophe, originalidade do pensamento e pelo fundo verdadeiro em que se envolve, todo natural, cheio de muita vida, onde falla o coração e onde se traduz uma arte racional.

O que subscreve estas linhas não as deixa ahi com a intenção immodesta de fazer apresentações, de que não gosta e que nunca procurou para si. Lançou-as no papel convidando a entrar os que estão fóra, porque conhece que ha muitos que o podem e devem fazer. O campo é para todos, e a communhão não póde ser mais nobilitante.

SERGIO DE CASTRO.





# LITTERATURA OCCIDENTAL

## ASSIGNATURA:

COIMBRA, serie de 6 n. <sup>os</sup> . . . . .	1\$200 reis
PROVINCIAS » » . . . . .	1\$240 »
HESPAHNA » » . . . . .	7 pesetas
BRAZIL » » . . . . .	1\$500 rs. fortes

A assignatura é paga adiantadamente. Deve ser enviada a sua importancia em vales do correio, deduzido o premio, e só em estampilhas das localidades onde se não passem vales.

Redacção—RUA DE J. A. D'AGUIAR, COIMBRA.

Acceitam-se correspondentes em todas as localidades, com a commissão convencionada.

A Empreza pede o auxilio do publico, conscia de que o merece.

Para cada serie de 6 n.<sup>os</sup> distribuirá uma capa de cartão, acompanhada de um indice.

Publica-se mensalmente.

## MUSEU TECHNOLOGICO

REVISTA DAS INDUSTRIAS PORTUGUEZAS  
E ESTRANGEIRAS

E DOS

Principios scientificos em que as mesmas  
se fundam

PUBLICAÇÃO MENSAL E ILLUSTRADA

Director—M. DA MAIA ALCOFORADO



(Paga adiantadamente ou depois da publicação  
de cada numero)

Por seis mezes . . . . . 1\$000 reis  
Cada numero de 16 pag. a duas col. 200 .

NO BRAZIL

Por seis mezes . . . . . 2\$000 reis  
Cada numero de 16 pag. a duas col. 400 .

Assigna-se nas principaes livrarias do reino.

## COMEDIA DO CAMPO

AMOR DIVINO

POR

Bento Moreno

Preço—500 reis

À venda em todas as livrarias.

## COSTUMES MADRILENOS

POR

MAGALHÃES LIMA

PREÇO—300 REIS

À venda em todas as livrarias.

LITTERATURA  
OCCIDENTAL

SCIENCIAS, LETTRAS E ARTES

REDACTOR—SERGIO DE CASTRO

ALUNO DA FACULDADE DE DIREITO NA UNIVERSIDADE

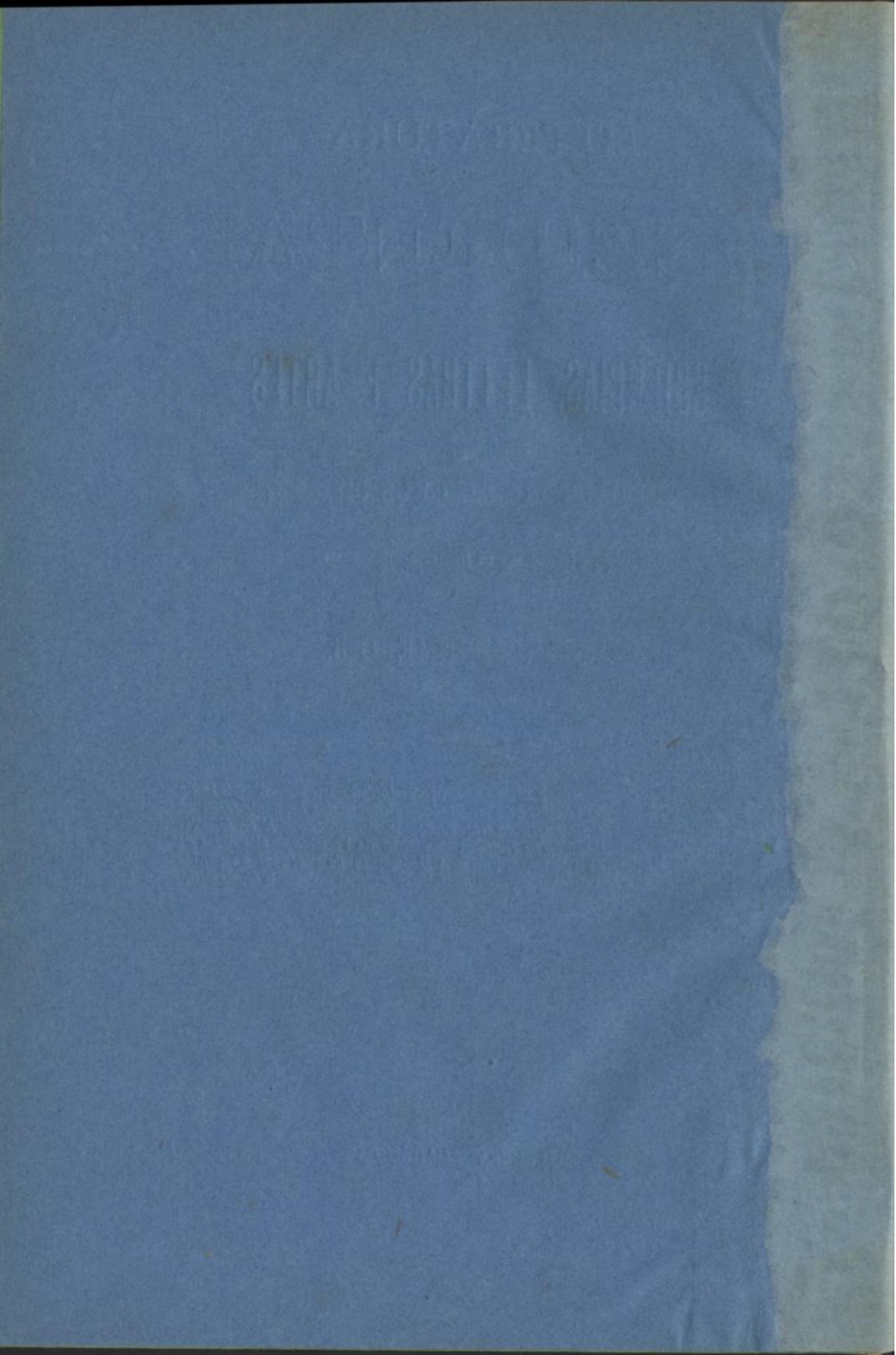
1.ª SERIE—NUMERO 3.º

SUMMARIO

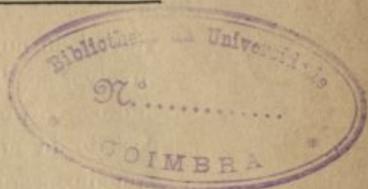
*Transição da biologia para a sociologia*—dr. Theophilo Braga.—*A' morte de Carlos X* (poesia)—Candido de Figueiredo.—*Economistas hespanhoes*—José Simões Dias.—*Antonio Fogueira* (romance)—Bento Moreno.—*Nova fé*—Vicente Pinheiro.—*Épicurisme* (poesia)—Augusto da Fonseca.—*Memorias de ausencia*—A. A. da Fonseca Pinto.—*A Hegemonia de Portugal na península iberica*—Eduardo Burnay.—*Alexandre Herculano*—Sergio de Castro.

COIMBRA  
IMPRESA ACADEMICA  
1873

Sala  
Gab.  
Est.  
Tab.  
N.º

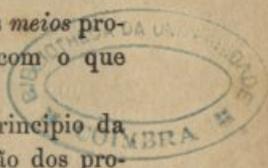


## TRANSIÇÃO DA BIOLOGIA PARA A SOCIOLOGIA



O principio da *População* de Malthus, achado em 1798 em uma critica das idéas de Godwin, e redigido definitivamente em 1803, foi largamente debatido e pervertido pelos economistas que tinham as suas noções subordinadas ao vago metaphysico e ao providencialismo catholico.

O nome de Malthus tornou-se academicamente odioso, e a critica do *Ensaio sobre o principio de População* continuou a ser feita e a repetir-se sem nunca mais ser preciso ler o livro que continha a lei da ordem moral das sociedades. A confusão do *principio* com os *meios* propostos por Malthus, envolveu a immutabilidade d'aquelle com o que estes tinham de arbitrario.



Só com o progresso das sciencias biologicas é que o principio da população pôde ser bem comprehendido fóra da complicação dos problemas sociaes; e, uma vez verificada a exactidão, é que elle pôde ser considerado como a lei de todo o movimento das sociedades, quer na historia, quer nos conflictos do presente, ou nos destinos da civilização.

Para nos elevarmos á intelligencia da *lei da população*, sacrificamos por um pouco a ordem historica á ordem logica, apontando como os biologistas demonstraram a qualidade caracteristica dos seres vivos, de uma assombrosa capacidade reproductora.

Segundo Darwin, Linneo «calculou que se uma planta annual produzisse sómente duas sementes, e cada uma d'estas produzisse outras tantas no anno seguinte, e assim por diante, haveria um milhão no fim de vinte annos. . . » Cumpre notar que nenhuma planta produz tão poucas sementes; o doutor Franklin, cujos factos serviram de apoio á doutrina de Malthus, observára tambem que a natureza prolifica das plantas e dos animaes não conhecia outro limite senão o trasbordamento e o conflicto pelo sustento da vida.

O genio de Darwin previu a lucidez d'este principio biologico, e tirou-lhe todas as consequencias no seu livro *Origem das Especies*, confessando com toda a superioridade scientifica a quem devia uma tão luminosa sugestão: «Uma luta pela existencia é a consequencia ine-

vitavel do numero elevado em que os sêres organisados tendem a desenvolver-se. Todo o sêr que, na duração natural da sua vida, produz muitos ovos ou sementes, está condemnado á destruição durante algum periodo da sua vida, e em uma estação ou um anno eventual; inversamente, segundo o principio da progressão geometrica, o numero dos individuos d'esta especie tornar-se-ia tão extraordinariamente elevado que nenhum paiz poderia manter o producto. Assim, já que nascem mais individuos do que os que podem sobreviver, é preciso que haja em cada caso uma luta pela existencia, quer da parte d'um individuo contra outro da mesma especie ou contra uma especie differente, ou bem contra as condições physicas da vida. É a doutrina de Malthus applicada com uma força multipla aos reinos vegetal e animal inteiros... Não ha excepção á regra, que todo o sêr organico augmenta naturalmente em um numero elevado de modo que, senão houver destruição, a terra seria immediatamente coberta pela posteridade de um só par. Mesmo o homem, que procria lentamente, duplica em numero no espaço de vinte cinco annos; ora, diante d'esta progressão, no fim de alguns milhares de annos, não haveria litteralmente bastante logar physico para os seus descendentes.»

Na critica do transformismo darwiniano, nunca o principio de Malthus, que lhe serve de base, foi posto em duvida; o grande geologo Lyell, o physiologista Huxley, Wallace, Owen, e outros como Quetelet por meio da Statistica, e Buckle, por meio da historia, produzem uma plena comprovação da lei d'onde tem de ser deduzida toda a Sociologia.

Abstraindo agora da originalidade e da prioridade da concepção de Malthus, foi elle o primeiro que fez a applicação d'essa lei biologica ás sociedades humanas, com um intuito philantropico. O problema da miseria, antes de formular a solução a dar-lhe, levou-o a procurar a causa organica; a causa fundamental do conflicto social é formulada com uma admiravel clareza: «A tendencia de todo o sêr animado a propagar-se além da subsistencia que encontra preparada».

Tal é a fórmula em abstracto; procurando determinál-a nas suas particularidades, ou complicação de condições especiaes, chega á seguinte lei da população e lei da subsistencia: «Pode-se affirmar com toda a segurança, que a população, quando não é refreada, desenvolve-se em uma progressão geometrica tal, que se duplica em cada vinte cinco annos». Sabe-se com que segurança Malthus verificou esta pro-

gressão nas statisticas decennaes da população da America, feitas por ordem do Congresso dos Estados Unidos.

A lei da producção ou da subsistencia é assim formulada: «Vista a condição geral da terra, *os meios da existencia* nas condições as mais favoraveis, não poderão ser augmentados com mais rapidez do que em progressão arithmetica.» Para que se faça a equação entre a capacidade reproductora do homem, e a capacidade economica da producção da subsistencia, a sociedade modifica em formas especiaes o conflicto pela vida e a selecção do mais forte, como procede a natureza organica. Este conflicto é a essencia da marcha empirica das sociedades primitivas, e Malthus presentiu quanto n'este sentido convinha elevar o criterio scientifico da historia; a selecção social actua na differenciação das castas, das classes e na divisão do trabalho.

O economista Rossi, na introdução á traducção franceza do *Ensaio* de Malthus, preveu a vastidão das consequencias da theoria: «A questão da *população* abrange tudo, a *moral* e a *politica*, a economia nacional e a *economia domestica*. O *estado*, a *familia*, o *individuo* ahi estão igualmente interessados pelo presente e pelo futuro, pela sua força como pela sua felicidade.» Malthus determina o modo como fatalmente se opera esta difficil equação entre a progressão geometrica da população e arithmetica da subsistencia; é pela oscillação entre os nascimentos e a mortalidade na razão directa um do outro. Aos factos repressivos dos nascimentos, chama-lhes Malthus *freios preventivos*, e aos que augmentam a mortalidade *freios positivos*.

A consideração historica de cada um d'estes factores, leva-nos a agrupar todas as formas da actividade social, como resultantes dos meios empiricos para realisar essa equação inevitavel. O conhecimento d'este conflicto intimo das sociedades foi desde todos os tempos revelado pela difficuldade crescente da producção; conheceram-no os povos antigos, como ainda o provam alguns *costumes* hoje inintelligiveis, conheceram-nos os primeiros legisladores e instituidores religiosos, conhecem-no finalmente as tribus selvagens.

A regulamentação das relações sexuaes no casamento, como base de toda a disciplina social, é proveniente d'esse freio preventivo, a que anda ligado o do reconhecimento da *propriedade* individual e hereditaria; d'esta mutua necessidade nasceram os rudimentos da moral e da lei juridica.

A disciplina do casamento produziu duas manifestações contrarias,

de um lado a *monogamia*, movel immediato que dirigiu á mais alta civilisação as raças progressivas, de outro lado a *promiscuidade das mulheres* ou *dos maridos*, como nas raças selvagens, ou a *polygamia* nas raças improgressivas. D'estas soluções empiricas que se tornaram costumes inconscientes, derivam-se outros actos explicaveis hoje diante da comprehensão da causa do conflicto social; tal é esse principio do *direito de vida e de morte* do pae sobre o filho na legislação romana; tal é a morte dos paes pelos proprio filhos usada por quasi todos os povos antigos como uma cerimonia domestica; os *sacrificios humanos* impostos pelos religiões sensualistas, e a morte do primogenito ou do quinto filho segundo certos povos, ou tambem a morte das crianças fracas ou disformes, como usavam os Spartanos.

Como solução espontanea ou empirica d'este conflicto permanente devemos indicar a *antropophagia* das raças degradadas, a *castração dos machos*, a *infibulação das raparigas*, a *prostituição religiosa* das bayaderas, ou o *celibato clerical* como no Thibet, e o *aborto* usado pelas damas romanas como o affirma Juvenal, e pelas mulheres pobres e criadas de servir, como o publicam os jornaes de hoje.

O desenvolvimento da *escravidão*, como commercio, procedia de uma igual necessidade.

Na historia são tambem evidentes os conflictos vitaes provenientes da lei do desdobramento da população; esses conflictos determinaram a fórma de tantos costumes, que para nós hoje parecerão extraordinarios e monstruosos; tal é esse costume de emigração em massa para ir constituir uma colonia nova pela occasião do *ver sacrum*, por effeito do trasbordamento da população.

A primavera sagrada era a época em que o enxame novo procurava uma outra região; n'esta marcha umas vezes perdia os habitos sociaes, e a pequena colonia ficava vagabunda na fórma de *tribu*, ou desenvolvendo os habitos do latrocinio ao contacto com tribus mais fracas, dissolvia-se na *horda*. Outras vezes fixava-se em um territorio ignorado, junto de um grande rio, como o Nilo para os Egypcios, o Euphrates para os Chaldeos e Babylonios, o Hoang-ho para os Chinezes, o Tibre para os Romanos, e provocada por este primeiro estimulo natural, a população desenvolvia-se com toda a intensidade da lei biologica, e organisava-se em um *familismo* rudimentar, cujos restos, ao passo que as fórmas sociaes se complicavam, se foram perpetuando na tradição nobiliarchica.

A aristocracia chinesa attribue a sua origem ás *Cem familias*, da emigração primitiva. O desenvolvimento exagerado da população pela facilidade dos meios de subsistencia em uma região não explorada, e pelas sugestões do clima, fez com que ella se impuzesse pelo numero, como vemos nos exercitos asiaticos, e com que se submettessem ao primeiro aventureiro que as dirigiu nas *invasões*.

Foi n'estes encontros de população, e por pressão do numero, que certos povos se misturaram constituindo *raças*; a importancia historica das raças está na razão do seu crusamento. As diferentes aptidões adquiridas vieram dar ás instituições sociaes uma maior largueza e todo o seu poder; póde-se dizer que os factos *staticos* produzidos pela população, reduplicaram a sua acção sobre a sociedade, tornando-se *dynamicos*.

Diante d'estes factos torna-se evidente a conclusão de Malthus: «A fecundidade da especie humana é uma lei que nos seus caracteres essenciaes se parece com todas as leis da natureza. É forte e geral, e os males que d'ella derivam são accessorios d'estas qualidades necessarias, a força e a generalidade; etc.» Como a lei de Newton para a astronomia, a lei malthusiana da população é a base deductiva da Sociologia.

Este problema preoccupou os instituidores empiricos da antiguidade; Solon permittia o *infanticidio*, Platão deferia aos magistrados a intervenção sobre o numero da população, e Aristoteles, como pratico, estatua a procrastinação dos casamentos. Através d'esta grande lei a historia recebe uma nova luz; o numero inexgotavel que dava força ás tribus germanicas contra o imperio, explica-se por uma phrase accidental de Tacito, a insistencia sobre a pureza dos costumes dos germanos, isto é, a falta do freio preventivo dos nascimentos. A mobilisação da propriedade aristocratica e ecclesiastica em França, explica-nos o desenvolvimento da população durante o grande periodo revolucionario. Malthus descreveu este facto importantissimo: «Depois da revolução franceza, a população augmentou em lugar de diminuir, durante esta luta tão longa e tão sangrenta, no decurso da qual se calcula ter a França perdido dois milhões e meio de habitantes...»

Adiante fallaremos das causas accidentaes que influem de um modo directo sobre o augmento da população, como a cultura do milho, causa primeira do *proletariado* na Europa, e modificador incessante das fórmulas do governo.

Malthus procura as causas permanentes da *mortalidade*, que como freio positivo cooperam para conter a população no limite da subsistencia; mas todas essas causas são grandes factores de actividade social, ou consequencias fataes emergentes d'essa actividade. A necessidade de vencer a difficuldade progressiva da producção leva a inventar as *industrias*, agricola, pastoral, fabril ou mercantil; estas industrias são uma divisão do trabalho, e por tanto um aperfeiçoamento, mas que males profundos não precederam estes bens!

Guerras de raça separaram os povos agricolas dos pastoraes, como os Arianos do Iranianos; guerras de exterminio perseguiram os Pelasgos que se entregavam á metalurgia, e em toda a parte onde tribus turanianas exploravam as minas, foram reduzidas á escravidão das castas malditas pelos seus vencedores; o commercio concentrado nas mãos dos Phenicios, fez com que os Romanos os lançassem fóra do Mediterraneo; ainda hoje se observa antagonismo e separação de classe, o que vem agravar o que ha de *doentio* nas industrias e no trabalho excessivo, e dar á *concorrenca* economica o espirito de um combate.

Precisando explorar ou defender-se com um solo, uma sociedade está submettida á condição fatal do *clima*, que influe de um modo positivo no character nacional; mas o clima, como se vê pelas modernas statisticas, influe na mortalidade, na carestia da alimentação e do agasalho, nas variações metereologicas de que dependem as culturas. Na idade média existiram as grandes fomes periodicas que levaram até á antropophagia, e com as fomes desenvolviam-se as pestes periodicas, ou recrudesciam as epidemias. O poder politico sem previsão de codigos, usado a capricho de soberanos sem senso moral, produzia as guerras seculares de devastação e de miseria.

A necessidade do agrupamento de uma população numerosa, em arruamentos estreitos dos burgos para se defenderem, produzia os males das grandes cidades, os casamentos tardios ou illudidos, a emigração da pobreza, o vicio e outras desgraças que apressam a mortalidade.

Estas causas, apesar da circulação internacional dos productos, da obra incansavel das machinas, de um maior conhecimento das condições hygienicas, e de um regimen mais justificado das guerras, ainda hoje preponderam, aggravadas com novas fórmulas do freio positivo: tal é a ignorancia absoluta dos governos ácerca da lei de população, que no meio dos conflictos produzidos por este facto natural, usam os ex-

pedientes da repressão da *Policia*, da philantropia da *Assistencia publica*, e da illusão theorica dos *Salarios*. Onde Stuart Mill patenteou o poder do seu genio, foi na clara comprehensão do principio da população tomando-o como base da sua Economia politica.

Somos chegados ao facto sobre que os philosophos antigos assentavam a noção scientifica da sociedade, — as *formas de governo*. Mas a origem primeira d'este facto poderia ter sido determinada pelo interesse egoista de uma classe, porém, é certo que em todos os perigos sociaes a população entrega-se ao arbitrio d'aquelle que sugere e sabe conduzi-la a uma solução prompta.

Portanto, nos conflictos de uma *emigração*, como a dos Judeus, sahindo do Egypto, ou sustando *invasões*, como no imperio de Carlos Magno, ou prevendo uma grande fome, como no ministerio de Joseph, o poder derivou-se da relação empirica de algum d'estes numerosos conflictos sociaes.

Na época em que todas as relações sociaes estão definidas e garantidas por tribunaes, o unico motivo da existencia dos governos é providenciar conscientemente para que se realise a impreterivel equação entre a subsistencia que diminue e a população que augmenta. E o que fazem os governos? agravam esta fatalidade social com uma rede de *impostos*, com os gastos da *lista civil*, com os *exercitos permanentes*, e com a concorrência ás industrias particulares, o que torna no meio da sociedade actual o *medo da pobreza* como o maior freio dos nascimentos.

THEOPHILO BRAGA.

---

## À MORTE DE CARLOS X

(Traduzido de Victor Hugo)

Emquanto vos calais, eu, cuja voz plangente  
nunca sauda a aurora, antes saúda o poente,  
eu, que já fui, em Reims, hospede do meu rei,  
eu, que chorei por elle e as faltas lhe increpei,  
não guardarei silencio! irei, fronte inclinada,  
d'aquelle extinto rei á ultima morada;

hei de lá pendurar na abóboda sem luz  
a lyra que, fiel, as maguas me traduz;  
e, á memoria do rei votando triste pranto,  
hei de, em que pése ao mundo, erguer piedoso canto  
á beira do que dorme!

E que me importa a mim,  
—a mim, que azas desprendo em páramos sem fim,  
a mim que nunca amei senão o campo e os mares,  
e tudo o que me exprime ou dores ou pezares,  
exceptuando os maus; a mim, cuja afflicção  
sóbe de ponto, ao ver, do mar na vastidão,  
o marinheiro audaz, guiando fragil barca;  
e que entre os ais do povo e os prantos do monarcha  
hesito muita vez;—que importa, digo eu,  
que, ao termo de annos seis, baixasse do apogeu  
da realza doirada aquelle soberano,  
que é hoje uma ruina ao pé de um torvo oceano,  
mudo phantasma a ver o que se passa aqui!  
que importa que jámais desinvolvesse em si  
a força que transforma aos seculos a face!  
que a sua ingloria fronte em sombras mergulhasse!  
que soffresse do exilio os momentos crueis,  
que são primeira morte aos que já foram reis,  
elle, já velho e só, sem purpura e sem nada!  
Que importa? embora surja a ira suffocada,  
darei que em Saint-Rémy entrámos, elle e eu,  
ambos, no mesmo dia; e lá nos acolheu  
a acclamação que eu guardo ainda na lembrança.  
E então era elle velho, e eu quasi uma criança.  
Poeta que elle amou, eu não consentirei  
que em nua e erma campã escondam o meu rei.  
Emquanto ao longe a turba enche de clamor o espaço,  
a sublime Piedade, em amoroso abraço,  
os proscriptos envolve em manto de alva côr;  
e em cada noite, a que ella empresta o seu fulgor,  
não pedirá debalde ao meu triste alaúde  
um luctuoso véu para o real ataúde!

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

## ECONOMISTAS HESPANHOES

## I

Iniciando esta serie de estudos, em que poremos em relevo os trabalhos dos mais insignes economistas do vizinho reino, como Luiz Maria Pastor, Figuerola e Gabriel Rodrigues, importa mencionar desde já um homem que, desajudado da fortuna e sem outros recursos mais que a sua intelligencia e tenacidade, através de mil contrariedades, pôde conquistar um nome e escalar uma posição tão invejavel quanto honrosa.

É o sr. D. Feliciano Herreros de Tejada, antigo sub-secretario da presidencia de ministros no ultimo consulado do general Prim. Tem hoje 47 annos, e nasceu em Lumbreras, na Castella Velha. Terminados com aproveitamento os estudos de instrucção secundaria, destinou-o a familia ao sacerdocio. Porém, preferindo os estudos economicos á aridez dos theologicos, abandonou logo os habitos talaes, lançando-se na carreira mercantil. Com este proposito serviu por algum tempo com zêlo e intelligencia no escriptorio de uma acreditada casa de commercio na Granada. Parecia que esta nova fase da sua vida entorpeceria sua natural expedição. Foi o contrario. Bem depressa demonstrou que o seu cerebro estava mais disposto a profundar as sciencias economicas e exactas, do que a servir de cego instrumento ao hoje quasi moribundo poder temporal do papa. De Granada passou a Madrid, amplo theatro para a sua larga actividade. Aqui, tirando forças de si mesmo, e convencido do proprio valor, começou por se fazer corrector de praça, merecendo por sua actividade, honradez e notavel intelligencia nos assumptos mercantis, um renome respeitado por todo o alto e médio commercio de Madrid.

Não contente com saber fazer, quiz demonstrar e propagandar os seus conhecimentos economicos. A este louvavel desejo corresponde a publicação das revistas periodicas que fundou e redigiu:—*Las Antillas* e *El Fomento*.

Deu-lhe uma fama enorme a notavel memoria que escreveu sobre *Bancos de Emission*, na qual tão duramente eram atacados os pre-

vilegios do Banco de Madrid (prestamista usurario dos immoraes estabelecimentos da reacção), e de tal maneira se defendiam ali os salvadores principios da escola economica liberal, que foi prohibida oficialmente a vulgarisação d'esta obra. Este facto excitou naturalmente a curiosidade pública, e poucas foram as pessoas dadas a esta ordem de trabalhos que não guardam hoje aquella memoria como testemunho dos conhecimentos especiaes e varonil independencia do seu auctor.

Calvo Asensio, tão grande jornalista como Lorenzana, e grande apreciador dos estudos financeiros, encarregou o sr. Tejada da secção economica e commercial do periodico *La Iberia*, a qual redigiu até á revolução de 1868 com grande lustre para o jornal e grande nomeada para o auctor.

Feita a revolução, o governo provisorio nomeou-o governador civil de Tarragona, cargo que exerceu tão a contento dos administrados que, sem pressões, pôde enviar ao congresso todos os deputados do seu partido, que era o progressista.

Eleito deputado por Lorca, onde alcançou 22:000 votos, resignou o lugar de governador civil para tomar assento nas côrtes.

Tendo sido nomeado secretario da presidencia e posteriormente sub-secretario da presidencia do conselho de ministros, ficou sujeito á reeleição. Porém, era tal a sua popularidade no circulo de Lorca, que apesar de ter accedido aquelle alto cargo do governo, foi reeleito por 24:000 votos!

Quando o partido progressista se dispunha e organisava para a revolução, e se crearam centros nos districtos e provincias e um central em Madrid, o sr. Herreros ficou representando na capital a provincia de Logroño. O general Prim depositou em Tejada a maxima confiança.

São innumerous os seus trabalhos e esforços em favor do desenvolvimento dos conhecimentos financeiros, mercantis e economicos em Hespanha. Foi chefe do deposito geral do commercio de Madrid, e prestou grandes serviços ás sociedades de economia politica, á abolicionista, vangloriando-se egualmente de ter sido um dos mais fervorosos instigadores da união aduaneira.

Nas altas questões sociaes defende com a voz e com a penna os principios radicaes da nova escola economica, escola que de modo nenhum deve confundir-se com o movimento socialista contemporaneo. Em quanto que o socialismo, impugnando a legitimidade do trabalho, nega a historia, ataca a melhor garantia do trabalho e subverte as

idéas de justiça e ordem, a escola de Tejada, reclamando a abolição dos privilegios absurdos, fixa as leis do capital e do trabalho segundo as indicações da liberdade, da justiça e do bem geral.

J. SIMÕES DIAS.

---

ANTONIO FOGUEIRA

(3.º vol. da Comedia do Campo)

«A CARTA DO BRASIL»

Alguns annos depois, o Antonio da Engracia era tido como o rapaz mais turbulento d'aquelles sitios — attribuiam-lhe, a elle e aos seus companheiros, todos os casos bulhentos que por ali se davam. De todos esses amigos da infancia, faltava um, o Zé do sachristão, que tinha ido para o Brasil, e já escrevera muitas cartas. Na ultima fallava palavrosamente, com muitas repetições emphaticas, de largos projectos de fortuna. Affirmava estar muito contente, e promettia, se Deus o ajudasse, vir d'ahi a annos, fazer o orgulho de seu velho pae. Um largo periodo d'essa carta desvirgulada, era destinado especialmente a recomendar muito o seu pequeno cão, que elle deixára na aldeia no dia da partida. Tinha-o em grande estimação, desejava enconral-o quando voltasse; porque esse animal, magro, aleijado e rijo, representava para aquelle rapaz um affecto incondicional, uma dedicação cheia de provas, que elle tivera na paciencia com que lhe soffria as travessuras infantís, rojando-se no chão, com o ventre para o ar, os olhos humidos e resignados, ganindo humildemente, com obediencia. Na manhã de julho, em que José partira, quando elle com os olhos rasos de lagrimas se despedia das mulheres da visinhança, que lhe atacavam os bolsos de fructa; quando pela ultima vez para muitos annos, olhava para aquellas paredes negras e musgosas da sua aldeia, para os penedos que es-

tavam no alto do monte, para os pinhaes sombrios espalhando sobre essas cousas inanimadas uma vista de saudade; quando se despedia dos seus amigos que ficavam..... o seu cão, que recommendava em todas as cartas, ia na frente, a vinte passos, com uma perna no ar, correndo alegremente, bebendo nos regatos do caminho, voltando atrás para festejar seu dono, com movimentos expressivos de cauda e saltando-lhe ao peito. O animal acompanhou o sachristão e seu filho até meia legua fóra da freguezia; porém o *velho*, julgando inconveniente esta companhia, escorraçou-o para casa, fazendo-lhe gestos d'uma fingida colera theatral, atirando-lhe pedras, e dizendo—«*Passa fóra, Rabicho*».

O cão, conhecendo que era importuno, incommodo, que não devia proseguir, subiu a um muro, e ahí ficou de pescoço firme, com o focinho para diante, as orelhas tesas, os olhos fixos, numa attitude observadora.

Este rapaz de quatorze annos deixava a sua aldeia e as suas queridas affeições. Ia muito longe, procurar uma fortuna incerta. Poderia, no contacto do mundo indifferente, perder muitas das intimas recordações da sua terra. Porém, o que elle nunca esqueceria, era o dia em que partiu, as mulheres que lhe davam a fructa chorando, os rapazes que ficavam sentados nas pedras do caminho e a firmeza esperta do seu cão em cima d'aquelle muro. Os quadros da sua vida infantil, que muitas vezes reproduziria de memoria para contentar a saudade natural, todos deviam ter aquelle cão, em cima d'aquelle muro, numa posição intelligente e com o sol a illuminal-o fortemente d'um lado.

Nesta ultima carta, ainda se lembrava nitidamente de toda a gente da visinhança, designando cada um com o seu nome por extenso e acrescentando-lhe o alcunho. Aconselhava á senhora Engracia do Repolho que mandasse o seu Antonio para *aquella*, que ali é que se ganhava dinheiro e *se faz a gente homem*.

O sachristão, tendo-a soletrado meditadamente por tres vezes, sahiu de casa para a levar ao padre Beiral, o mais circumspecto dos ecclesiasticos visinhos. Era um homem pacato, com algumas impaciencias venaes, com muitas impertinencias d'achques, lembrando-se, sempre que lhe perguntavam pela saude, que vinha a morrer da bexiga; e dizia batendo com dois dedos no baixo ventre:

—É d'aqui, d'aqui é que hei de ir para os anjinhos como o João Thomaz.

O João Thomaz era um seu antigo condiscipulo, que morrera parochiando na visinhança.

Na sua comprida varanda telhada e soalheira, é que o Beiral fazia as suas queixas, e cumpria regularmente as suas resas, interrompendo-se sómente para deitar um milhinho ás gallinhas, que esgaravatavam no quinteiro. Mas os porcos, impacientes e gulosos, afugentavam as aves com grunhidos, com movimentos impulsivos de focinho. Então o ecclesiastico, com pequenos gestos de frenesi, voltava a cesta do milho, tomava novamente a mão cheia, e espalhava-o habilidosamente no quinteiro, com um largo gesto de orador que abrange um auditorio. Logo que as gallinhas sentiam o crepitar do milho sobre as pedras do quinteiro, corriam precipitadamente de todos os lados, com as azas abertas, os pescoços alongados, as mandibulas promptas, e principiavam a comer soffregamente, antes que voltassem os porcos.

Quando chegou o sachristão, remoía o padre Beiral as ultimas palavras da sua resa. O pae do brasileiro disse-lhe do fundo da escada de pedra, mostrando-lhe um papel azul, com um bom contentamento:

—Cá a temos, senhor.

—Não t'ó disse eu?! O rapaz não se esquece.

—Vai muito bem, com a ajuda de Deus que tudo manda.

—Está bom, homem. Entra cá para cima.

E numa voz mais baixa:

—Que diabos de porcos aquelles! São o vivo demonio. Ó Maria—chamava. Anda cá, rapariga!

Do lado do quintal respondeu uma voz sadia, num tom malreado:

—Que é, senhor?!

—Aquelles porcos que rompem o lençol... Deixa lá, Manuel; vem cá, a rapariga arranjará isso. Com que então o teu Zé escreveu.

—Aqui lh'a trago—certificava com rosto satisfeito, mostrando uma carta de papel azul, pautado, muito fino, que rangia entre os dedos.

Trazia-a cuidadosamente dobrada, tendo-lhe rasgado unicamente a parte da obreia, e mostrava orgulhosamente o talho da lettra commercial do sobrescripto, os carimbos de tinta vermelha, e, nos dois sêllos azues, a doce effigie do Imperador, com a sua fina barba-toda. Abriu melindrosamente a carta, e entregou-a ao ecclesiastico, dizendo:

—Lei-a, senhor, lei-a que *está-lhe* mesmo um *home*. Falla com uma cabeça!...

E tinha umas lagrimas orgulhosas, por ter um filho que *não merecia a Deus Nosso Senhor*.

O Beiral dizia-lhe:

—Confesso-te agora Manuel. Nunca pensei que fosse para lá fazer boas cousas. É bem certo o dictado: «Quem bom é, em toda a parte se salva».

E repetia com a inflexão do homem que conhece o mundo:

—Olha que são muitas, digo-to eu, Manuel.

Depois com os seus bons olhos d' aço, que primeiro limpou ao forro da batina, tomou a carta aberta, pô-a á distancia do comprimento do braço, e com signal approvativo de cabeça acrescentou:

—Ápre! Bonita lettra! Meu sobrinho sempre disse que para cousas de escripta era um dos que tinha mais geito. Do que elle não gostava, era que o teu filho andasse por esses montes aos ninhos. Lá com isso damnava-se; porque é caçador.

E ria d'um modo secco e breve.

—Saíu-me um rapaz que não mereço ao Altissimo. Leia essa carta, senhor!

E teve uma pronuncia sensibilisada, lacrimosa.

O clerigo continuou:

—Está bom, o rapaz sabe da cortezia. «Meu presadissimo pae.» Meu sobrinho puchou-te bem por elle.

—Estou-lhe obrigadissimo. Isso ainda que ponha a cara onde elle põe os pés. . . .

—Não lhe pagas não, podes dizer—rematava convencido.

O Beiral continuava a lêr num tom pausado, cheio de cadencia, pronunciando com inflexão approvativa, d'elogio. . . .

—«Desejo ir, muito brevemente a *essa*, para dar alegria a meu pae.» Não tem duvida, é bom filho. Ha quantos annos foi?

—Faz seis lá passante o S. João que vem.

E o ecclesiastico, como recordando-se, confirmou:

—É verdade. Agora me lembro. Quando me veio dizer adeus, dei-lhe peras das que tenho d'esse tempo.

O sachristão acrescentou melancolicamente.

—Parece que foi hontem, senhor! . . .

—E queres ver o que elle diz aqui abaixo?! «Diga á tia Engracia do Repolho que mande o Tone para *esta*.»

—Logo lá hei de ir.

O Beiral interrompeu com vivacidade:

—É malhar em ferro frio. É um grande bregeiro, é o que é. Não saí ao teu, que por andar com elle cheguei a pensar que ficasse por ahí um. . . .

E remoeu longamente para concluir com os beiços alongados e as proeminencias malares vermelhas:

— . . . . um grande *meliante*.

O sachristão atalhou com serenidade orgulhosa:

—Elle tinha um pae! V. s.<sup>a</sup> bem sabe, que não punha nada em lhe atirar os braços a terra, em lhe pôr os ossos num molho.

O Beiral respondeu:

—Deste-lhe a creação. Elle não era dos mais quietos (e sorria bondosamente), valha a verdade, mas soubeste ser pae. Não é como esse bregeiro, esse grande tratante, que me escangalhou uma videira o anno passado (enthusiasmava-se gradualmente), e me roubou as uvas que eu tinha ali para uma necessidade, para uma doença. Sabes? aquella videira que eu tinha do outro lado, ao pé da porta de baixo! . . .

O sachristão responde intrigadamente coçando a cabeça:

—Valha-nos a santa egreja! . . . Aquillo vae mal, senhor. O rapaz tem feito muitas; mas ha de encontrar o seu *home*.

—O que? — diz o clérigo afogueado. O seu homem hei de ser eu! Uma farda ás costas, uma farda, entendes tu?! Não descanço emquanto lh'o não fizer. Tenho muito amigo, *nesse* Vianna! Olha que lh'a arranjo.

E tinha um aspecto apopletico — concentrava-se-lhe gradualmente o sangue nas faces, os olhos tomavam uma vivacidade tigrina e a voz era tremula e humida. Contra o *doptivo* de Engracia ainda disse muitas coisas — elle é que lhe tinha aleijado um carneiro, attribuia-lhe o desmoronamento d'uma parede que apparecera no chão numa manhã de inverno, e affirmára que elle é que lhe destelhára um canastro para se lhe estragarem as espigas com a chuva. E concluía assim:

—Pódes dar graças a Deus que o teu saíu-te um rapaz chibante. Mas este de cá! . . . Bem se vê que falta um homem naquella casa. O Bernardo é um. . . . um *cebola*. Já disse á Engracia que mandasse aquelle (não sei como lhe chame, Deus me não castigue!) para a terra; mas ella é uma babosa pelo maroto, e quer deixar-lhe tudo. Emprega-o bem!

O sachristão que era homem de rosto moderado cheio de conveniencias, rematou:

—Pois sim, senhor. Então vou lá ao senhor mestre mostrar-lhe a carta do *meu Tamem* lhe manda muitas recommendações.

—Talvez o não encontres—disse o Beiral.—Aquillo, a estas horas, anda lá para o monte, á caça. Mas chega lá sempre, que os mestres gostam d'essas novidades.

E pouco depois, quando o pae do *brasileiro* ia no caminho, o padre chamou-o de cima, debruçando-se na varanda, e accrescentou:

—E mostra-a á Engracia do Repolho, não te esqueças, para ver se manda esse *licante* por uma barra fóra.

—Não tem duvida, senhor. Não me esqueço, logo lá vou.

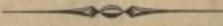
E o ecclesiastico recolhendo-se, concluiu para si, com um bondoso gesto de impaciencia:

—Mas a que diabo ha de ir elle ao Brasil, se nem sequer appren-  
deu a escrever o seu nome! . . .

E assim ficou o Beiral, remoendo intimamente as suas idéas singelas e o seu character. Sentindo o cacarejar espantadisso d'uma gallinha, que fugia precipitadamente diante do focinho impetuoso d'um cevado, tomou da cesta a mão direita cheia de milho e espalhou-o na largura do quinteiro. Depois com um olhar fixo, de pouca penetração, seguiu os movimentos dos porcos e das aves, pensando em cousas insignificantes.

O sachristão, dirigindo-se a casa do senhor mestre, levava, na mão esquerda, a carta cuidadosamente dobrada. Todos a viam—era de fino papel azul, que rangia entre os dedos: um papel conhecido. Os que tinham filhos no Brasil e que haviam recebido noticias, contavam-nas meudamente ao pae de José. Aquelles que não recebiam carta, havia muitos annos, mostravam-se tristes, desconsolados, impertinentes na conversa, quasi invejosos, querendo duvidar das felicidades que se desprendiam d'aquelle venturoso papel.

BENTO MORENO.



## NOVA FÉ

Um dos pontos mais salientemente característicos da philosophia positiva é, sem duvida, aquelle que diz respeito á crença religiosa.

A nova philosophia não investiga as causas primarias. Entende que o espirito humano não póde d'ellas ter um conhecimento positivo.

Desenvolve-se toda do principio proclamado primitivamente, em 1817, por *Auguste Comte*, aos vinte annos de idade: tudo é relativo; eis o unico principio absoluto.

Combate toda a theologia como escola de philosophia, mas não nega a existencia de Deus.

Não cria, como *Herbert Spencer*, um Deus seu—*The Unknowable*; não o concebe na materia animada, reconhecendo-lhe o espirito e a força em todos os phenomenos, como o novo materialismo allemão.

Por isso dissemos ser este um dos caracteres mais distinctivos das tres novas escolas philosophicas que modernamente prendem a attenção dos estudiosos: a philosophia positiva, a cuja frente está hoje *Littré*; a philosophia ingleza, que tem por chefe *Spencer*, e a nova philosophia monistica, fundada principalmente por *Hæckel*—o eminente continuador dos trabalhos de *Darwin*.

A philosophia ingleza, com quanto tenha muito em conta o methodo da observação e da experiencia, e proclame sempre as excellencias dos alevantados espiritos dos seus illustres conterraneos, *Bacon* e *Hume*, não se livra inteiramente do processo do *à priori*, e não se desliga do estudo da psychologia, metaphysicamente comprehendida.

A philosophia hœckelianna, fundando-se essencialmente no darwinismo, estendendo esta hypothese verificavel — a mais bella e a mais arrojada de todas as concepções modernas—ás mais largas conclusões, tira-lhe, por fim, todo o seu cunho de positividade. É, como muito bem disse um dos insignes collaboradores da *Revue de Philosophie Positive*, *M. de Roberty*, uma neo-methaphysica.

A mais justa solução está na philosophia comteana.

Mantém rigorosamente o methodo da observação e da experiencia, em todas as investigações, em todas as applicações; coordena as sciencias, com o fim do mutuo auxilio, fundando e demonstrando a unidade scientifica, que é a evolução natural de toda a theologia e de toda a metaphysica.

A philosophia positiva não destroe a crença, esse vago sentimento que tem acompanhado a humanidade desde o seu apparecimento na historia até nós, transmittida na successão dos tempos, pela hereditariedade, pela educação, pelo meio: modifica-a, apenas, d'uma comprehensão absoluta para uma comprehensão scientifica.

A sciencia, não sabendo nada de Deus, nada tem que ver com Deus; não podendo explicar as grandes forças naturaes, reconhecendo-se impotente nessa explicação de factos d'ordem superior, estuda só o relativo, e procura nelle assentar hypotheses, essencialmente verificaveis, que lhe auxiliem o estudo constante dos factos ao seu alcance. De conhecimento em conhecimento marcha seguramente a philosophia, livre de todo o preconceito, desprendida de qualquer ideia *à priori*.

Este estudo de quanto está nos limites da sciencia, satisfaz o espirito. Se alguém, no entanto, na comprehensão do mundo, segundo as novas theorias, sentir intuitivamente a idéa de Deus, a philosophia admite-lhe esse sentimento religioso; mas manda-o reservar para o fôro intimo da sua consciencia, sem nunca o trazer para o dominio da philosophia.

Na philosophia, na sciencia, a unica crença compativel com ella, é a fé scientifica—*a nova fé*, baseada no muito que o homem conseguiu saber na luta constante pela vida, no muito que conseguiu fazer pela applicação d'esse saber. É d'esta fé que nasceu a unica crença digna do homem do nosso seculo, assombroso em descobertas scientificas, nos multiplices ramos do conhecimento humano, e nas applicações d'essas descobertas ás artes e ás industrias, a unica crença que nos póde dar a justa confiança que devemos á nossa vontade, — força tão valorosamente provada,—instigando-nos ao trabalho com a certeza de podermos praticar e illimitadamente descobrir a ordem da natureza, assegurando-nos a esperança d'uma moral positiva.

Tende a generalisar-se, porque nasce directamente da sciencia; e a sciencia é hoje o unico poder capaz de unificar as raças pelo sentimento e pela convicção, encaminhando-as para uma mesma civilisação, por isso que só ella tem as condições de luta e de generalisação.

As velhas religiões, cansadas e batidas pela descrença dos seus setarios, pelas contradicções scientificas em que cáem, pela incompatibilidade dos seus dogmas com o espirito livre, pela falta de logica da sua moral, são hoje absolutamente incapazes de estender o seu dominio. A cadeia dos seus dogmas e preceitos está quebrada, desfeita toda a sua unidade pela propria commodidade dos seus fieis. As religiões o mais que fazem, presentemente, é conservar. Sem o auxilio do milagre não têm um facto convincente na sua propaganda. Na mesma época em que os catholicos apregoavam ao mundo o apparecimento de *Lourdes*, os mahometanos glorificavam o grande Propheta, porque Elle tinha apparecido em corpo a um guarda do seu tunulo! E o que o catholico pensa do milagre mahometano, é certamente o mesmo que o mahometano pensa do milagre catholico.

A sciencia, ao contrario, cheia d'uma expansibilidade, propriamente sua, espalha os seus conhecimentos pelos livros, pelas industrias, pelos telegraphos, pelos caminhos de ferro: na America, na Asia, na Africa, na Oceania. Vai a toda a parte: onde não conquista pelo livro, pela especulação, theoreticamente, conquista praticamente pela maravilha e pela utilidade.

Quando a instrucção, segundo o plano positivista, for estabelecida, ensinando-se a homens e mulheres os mesmos conhecimentos nas suas bases essenciaes, dando-lhe uma idéa geral da philosophia, explicando-lhe a hierarchia scientifica, certamente a *nova fé* assumirá todo o seu poder que lhe vem de ser a continuação scientifica de quanta crença avassalou o mundo.

A humanidade, primitivamente selvagem, criou o fetichismo: adourou inconscientemente quanto a rodeava. Depois, foi synthetizando esses fetiches, por um trabalho generalizador: uma arvore foi o deus das florestas, um astro o deus dos astros, fazendo uma passagem para o polytheismo; e d'este estado, num progresso gradual e especializador, chegou ao monotheismo.

A methaphysica nasceu pela revolução operada naturalmente nos espiritos pelo desejo de comprehender o mundo por um exame racionalista, desprendido dos dogmas religiosos, e veio vindo até definir de vez—o *livre exame*. Os progressos sociaes succederam-se rapidamente, depois da *refórma*, e a evolução negativa da humanidade operou-se.

Constituidas as sciencias naturaes, verificadas e definidas as suas leis, applicados todos os seus conhecimentos ás necessidades do homem,

fundada a philosophia pela coordenação das sciencias, descoberta a lei dos tres estados, estudada a historia pelos novos processos, proclamada a physica social, com os seus phenomenos estaticos e dynamicos, a sociologia tende a formar-se scientificamente. D'ella provirá o novo direito, a nova moral social—complemento da moral individual fundada pelo polytheismo e da moral da familia que o catholicismo criou.

É á luz, pois, da nova philosophia que a evolução positiva da humanidade ha de principiar.

As religiões tiveram origem na necessidade que o homem sentia d'uma explicação do mundo e da sua propria personalidade, e ainda, depois, noutra necessidade igualmente imperiosa: a necessidade de manter a ordem na sociedade, derivando-a d'uma força superior.

Essas necessidades estão hoje modificadas. Para a comprehensão do mundo bastam as theorias modernas; para manter a ordem, basta a força do direito e a comprehensão facil do modo de viver necessario para havermos a tranquillidade, o desenvolvimento social e a satisfação do nosso bem estar.

Alguma cousa falta, é verdade, para o complemento do nosso sentimentalismo—a fórmula de novos ritos sociaes que celebrem os grandes bemfeitores da humanidade, e que commemorem as suas grandes solemnidades. Falta a que, talvez, a correção do calendario e religião positiva do grande *Comte* porá um dia termo.

O homem tende, segundo *Laffite* affirmou, a ser cada vez mais religioso, mas certamente não tende a inscrever-se no numero dos discipulos do *pontifice Congreve*, na egreja dos positivistas inglezes.

Definida a *nova fé* pela crença scientifica e delineada a sua fórmula, o seu *ritual*, pela consagração das grandes obras e dos grandes obreiros da civilisação, o futuro fortificando aquella consolidará esta.

VICENTE PINHEIRO.



## ÉPICURISME

L'idée c'est la mer sans plages  
Aux éternelles tempêtes;  
Machine qui broye les têtes,  
De ses terribles rouages.

Aussi j'adore la vie  
Du coeur, tuant la pensée.

.....  
Voilà déjà la fumée  
D'une charmante folie:

De ta bouche rose et belle,  
La mystique fleur sensuelle,  
Que le feu d'amour caresse,

Je veux le baiser, brulant,  
Comme un beau soleil couchant  
Sur l'azur de ma jeunesse.

AUGUSTO DA FONSECA.



## MEMORIAS D'AUSENCIA

## (FRAGMENTOS)

Quanto mais desejo ver-vos,  
Menos vos vejo, Senhora:  
Não vos ver melhor me fora.

CAMÕES.

## I

## VIAGEM

.....Desde hontem que vos não vejo! vi-vos e fallei-vos hontem; hoje nem vos vejo nem vos fallo! E foi tão repentino este transe, que a mesma rapidez do tempo me afervora mais os desejos e torna mais fina e intensa a saudade que me despedaça o coração!

Parti acreditando no vosso affecto e na vossa pena pela minha ausencia, porque tinha necessidade de fé, para que na minha soledade me sorrisse a esperança, para que entre os negrumes que me enlutam estes dias me brilhasse propicia estrella, para que me guiasse um pharol seguro por entre os martyrios que me opprimem em tamanha solidão e desconforto. Eu tremo, e morreria de dor se soubesse que neste momento, a esta hora em que o coração se me transborda em fel por ausencia tão prolongada, o vosso rosto retratava um riso, ou o vosso peito acolhia uma alegria....

Ai! senhora, eu necessito da vossa affeição porque necessito de viver, e só vivo para vós; porque o amor nos une e nos torna num só ente. Nunca lestes acaso aquella definição do amor — «que é um homem e uma mulher transformados num anjo»? — Embora ausentes os

nossos sentimentos unem-se num mesmo laço, as nossas almas num mesmo sentimento. As nossas vidas resumem-se numa só vida exclusiva d'ambos, e que por pertencer a um e outro nos faz um unico ser, nos dá uma unica existencia.

E que vale por ventura a distancia?... Se hoje me ausentei, continuei comtudo a ver-vos; vejo-vos agora mesmo, ao traçar estas linhas, e ver-vos-hei sempre, porque o vosso rosto, a vossa figura d'anjo avulta a meus olhos em todos os objectos circumstantes. Quando o barco me impellia para longe, eu mirava a corrente fugitiva, o céu puro e brilhante com a magestade do sol, as arvores que bordavam as margens do rio, os campos, as povoações; e estas vistas não me distrahiam, mas me concentravam mais na lembrança do passado. Entretanto a corrente fugia, e fugiam as arvores, os campos, os povoados... só ficava sempre o mesmo céu sobre a minha cabeça, e a vossa imagem sempre impressa no meu coração... porque o céu é o infinito, e a vossa imagem é a minha vida....

## II

## ANTE-LOQUIO

Quand le bonheur a fui, son reflet brille encore:  
Le souvenir dans notre coeur  
C'est le parfum de la liqueur,  
Qui dans le flacon vide, avant qu'il s'évapore,  
Conserve un moment sa fraîcheur.

Des jours heureux aussi la mémoire s'altère.  
Mais plus le vase est bien fermé,  
Plus longtemps il est parfumé:  
Gardons en notre coeur, comme en un sanctuaire,  
Les sentiments qui l'ont charmé.

Estes versos francezes, cujo auctor desconheço, representam bem a minha situação presente. Fugiu a felicidade, mas brilha ainda o seu reflexo. O coração é o vaso que ainda exhala os seus perfumes; e estes perfumes são a saudade reanimada com a memoria.

Aportei a esta terra, terra que é para mim hospitaleira, porque nella apérto mãos de amigos; mas d'esta vez pisei-a com o coração oppresso de tristeza. . . . Para a minorar enceto este livro de memorias, que seja uma homenagem ao nosso affecto e um lenitivo para a minha saudade.

Entre as lembranças que vós me excitaes, que enroscaes amorosamente no meu peito, me accudiu esta, a de vos narrar a historia singela do meu singelo viver, de copiar pela penna os sentimentos intimos que me sanctificam a alma.

Vou escrever um livro, cuja extensão não sei previamente marcar, mas que é um livro todo vosso. . . .

*Que le livre lui soit dédié*, direi com o poeta das *Odes et Ballades*; e vós acceitareis o meu preito, porque sois quem o inspirais.

Na vossa presença que importavam letras? Meus olhos eram o livro dos affectos, onde lieis as paginas da minha ternura. Distante agora, circundado de tristezas, choro pelo passado, e os olhos embaciados fecharam toda a sua escriptura. A formosa terra que me cerca me parece vestir tambem os crepes que me enlutam o coração. . . .

Cá neste céu do meu tão apartado,  
 Em tão remota serra,  
 Me parecem as plantas  
 Tristes, e triste, oh rouxinol, que cantas:  
 Os lirios tristes que produz a terra:  
 Feias do campo as rosas;  
 E vós, luzes do céu, menos formosas <sup>1</sup>.

Venha pois ainda o clarão da felicidade preterita attenuar as nevoas que me toldam estes horizontes. Derramem-se por estas linhas as ondas do amor que me transborda do peito. É elle que dicta todos os meus pensamentos; bafeja-os com o seu anhelito de fogo, escreve-os com a ponta da sua setta, refrigera-os com as plumas das suas azas.

Ainda assim, que inspiração póde, por ardente que seja, retratar de leve o fulgor dos vossos olhos?! . . . d'aquelles lindos olhos, de quem diria com o nosso poeta:

<sup>1</sup> Fernão Alvares do Oriente.

Se mil almas tivera,  
Que a tão formosos olhos entregara,  
Todas quantas pudera  
Pelas pestanas d'elles pendurara....

Repousae-os ao menos, os vossos olhos, sobre estes traços, porque para vós foram feitos, e vós sómente comprehendereis porventura as minhas palavras...

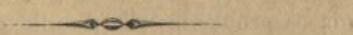
Não é o que se segue narração circumstanciada ou apontoado de factos; nem são os devaneios da *Menina e moça*, onde luza o ingenho ao lado do sentimento. Nada d'isso. Traduzo o pensamento pela palavra conforme acode aos labios; e o seu interprete é a penna, este instrumento sublime quando manejado pelo genio, que é espada de guerreiro nas discussões, bordão de pastor no ensinamento, e que para mim é simplesmente penna....

Os capitulos que escrevo não têm entre si ligação nem harmonia, porque a fórma e idéa são differentes, modeladas nas aspirações caprichosas do espirito. Devem ser alegres quando o vaso do coração me transborde de prazer, tristes quando a alma se me engolphe em melancolia. Mas alegrias e tristezas terão a mesma origem, serão irmãs. Não será a mesma a face, nem tambem diversa como a dos que procedem do mesmo sangue. Serão ramos do mesmo tronco, viçosos uns, desmaiados outros, mas nutridos todos da mesma seiva.

Ahi vai o meu livro; acolhei-o. Enthesourae nos arcanos do vosso peito os meus pensamentos, que são vossos, pertencem-vos; e não attendei para louçanias de locução ou elegancia de phrases, porque não estudei nem compuz. Lancei apenas ao papel as palavras que melhor me accudiram para exprimir o que sentia.

Lêde....

A. A. DA FONSECA PINTO.



## A HEGEMONIA DE PORTUGAL NA PENINSULA IBERICA

A «Hegemonia de Portugal na península Iberica» é o titulo attra-hente de um opusculo recentemente publicado em Lisboa.

É seu auctor o sr. Horacio Esk Ferrari.

O sr. Horacio Ferrari affirma-se por um talento distincto, um espirito elevado, altamente scientifico, e ambas estas qualidades tem elle sabido cultivar e augmentar na leitura dos bons livros dos philosophos modernos.

Taes são as qualidades salientes do auctor do folheto de que nos propomos occupar, qualidades estas que immediatamente sobresaem da sua leitura, e que por si só são recommendação sufficientissima para a obra e para o seu auctor, perante aquelles que professam o respeito do talento e do estudo.

Habilitado por uma sólida educação de mathematicas puras, adquirida na Escóla Polytechnica de Lisboa, tendo em seguida militado como voluntario no brioso exercito do general Concha, que então operava ao norte de Hespanha contra D. Carlos, e retemperada e augmentada finalmente a sua educação scientifica no revelador estudo das sciencias phisicas e biologicas, effectuado na escóla medica de Lisboa, o sr. Horacio Ferrari não é um escriptor vulgar e d'ocasião, sem sciencia nem consciencia, que apparece perante o publico a dizer o seu sentimento a respeito de um determinado assumpto, para o qual não tem competencia, nem direito de critica.

Possuidor da mais completa educação scientifica que hoje se póde adquirir—a educação médica; conhecedor de Portugal, porque nelle nasceu e tem vivido, conhecedor egualmente do estado actual da Hespanha, porque viveu durante algum tempo intimamente ligado a elle, o sr. Horacio Ferrari tem a competencia scientifica para penetrar no vasto campo dos problemas sociologicos e muito especialmente para emittir a sua opinião nos particulares problemas da sociologia iberica.

Na sociologia os problemas são complexos, e para a sua complexidade insignificantes os meios de estudo e de analyse; a sciencia sociologica não attingiu ainda definitivamente o seu periodo de positividade, e portanto muitos dos seus problemas estão ainda sujeitos ás interpre-

tações subjectivas. Póde, pois, o sr. Horacio Ferrari errar, mas o seu erro não poderá nunca tirar o cunho scientifico e moderno ao seu trabalho.

Rendida a justa homenagem da nossa consideração pelo talento do sr. Horacio Ferrari e pela obra que soube produzir, vamos em algumas palavras dar idéa do seu sympathico folheto, acompanhando-as, certos de que com isso se não molestará o valor do auctor, com alguns reparos que se nos suscitam ao espirito.

\*

\* \*

O sr. Horacio Ferrari é um leitor attento e meditado de Herbert Spencer, e é na theoria da integração, tão brilhantemente definida pelo philosopho inglez, que elle assenta a solução do problema apresentado e resolvido nas 32 paginas do seu opusculo.

O problema com os seus dados, como o concebe o sr. Horacio Ferrari, póde na sua maxima simplicidade formular-se do seguinte modo:

Dadas as duas nações, Hespanha e Portugal, consideradas as suas reciprocas relações geographicas, ethnicas, moraes e sociaes, attendido por um lado o estado de dissolução em que vai a Hespanha, ponderado por outro as condições mais favoraveis de progresso e de civilização em que se acha Portugal—obstar á influencia dominante da Hespanha no processo da integração da raça iberica, prevenindo assim, na actualidade a dissolução de Portugal, no futuro, no momento logicamente fatal da união iberica, a perda da nossa nacionalidade.

Se o problema é complexo, como se vê, a solução que lhe dá o sr. Horacio Ferrari não é menos complicada:

Organisar a hegemonia de Portugal na Peninsula Iberica, isto é, a influencia e direcção de Portugal nos destinos sociaes da peninsula.

No problema, como o traçámos, e na solução que acabamos de enunciar, está o livro do sr. Horacio Ferrari, obra nascida de um espirito levantado e em que ao merecimento philosophico se junta um outro não menos raro—o sentimento patriotico.

As condições em que o problema é posto e a fórmula que o resolve, não podem ser mais lisonjeiras para o orgulho portuguez, e em tão elevado gráo o são, que nos chegam a parecer adadoras para nós, injustas para a nossa valorosa vizinha e algum tanto falsas no desapaixonado campo da philosophia.

Admittida a verdade da totalidade dos dados com que o problema foi organizado, o processo scientifico empregado na sua resolução, em que foram tidas em conta todas as condições phisicas, biologicas e sociologicas que determinam a integração dos povos num ou noutro sentido, sem duvida póde levar *theoricamente* á solução hegemonica, como a mais harmonica com a complexidade de circumstancias a que tem de satisfazer.

Não contestamos isto ao auctor da *Hegemonia*, mas quer-nos parecer que nas apreciações tanto de Portugal como de Hespanha se deixou algum tanto apaixonar, o que, se moralmente póde ser uma virtude, scientificamente é um erro.

Não queremos com isto significar que o modo de ver do sr. Horacio Ferrari a certos respeito seja absolutamente falso, não; accetamos a maxima do seu illustre mestre Herbert Spencer «de que existe uma alma de verdade nas cousas falsas», mas francamente fazem-nos effeito de ter uma bem pequena alma de verdade asserções d'esta ordem: — «que a Hespanha se dissolve (pag. 4), que não temos condições para nos mantermos indifferentes perante essa dissolução (id.)» etc.

Dissolve-se a Hespanha? Não o sabemos, não nos parece que alguem o possa affirmar.

Entregue a lutas politicas e intestinas em que se degladiam os seus multiplices partidos, sem poderem chegar a um accordo sobre a fórma de governo que deve satisfazer ao seu estado de civilização e de progresso e ás suas aspirações, quererá o sr. Horacio Ferrari deduzir, pelo simples facto de que não resolveu ainda um problema difficil, que ella está em decadencia? Não nos parece justo esse criterio. Emquanto a nós, vêmos nesse empenho, geralmente partilhado na Hespanha, mais uma prova de vitalidade, do que uma condição de decadencia, e confiamos mais, para os commettimentos do progresso, nas convulsões da Hespanha, do que na inercia de Portugal, tantas vezes provada nas épocas de invasão. A agitação da Hespanha é uma d'estas febres eruptivas que só apparecem na gente robusta, sadia e animada de bom sangue, e que apenas provam exuberancia de vitalidade; a paz de

Portugal, a sua *paz pôdre* (a locução é só portugueza), a *natural cordura* dos seus habitantes, a sua indiferença conhecida para todas as conquistas da civilisação, a sua subserviencia perante os caprichos governativos, e inclusivamente sob o espancamento e as cutiladas da tropa, definem ao contrario o mais completo estado de anemia.

As circumstancias actuaes da Hespanha obstem sem duvida ao desenvolvimento natural e progressivo das artes e das sciencias, mas ainda assim, comparando esse desenvolvimento com o nosso, observa-se o phenomeno verdadeiramente paradoxal da guerra lá produzir mais do que a paz entre nós.

A existencia de sociedades scientificas de iniciativa particular, disseminadas em todas as cidades principaes da Hespanha, em Madrid, em Cadiz, em Malaga, em Barcellona, etc.; a fundação recente de institutos, como o de Histologia e o de Antropologia do dr. Pedro Morales; a publicação de jornaes scientificos de um alto valor, como são a Revista da Universidade de Madrid, os Annaes da Sociedade Hespanhola de Historia Natural, o Boletim da Sociedade Geographica de Madrid, etc., denotam a existencia de preoccupações scientificas, civilisadoras e de um numero prodigioso de espiritos elevados e cheios de iniciativa. Portugal, porém, indifferente a este movimento, amarrado ás suas instituições de criação mais ou menos official e remota, possui na sua capital, como criação moderna e de expontaneidade particular apenas a Sociedade Geographica de Lisboa. De mais, apenas um leve movimento scientifico tende a produzir-se: é exactamente *nas velhas faculdades*, como o auctor da Hegemonia lhes chama, e onde as nega, que preoccupações scientificas começam a definir-se pelo apparecimento de jornaes, como são o *Seculo*, o *Jornal de Sciencias Mathematicas* e a *Evolução*, e pela criação de uma sociedade de Estudos medicos de indole completamente positiva.

Partindo d'esse estado de dissolução, em que o sr. Horacio Ferrari vê a Hespanha, e cuja negação podiamos ainda reforçar, se isso não estivesse fóra dos limites da leve apreciação que estamos fazendo do seu trabalho, com muitos outros argumentos, diz elle que Portugal se não pôde conservar indifferente.

Quer-nos parecer que neste ponto é a historia que não está de accordo com a sua opinião, pois se ha nações que mais affastadas tenham vivido, estando tão proximas, e que politica e moralmente menos se tenham influenciado, são de certo a Hespanha e Portugal. A estabili-

lidade das nossas instituições fundamentaes perante a quéda das da Hespanha, ainda não ha muito o comprovou.

O sr. Horacio Ferrari, depois de ter mostrado a decadencia hespanhola, prova directamente a prosperidade nacional. Os seus argumentos são: a opinião favoravel dos estrangeiros em geral, e do sr. Fernandes de los Rios em particular.

Pelo que diz respeito á opinião das outras nações a verdade é infelizmente esta: que, a não ser em algumas sociedades scientificas e nas classes mais elevadas do mundo politico, chegam a não reconhecer a nossa nacionalidade, a incorporal-a na hespanhola e a ensinar pelos livros esta falsissima noção nalguns collegios, como ainda ha pouco nos referia um distincto diplomata portuguez. Emquanto ao sr. Fernandes de los Rios, que no opusculo é considerado insuspeito, ninguem o é menos. O sr. Fernandes de los Rios representou em Portugal o papel de conspirador contra a nossa autonomia, e não desprezou para isso meio algum—sobre tudo o da lisonja.

\*

\*   \*   \*

Se os dados do problema, definido pelo sr. Horacio Ferrari, são erroneos, como nos parece, a solução, que o resolvia não têm lugar de ser, e a Hegemonia de Portugal é simplesmente um sonho; se por outro lado o problema, feitas as modificações que o nosso diverso criterio lhe introduziu, subsiste cheio de oportunidade, qual é a sua solução?

É esta:

Organisar a autonomia de Portugal na Peninsula Iberica.

É a nossa opinião. Se Portugal tem logicamente de fundir-se num praso que póde ser muito demorado, e que oxalá o seja (dizemol-o sem preocupação de sentimentalismo) com a Hespanha, se esta ambiciona aproximar esta data pela conquista ou por uma união expontanea, mas extemporanea, o meio de nos oppormos a todas as allianças actuaes ou futuras que poderiam comprometter a dignidade de uma nacionalidade que sete seculos justificam, é este: organizar a nossa Autonomia.

Organisar a nossa Autonomia é: levantar o character nacional pela educação que os exemplos dignos, vindos das classes mais civilisadas,

podem produzir; pela instrucção, popularisada não nos jornaes politicos, mas em semanarios scientificos; pelos melhoramentos materiaes que tendem a influir na educação, na instrucção e na prosperidade economica de um povo, e finalmente pela organisação da defeza nacional, a garantia da liberdade e da dignidade nacional.

EDUARDO BURNAY.

## ALEXANDRE HERCULANO

Já escrevemos longamente do grande homem, satisfazendo em testimunho de respeito e admiração a um dever de jornalista<sup>1</sup>.

Archivamos aqui tão sómente a homenagem que lhe presta a *Litteratura Occidental*.

Mestre de nós todos, a geração nova deveu-lhe profunda lição. Acusada de querer com demagogia revolucionar as idéas, não só combatendo, mas também offuscando a gloria dos velhos lutadores, protestou no respeito que sempre teve para com Alexandre Herculano, na justiça que sempre fez ás suas opiniões, que tinham por fundamento o estudo indefesso e a critica do bom senso, desapaixonada de escólas, liberta de rivalidades.

E em quanto elle se impunha com a austeridade da sua vida purissima, bradavam por incenso lisonjeiro vozes desauthorisadas, facciosas, que não tinham por si nem a sciencia, nem a consciencia, nem a arte, nem a probidade.

Só lhe foi condemnada a abstenção; abstenção que nem as suas phrases friamente irritadas do *Eu e o clero*, nem as considerações do sr. Pinheiro Chagas podem absolver. Se as palavras do sr. Maggesi tinham por si o respeito, a má lingua de Francisco Recreio só merecia desprezo.

O seculo XIX no seu começo deu a Portugal uma geração de fortes, bem parecida de outras eras. O cyclo, que abriu por um revolucionario politico, Mousinho da Silveira, fechou por um outro que o foi na litteratura—Alexandre Herculano.

Collocae no meio a Almeida Garrett, e completa-se o triumvirato da nossa affirmação nacional. Um povo que, no amanhecer da liber-

<sup>1</sup> *Correspondencia de Coimbra*, VI anno, n.º 76.

dade, encontra um ministro como os que são modelos em França e Inglaterra; um historiador tão grande como maiores não existem, e um poeta que traduz uma nova escola na inspiração nacional, é livre, é independente, tem vida, pôde caminhar para diante.

Não fica ahí declamação patriótica, mas só uma verdade de direito publico numa fórma de litteratura.

Alexandre Herculano foi um typo modelo, dos que a natureza dá em momento de inspiração e prodigalidade, em variante de Victor Hugo. Depois parece que lhes quebra o molde, como se ella caprichasse em criar raridades.

A austeridade organica da sua vida levou-o para a historia. Devia entender-se bem com os heróes, discretar com elles em linguagem amiga em bem da patria e a bem da humanidade. Leu a historia em documentos esquecidos, juntos por aquellas *tulhas de dormideiras*, que Garrett defendeu com exclamações—os classicos—, e escreveu-a com verdade.

Esta criou-lhe inimigos. Em outro tempo seria um martyr. Assim foi só um calumniado de insignificantes, por que a critica historica, desconhecida entre nós, foi apedrejada como innovação perigosa. Mas elle combateu sempre, pela sua obra, dando exemplo que não mais foi seguido entre nós, e que poucos semelhantes possui além das fronteiras.

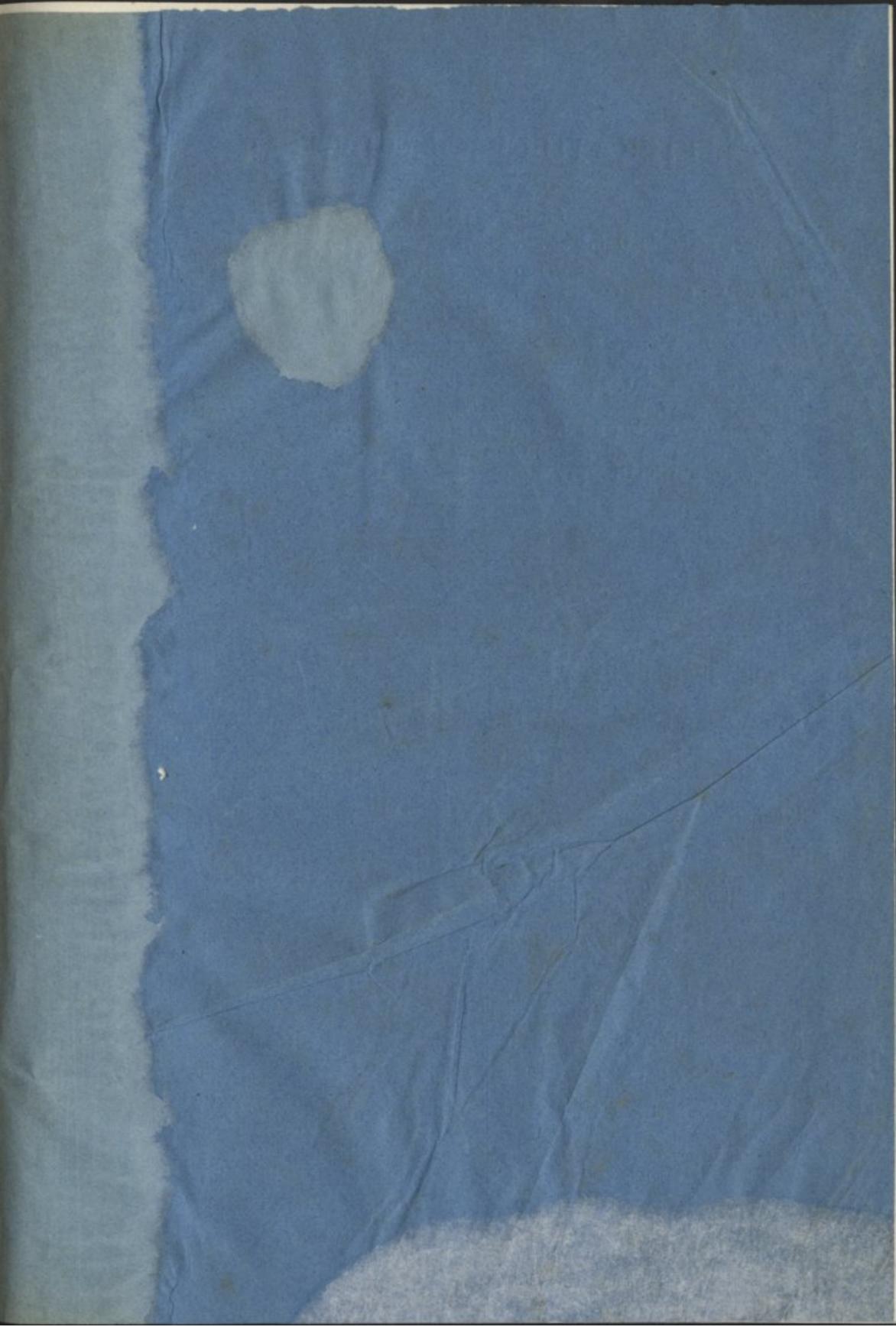
Não entram neste louvor as vaidades irritantes e irritadas; estas assopraram-se por um orgulho pequeno, mas desmedido, e não podem soffrer comparação.

Da alta comprehensão que Herculano tinha de toda a peninsula, nasceram tres obras gigantes, que seriam primeiras na Allemanha ou na França: *Historia de Portugal*, *Historia do estabelecimento da inquisição* e o *Monasticon*.

O verdadeiro monumento que ha a levantar-se-lhe deve assentar na vulgarisação d'estes livros immortaes. Abra-se subscripção nacional; compre-se o direito de edição, e distribuam-se nas escolas como premios, dêem-se a todas as bibliothecas, offereçam-se aos municipios e ás parochias.

Caem os monumentos de pedra e bronze, embora levem a tocar nas nuvens os heróes, onde em balde queriam chegar os titans; tal monumento nunca viria a terra, porque firmaria base na illustração e na civilisação de muitas gerações.

SERGIO DE CASTRO.



# LITTERATURA OCCIDENTAL

## ASSIGNATURA:

COIMBRA, serie de 6 n. <sup>os</sup> . . . . .	15200 reis
PROVINCIAS » » . . . . .	15240 »
HESPAHHA » » . . . . .	7 pesetas
BRAZIL » » . . . . .	15500 rs. fortes

A assignatura é paga adiantadamente. Deve ser enviada a sua importancia em vales do correio, deduzido o premio, e só em estampilhas das localidades onde se não passem vales.

Redacção—RUA DE J. A. D'AGUIAR, COIMBRA.

Acceitam-se correspondentes em todas as localidades, com a commissão convencionada.

## EXPEDIENTE

Por motivos extraordinarios se demorou a publicação d'este numero. Os seguintes apparecerão com a possivel regularidade.

### MUSEU TECHNOLOGICO

REVISTA DAS INDUSTRIAS PORTUGUEZAS  
E ESTRANGEIRAS

E DOS

Principios scientificos em que as mesmas  
se fundam

PUBLICAÇÃO MENSAL E ILLUSTRADA

Director—M. DA MAIA ALCOPORADO

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Paga adiantadamente ou depois da publicação  
de cada numero)

EM PORTUGAL

Por seis mezes . . . . . 15000 reis  
Cada numero de 46 pag. a duas col. 200 .

NO BRAZIL

Por seis mezes . . . . . 25000 reis  
Cada numero de 46 pag. a duas col. 400 .

Assigna-se nas principaes livrarias do reino.

### COMEDIA DO CAMPO

### AMOR DIVINO

POEM

### BENTO MORENO

Preço—500 reis

A venda em todas as  
livrarias.

